

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME V



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1966

CONIMBRIG A

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

COMISSÃO DE REDACÇÃO :

Doutor MANUEL LOPES DE ALMEIDA

Doutor MÁRIO MENDES DOS REMÉDIOS DE SOUSA BRANDÃO

Doutor TORQUATO DE SOUZA SOARES

(Professores Catedráticos da Secção de História)

Licenciado JOÃO MANUEL BARRÃO OLEIRO

Licenciado JORGE DE ALARCÃO

Licenciado MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO

(Secretários)

Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para revisão,
pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao

**DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE — COIMBRA — PORTUGAL**

CONIMBRIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME V



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1966

(Página deixada propositadamente em branco)

A NECRÓPOLE DE VALDOCA (ALJUSTREL)

Este estudo só foi possível devido à compreensão das Ex.^{mas} Administração e Direcção das Minas de Aljustrel. Na verdade, compreendendo, por um lado, o valor arqueológico, para o nosso país e até para o mundo em geral, do material que se foi encontrando na sua concessão mineira e interessando-se, por outro lado, pelos seus antecessores, embora longínquos, na exploração dos jazigos de Aljustrel, a Administração e a Direcção da empresa viram com benevolência os trabalhos de escavação e, últimamente, o estudo do material.

Desejamos, por isso, agradecer ao Sr. Leon R. de Barsy, Presidente do Conselho de Administração da Sociedade Minas d'Aljustrel, S.A. e ao Sr. Eng.^o Jacques Louis, Director-Geral Delegado em Portugal da mesma empresa.

Também os nossos colaboradores são dignos de menção, pois, embora destacados para executar os serviços necessários ao estudo do cemitério de Valdoca, fizeram-no com tanto interesse e entusiasmo, que justificam em parte o êxito e o bom termo do trabalho.

Assim, o Sr. Eduardo Maria Moreira, ao tempo colector ao serviço da empresa, fez os levantamentos, escavações e restauros; o Sr. António Gonçalves, ao tempo um já velho mineiro da empresa, fez a maior parte das escavações e restaurou, com raro sentido estético, as peças cerâmicas.

Por último, o Sr. José Conduto Carreira, actual desenhador da empresa, desenhou, no seu tempo livre, as figuras do presente trabalho.

As fotografias são de Freire d'Andrade e de Eduardo Maria Moreira.

1 — CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Desde os fins do século passado, ou seja, desde o desenvolvimento da exploração moderna das Minas de Aljustrel, que se têm vindo a encontrar e a registar vários vestígios da ocupação romana na área de Aljustrel.

Os mais notáveis achados são as duas tábuas de bronze com a legislação romana, uma delas a aplicar no «distrito mineiro de Vipascum», a outra com legislação técnica a seguir pelas minas de prata e ouro.

2 OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA e RUY FREIRE DE ANDRADE

Outras peças, como caldeirões de bronze, escadas, espartões de juta, sandálias, colheres de madeira e diverso mobiliário (lacrimários, lucernas, urnas e outras vasilhas), encontram-se distribuídas pelos museus Nacional de Arqueologia e Etnografia (material ainda não estudado), Serviços Geológicos de Portugal (1), Museu Regional de Beja (2) e Museu local das Minas (3).

À excepção das peças que se encontram actualmente no Museu das Minas, todas as outras foram encontradas fortuitamente, ou no interior da mina, ou nos escoriais (caso das tábuas de bronze) ou em consequência da actividade de «pesquisadores de tesouros».

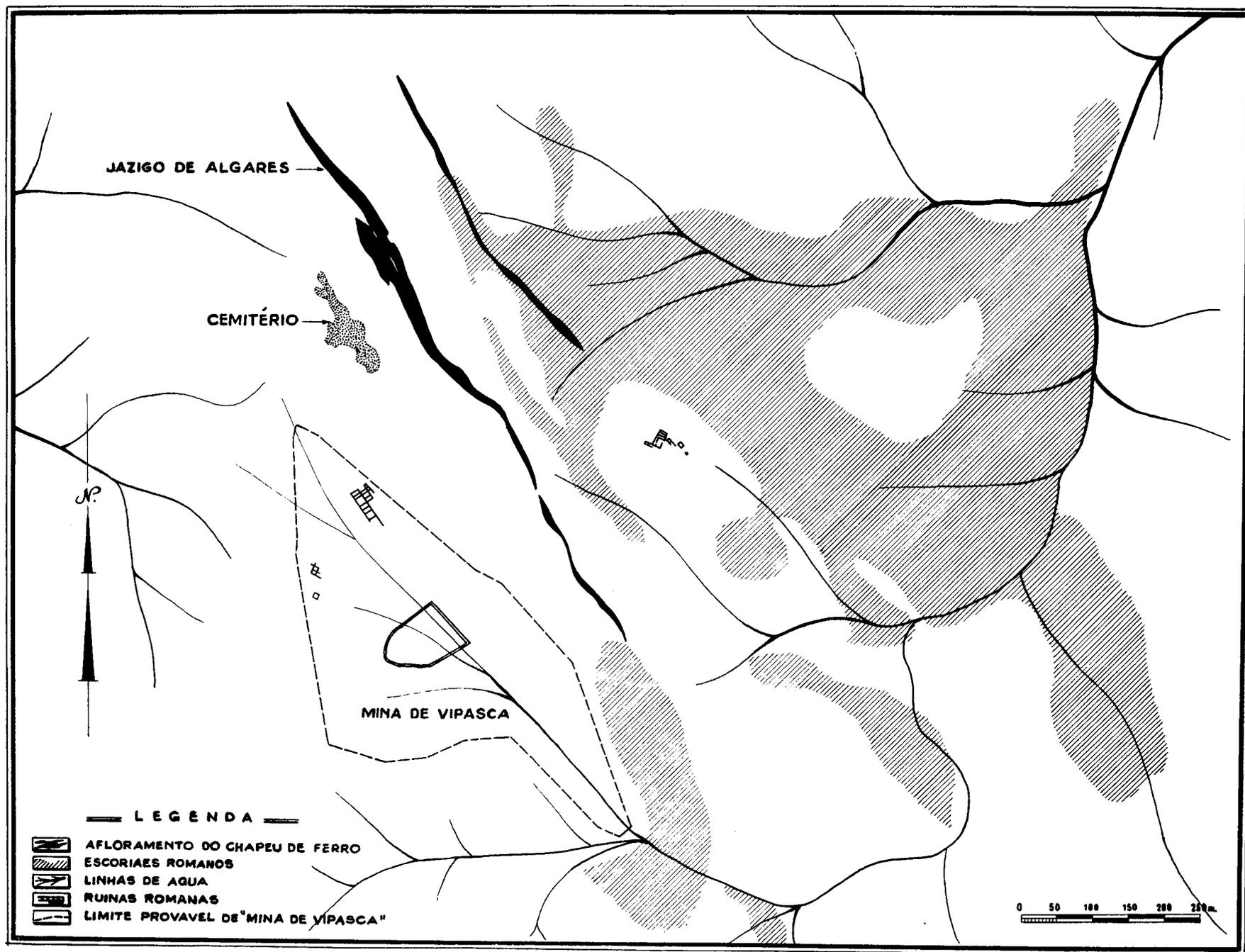
Só modernamente (a partir de 1954) se realizaram escavações sistemáticas. Com efeito, como resultado de um conjunto de circunstâncias favoráveis, realizou-se a escavação integral de um cemitério de perto de 500 sepulturas (cemitério de Valdoca), parcial dum conjunto de habitações (chaminé de Transtagana) e parcial de outro cemitério próximo (cemitério do Farrobo) e modernamente algumas sondagens em locais de interesse arqueológico realizadas com a colaboração do arqueólogo francês Claude Domergue.

O conjunto de circunstâncias favoráveis foi o seguinte: um dos signatários (Ruy Freire d'Andrade), engenheiro das Minas de Aljustrel, é amador em assuntos de arqueologia. Da sua presença nas Minas de Aljustrel, aliada às visitas periódicas de dois arqueólogos seus amigos, Octávio da Veiga Ferreira e o já falecido Abel Viana (a quem a Arqueologia do Baixo Alentejo tanto deve), resultou, dada a compreensão das Ex.^{mas} Administração e Direcção das Minas de Aljustrel e o seu espírito culto, resultou levarem-se a efeito aquelas escavações sistemáticas que salvaram da destruição e olvido tanto material arqueológico, algum fundamental para o estudo da ocupação romana nesta área.

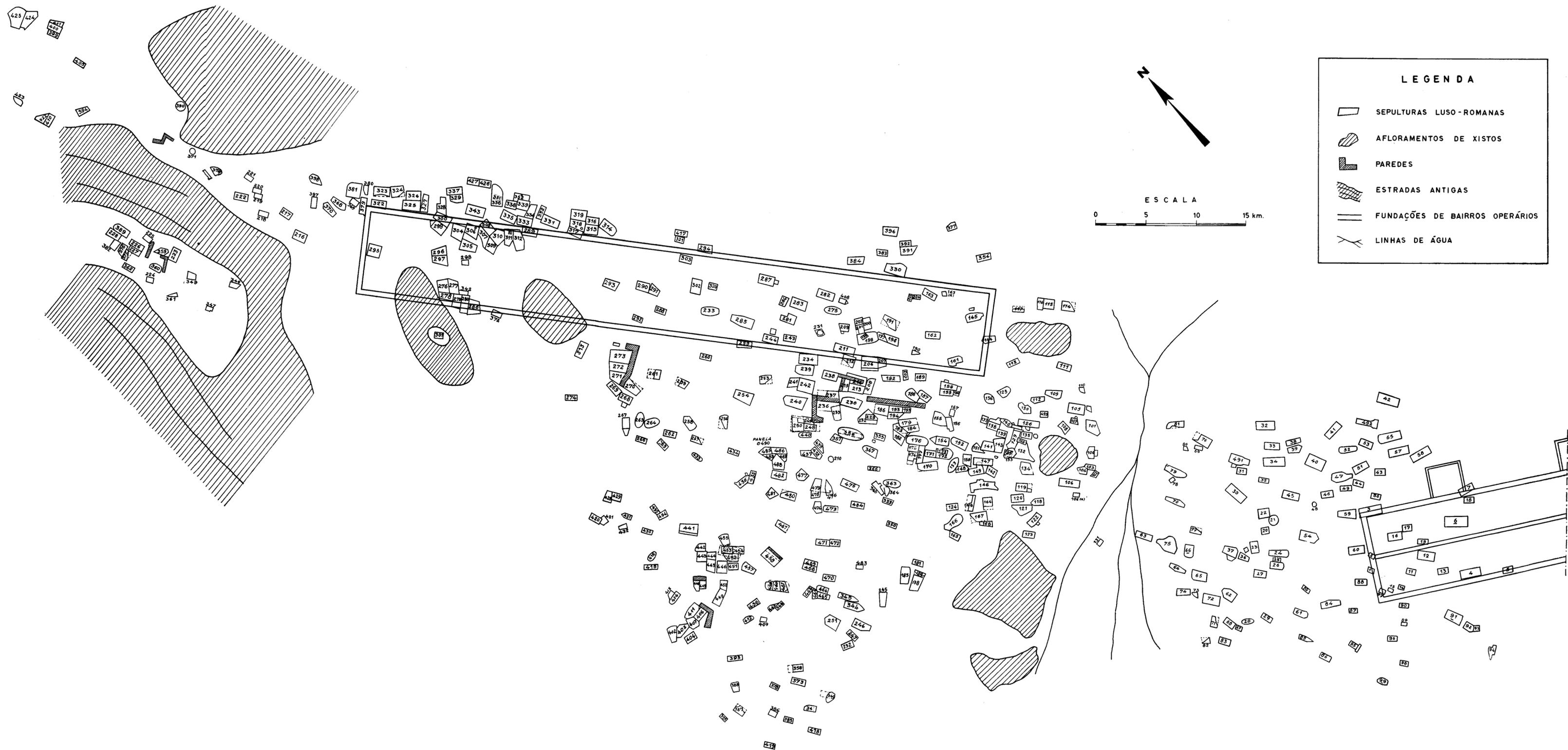
(1) A. Viana, A. Freire de Andrade e O. da Veira Ferreira, «Minerações romanas de Aljustrel», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXV (1954); dos mesmos autores, «A exploração das Minas de Aljustrel pelos Romanos», *Arquivo de Beja*, XIII (1957).

(2) A. Viana, «Museu Regional de Beja — Ferragens artísticas; esculturas de osso, proto-históricas; machados da Idade do Bronze; ferragens romanas; joias de ouro, fivelas, amuletos e outros objectos», *Arquivo de Beja*, I (1944).

(3) Ruy Freire de Andrade, Octávio da Veira Ferreira e Abel Viana «Necrópole celtico-romana de Aljustrel», *Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, (Coimbra, 1956), tomo VIII, Coimbra, 1957.



(Página deixada propositadamente em branco)



LEGENDA

- SEPULTURAS LUSO-ROMANAS
- AFLORENTOS DE XISTOS
- PAREDES
- ESTRADAS ANTIGAS
- FUNDAÇÕES DE BAIRROS OPERÁRIOS
- LINHAS DE ÁGUA

(Página deixada propositadamente em branco)

A morte de Abel Viana e a actividade profissional de Veiga Ferreira e Freire d'Andrade limitaram o estudo do cemitério de Valdoca e dos materiais das outras escavações a algumas notas.

No caso especial do cemitério de Valdoca, apenas se deu a notícia sumária da sua descoberta e do estado das escavações, em comunicação apresentada ao XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.

O estudo integral do espólio deste cemitério vem agora a ser feito por Adília e Jorge Alarcão, dois especialistas da arqueologia romana em Portugal.

Verifica-se assim ser possível, devido a um conjunto de circunstâncias favoráveis e à acção diversa de várias pessoas, apresentar um estudo completo, único em Portugal, de um cemitério romano, destinado talvez a uma completa destruição e esquecimento se não fossem as pessoas e circunstâncias mencionadas.

11 — CEMITÉRIO DE VALDOCA. DESCRIÇÃO GERAL.

Trata-se de um conjunto de 496 sepulturas espalhadas por uma encosta suave da colina dos Algares a escassos 70 m. do afloramento do minério tão intensamente explorado pelos romanos e a N. da área onde se supõe ter estado situada a povoação romana «Mina de Vipasca» (Est. I).

As sepulturas eram constituídas por covas geralmente rectangulares, por vezes abertas nos xistos que ali afloram, cobertas essencialmente por pedras de tamanhos variados amontoadas sobre a sepultura. As pedras utilizadas eram geralmente de pórfiro quartzífero que aflora perto, em local onde se notam escavações muito antigas; grauvaque e xisto também eram utilizados, mas menos frequentemente. Em alguns casos raros, toda a cova era coberta por uma única lage, que no entanto em nenhum caso era aparelhada. Não apareceu nenhuma pedra tumular com inscrições. Em alguns raros casos foram utilizados outros materiais (fragmentos de escória, tégulas e ânforas, etc.).

O cemitério era constituído por sepulturas de inumação e de incineração.

Nas de inumação, geralmente de grandes dimensões, raras vezes apareceu espólio. Os ossos, certamente devido à extrema acidez do terreno, também não foram encontrados.

As de incineração apresentavam geralmente dimensões mais pequenas. Foi destas sepulturas que se recolheu a grande maioria do espólio. Nestas sepulturas, ou bem se encontrava juntamente com o mobiliário tumular grande quantidade de cinza, com restos de madeira carbonizada, ou apenas se evidenciava uma pequena quantidade de cinza. Estas últimas foram consideradas também de incineração, supondo que os corpos teriam sido incinerados noutra local, as suas cinzas recolhidas em urnas, enterradas depois. No entanto, sepulturas houve que, não apresentando qualquer mobiliário, apenas mostraram uma pequena quantidade de cinza. Além disso, não foi encontrado qualquer local que parecesse reservado à incineração dos cadáveres.

A distribuição dos tipos de enterramento no cemitério de Valdoca é a seguinte:

De inumação.....	35%
De incineração.....	65%

A orientação do eixo maior das sepulturas tem um valor preferido, o mesmo quer nas de incineração quer nas de inumação (Est. III).

Este valor situa-se entre os 140° e os 150° de azimute verdadeiro, sendo a razão desta preferência talvez a direcção geral das curvas de nível do local.

A distribuição do mobiliário fúnebre também fornece alguns elementos estatísticos de interesse. Assim, verificou-se o seguinte:

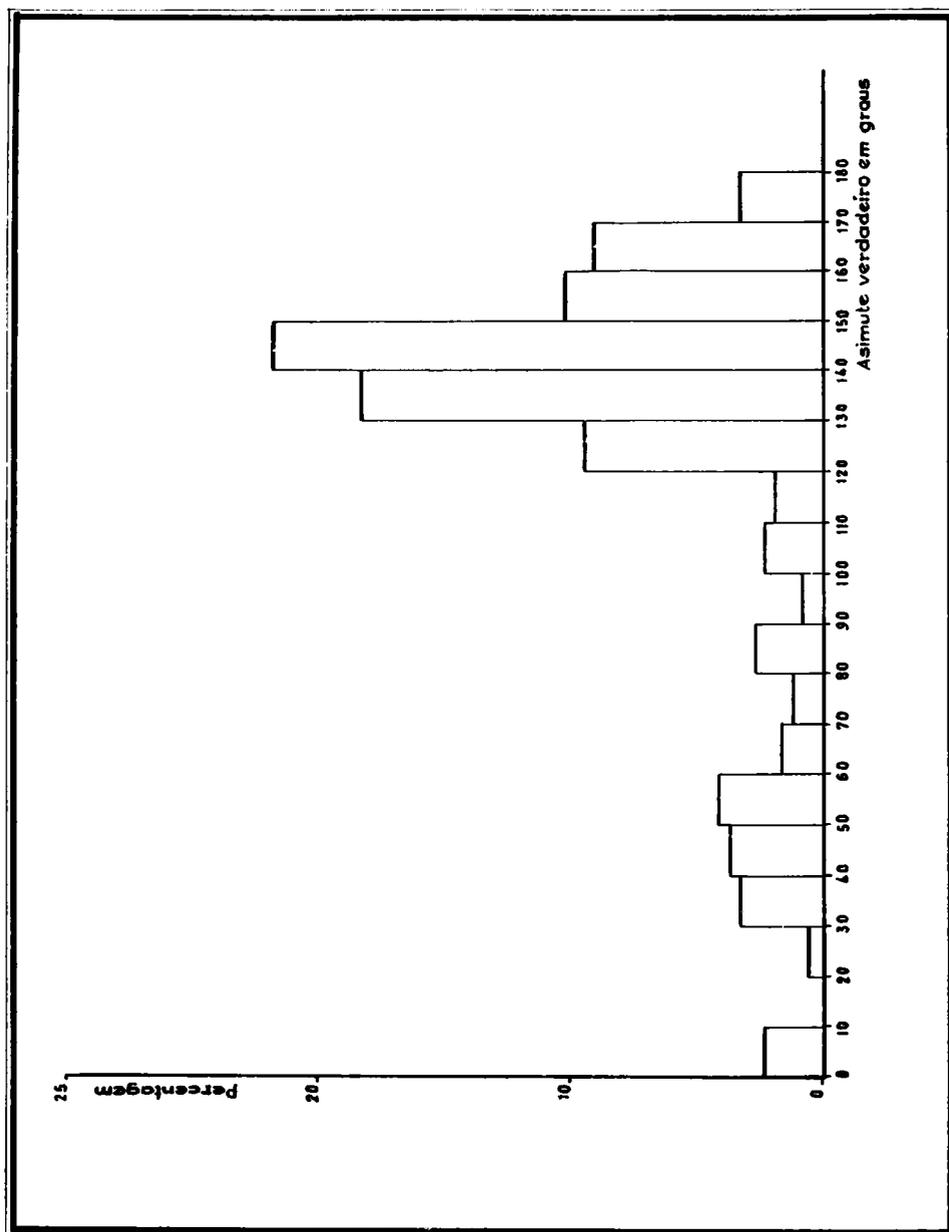
	Inumação	Incineração
<u>Sem mobiliário</u>	86%	37%
<u>Com uma peça</u>	12%	19%
<u>Com mais que uma peça</u>	2%	44%

É de notar também a ausência de sepulturas bem cuidadas, como atrás se mencionou. Dir-se-ia que não há correspondência entre o aspecto da sepultura (por vezes apenas um montículo de pedras) com a riqueza do seu mobiliário fúnebre.

Junto a algumas sepulturas foram encontradas algumas paredes de pedra solta, construídas, talvez, para protecção das mesmas.

Por vezes, entre as sepulturas foram encontrados fragmentos de vasilhas e de ânforas (Est. II).

EST. III



EST. IV



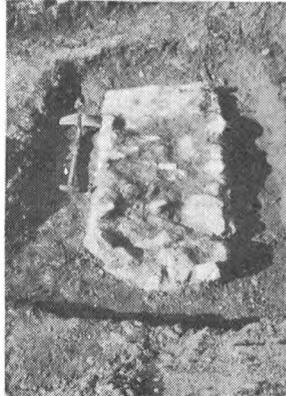
1



2



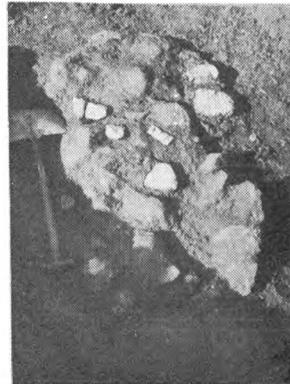
3



4



5



6

III — PORMENORES A ASSINALAR

Por vezes, algumas sepulturas apresentavam características especiais que parece interessante assinalar. Assim, com certa frequência, notaram-se ao lado de algumas sepulturas, umas vezes mesmo junto, outras um pouco afastadas, uma ou várias pedras que estavam geralmente assentes sobre a rocha, não cobrindo qualquer cova. Como se se tratasse de uma pequena prateleira lateral, de um anexo. Assim encontraram-se 15 sepulturas com este anexo, 13 das quais de incineração e 2 de inumação.

São elas as seguintes: 23, 37, 100, 105, 107, 135, 145, 158, 209, 244, 355, 365, 491 de incineração e 122 e 268 de inumação.

Quanto a aspectos particulares podemos salientar:

- 1) Por vezes os túmulos eram escavados na rocha uns 20, 40 e 50 cm. e até 70 cm. de profundidade.
- 2) O fundo das sepulturas é em alguns casos revestido de diversos materiais.

Assim:

- 16 — Incineração — com fragmentos de telhas e tijolos.
- 35 — Inumação — com pedras de grauvaque.
- 250 — Inumação — com 8 ladrilhos de barro.
- 454 — Incineração — 8 pedras de chapéu de ferro de dimensões mais ou menos uniformes (0,50 x 0,40 x 0,25 m.).

- 3) Por vezes a caixa da sepultura era feita com pedras ou outros materiais.

- 221 — Incineração — esteios de pórfiro (Est. III).
- 351 — Inumação — esteios de pórfiro.
- 356 — Incineração — esteios de pórfiro e de tijolo.

- 4) Para cobertura eram usadas pedras da região, de pórfiro, grauvaque e xisto. No entanto, verificaram-se excepções:

- 35 — Inumação — Coberta com telhas curvas e direitas e tijolos.
- 196 — Inumação — Coberta com pequenas pedras de pórfiro assentes sobre duas grandes de grauvaque.

- 210 — Incineração — Sem qualquer pedra a cobrir.
304 — Incineração — Coberta com fragmentos de ânfora.
305 — Incineração — Coberta com fragmentos de ânfora.
353 — Incineração — Sem qualquer pedra a cobrir.
356 — Incineração — Coberta com três grandes pedras de grauvaque.
428 — Inumação — Coberta com pedras de pórfiro e uma de calcário de S. Brissos.

- 5) Algumas das sepulturas estão em contacto com pequenas paredes.
- 6) Algumas das sepulturas de inumação apresentavam uma tégula côncava numa das extremidades colocada como se fosse um travesseiro.

Estavam neste caso as sepulturas n.^{os} 45 e 196.

- 7) Certas sepulturas foram feitas em cima de outras.

Assim: a 173 estava em parte sobre a 172

a 174 e 175 estavam em parte sobre a 177

a 336 estava sobre a 351.

- 8) Muitas sepulturas tinham sido destruídas por «escavadores de tesouros». Estavam neste caso as:

117, 119, 120, 123, 133, 169, 212, 233, 257, 260, 261, 262, 263, 266, 270, 279, 288, 301, todas de incineração.

OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA

RUY FREIRE DE ANDRADE

O ESPÓLIO DA NECRÓPOLE LUSO-ROMANA DE VALDOCA (ALJUSTREL)

INTRODUÇÃO

Em 1966, no decurso de uma visita aos museus do Alentejo, encontrámos no museu das minas de Aljustrel a colecção que agora publicamos, extraordinária pela abundância dos materiais e pela seriedade da escavação. Pareceu-nos que a sua publicação seria um subsídio importante para a tipologia e cronologia da cerâmica comum luso-romana.

É este um projecto que desde 1962 trazemos em mente.

Uma tipologia não é difícil de elaborar, pois a cerâmica romana é abundante nos museus Nacional de Arqueologia e Etnografia, Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa, Municipal de Eivas, Monográfico de Conímbriga, sem referir outras colecções menos importantes como as dos museus da Sociedade Martins Sarmento, do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, de Etnografia do Porto, Municipal da Figueira da Foz, Regional de Lagos, etc.. Estabelecer a cronologia dos tipos é todavia muito mais complicado, dado não haver, na maior parte dos casos, mais do que a indicação de proveniência e nenhuma notícia sobre os materiais associados. Reconhecemos por conseguinte ter de começar pelo estudo da cerâmica encontrada em sepulturas. Ora a necrópole de Valdoca foi escavada com extraordinário cuidado, e o espólio conservado e marcado sepultura por sepultura. Temos por conseguinte cerâmica comum encontrada com sigillata, sigillata clara, vidros e lucernas datáveis.

Perante o nosso interesse na publicação deste espólio, os Engenheiros Ruy Freire de Andrade e Octávio da Veiga Ferreira generosamente o puseram à nossa disposição. Não podemos por conseguinte deixar de manifestar-lhes a nossa gratidão, assim como ao Engenheiro Jacques Louis, Director Geral-Delegado de Mines d'Aljustrel, S.A.. Ao Presidente do Conselho de Administração daquela sociedade, M. Leon R. de Barsy, dirigimos também o nosso agradecimento pela compreensão e interesse que sempre manifestou pelos vestígios dos anteriores exploradores da mina que actualmente administra. Finalmente, ao Instituto de Alta Cultura agradecemos a concessão de um subsídio que nos permitiu a realização deste trabalho.

Os descobridores dataram a necrópole do século i aos inícios do n d.C.. Devemos todavia alargar a cronologia: sigillata da época de Augusto e Tibério leva-nos a considerar o início da necrópole efectivamente no século i, e talvez bem

nos inícios do século; mas a sigillata clara C de alguns tumulos obriga-nos a admitir que a exploração ainda se efectuava na segunda metade do século m d.C. É certo, porém, que os materiais posteriores aos meados do século in são raros, quer na necrópole quer no espólio de outros pontos de Aljustrel. Isso leva-nos a perguntar se as minas não terão sido abandonadas aquando das invasões bárbaras de cerca de 260 d.C., que, sem atingirem a Lusitânia, devem ter todavia provocado nesta província transformações socio-económicas ainda não investigadas mas possivelmente de grande monta (1).

ESTUDO DO ESPÓLIO

Nota: Excepto quando expressamente indicado na respectiva descrição, todas as peças estão reduzidas a 1:3.

Sepultura 1

1 — *Cântaro*

Barro castanho muito claro, com muitas areias miúdas; superfície granulosa.

Aparentemente torneado com trapo ou alisado com trapo após o torneamento.

Bojo ovoides, com uma canelura a correr-lhe a toda a volta pela raiz das asas; bordo em forma de cabeça de martelo; base a formar um degrau recto; fundo quase raso; duas asas de fita com ligeiro sulco longitudinal.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 97 mm. Largura máxima do bojo: 107 mm.

2 — *Prato de sigillata clara*

Barro vermelho-alaranjado, com muitas areias miúdas. Engobe alaranjado-mate, rebentado sobre as areias mais grossas e salientes.

A parede desenha um ângulo obtuso. O bordo é arredondado, simples; o pé, pequeno e oblíquo.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 41 mm. Diâmetro da boca: 155 mm.

Os pequenos cântaros de duas asas, de barro amarelo, castanho-claro ou alaranjado, são muito comuns nas necrópoles romanas do Alentejo escavadas por Abel Viana e cujo espólio se encontra no Museu

(1) É muito escassa a cerâmica estampada do século iv encontrada em Aljustrel e conservada no museu local e no dos Serviços Geológicos.

Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa e no Municipal de Eivas (1). Variam as formas e as dimensões, se não mesmo as pastas e o acabamento das peças. A fraca qualidade das ilustrações dos trabalhos de Abel Viana não nos permite todavia comparar como deveríamos este e outros cântaros de Valdoca com os das necrópoles alentejanas. Em Valdoca encontra-se o mesmo tipo, embora com variantes, nas sepulturas 48, 101, 420 e 465. Na primeira, com uma peça de cerâmica cinzenta, decorada com roleta, que supomos da segunda metade do século i d.C., como diremos no comentário à sepultura 8.

O prato 2 é uma forma 3 de sigillata clara A. Lamboglia data da época de Trajano os exemplares mais antigos deste tipo (2).

Sepultura 2

1 — *Alguidar*

Barro amarelado, com muitas areias miúdas e partículas brancas talvez de calcite; superfície granulosa.

Superfície muito irregular, como se a peça tenha sido torneada por mãos pesadas sem auxílio de trapo ou fanadoiro.

Paredes oblíquas e quase rectas; bordo arredondado; pé a formar um degrau oblíquo; fundo raso.

Muito fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 65 mm. Diâmetro da boca: 140 mm.

2 — *Púcaro*

Barro alaranjado, com muitas areias.

Apesar de ter a superfície muito gasta, parece ter levado um engobe laranja-avermelhado.

Bojo oval, colo alto, aberto para a boca, ligeiramente arqueado; pé a formar um degrau arredondado; fundo raso; asa facetada, com ligeiro sulco longitudinal.

Pouco fragmentado. Reconstituído com gesso.

Altura: 111 mm. Diâmetro máximo do bojo: 98 mm.

3 — *Púcaro*

Barro amarelado, com muitas areias miúdas e partículas brancas talvez de calcite

Superfície brunida, de tom mais escuro.

(1) Viana, 1955, (1, 2 e 3), passim.

(2) Lamboglia, 1958, p. 265.

Parede a desenhar um S alongado; fundo raso, sem pé; bordo acutelado; asa de que só ficou a raiz.

Muito fragmentado e incompleto. Superfície muito estragada. Reconstituído com gesso.

Altura: 114 mm. Diâmetro máximo do bojo: 84 mm.

Sepultura 3

1 — *Jarra*

Barro castanho-acinzentado, muito afogalhado, com areias miúdas.

Bojo em forma de tulipa, contracurvado no fundo para formar uma base; bordo arredondado.

Muito fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 61 mm. Diâmetro máximo do bojo: 62 mm.

Sepultura 5

1 — *Malga*

Barro avermelhado, com muitas areias grossas.

Hemisférica; bordo revirado para dentro, arredondado.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura provável: 71 mm. Diâmetro da boca: 166 mm.

2 — *Pote*

Barro micáceo e muito arenoso, castanho-alaranjado.

Bojo ovóide; fundo côncavo.

Muito fragmentado e incompleto. Muito enegrecido pelo fumo. Reconstituído com gesso.

Altura provável: 91 mm. Diâmetro máximo do bojo: 120 mm.

Sepultura 8

1 — *Pote*

Barro cinzento-claro, com areia muito miúda.

Bojo ovóide ornamentado com três faixas largas decoradas com roleta. Ombros marcados, acentuados por um degrau, colo oblíquo, inclinado para dentro. Pé facetado. Fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 87 mm. Diâmetro máximo do bojo: 93 mm.

2 — *Taça de terra sigillata*

Barro vermelho com muitas partículas calcárias, medianamente dura. «Glanztonfilm» vermelho, quase completamente desaparecido.

A parede descreve uma dupla curvatura e termina num bordo em pérola, sublinhado internamente por uma pequena ranhura. Tem marca *in planta pedis* A RR.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 43 mm. Diâmetro da boca: 95 mm.

A marca está reproduzida em tamanho natural.

A taça de sigillata, de tipo Drag. 27, sudgálica, é típica do período claudiano pela forma. O oleiro *ARRVS* trabalhou em La Graufesenque durante os reinados de Cláudio e Nero. Isto leva-nos a atribuir ao século i d.C. a cerâmica cinzenta, bem brunida e decorada com roleta, do tipo do pote 1 desta sepultura. É uma cerâmica frequente na necrópole de Valdoca, mas que não encontramos ainda noutras estações de Portugal. Nas sepulturas 141, 153, 218 e 447, o mesmo tipo de cerâmica aparece associado a materiais que confirmam a atribuição à segunda metade do século i d.C.. Não nos parece que possa haver qualquer relação entre estes vasos de Valdoca e os tipos 191, 198 e 201 de Göse tão frequentes na Renânia e atribuíveis aos fins do século π e ao m d.C. (1).

Sepultura 11

1 — *Lucerna*

Barro amarelado, com areia miúda.

Corpo redondo; margem larga e lisa, bastante caída; coroa em espinha a ornamentar o disco; orifício central; bico redondo; pequeno pé; sem asa.

Muito fragmentada. Reconstituída com gesso.

Comprimento: 105 mm. Altura: 46 mm.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, amarelado.

Bojo ovóide; bordo revirado para fora; pé de bolacha.

Muito fragmentado.

Altura: 87 mm. Diâmetro máximo do bojo: 106 mm.

(1) E. Göse, *Gefäßstypen der römischen Keramik im Rheinland*, Kevaler, 1950.

3 — *Taça*

Vidro transparente, incolor. Aparentemente polido à roda em toda a superfície.

Copa cilíndrica, de bordo engrossado, com dois cordões concêntricos na base e um a ornamentar o colo. Decoração de facetas ovais e lentoides no fundo.

Fragmentada e muito incompleta. Picado incipiente, com irisão alojada no picado.

Altura provável: 84 mm. Diâmetro da boca: 110 mm.

4 — *Copo*

Vidro transparente, incolor, com algumas bolhas de ar. Polido na roda.

Parede quase recta, bordo engrossado.

Conserva-se apenas um fragmento. Leitosidade; ranhuras; picado.

Altura conservada: 15 mm. Diâmetro da boca: 54 mm.

Redução do desenho: 1:2.

5 — *Taça*

Vidro transparente, incolor, com algumas bolhas de ar. Polido na roda.

Bordo encurvado a formar uma aba; duas molduras a decorar o colo.

Conserva-se apenas um fragmento. Leitosidade; picado.

Diâmetro da boca: 108 mm.

Redução do desenho: 1:2.

6 — *Taça*

Vidro transparente, incolor, com algumas bolhas de ar. Polido na roda.

Parede oblíqua; bordo engrossado.

Conserva-se apenas um fragmento.

Redução do desenho: 1:2.

7 — *Copo (?)*

Vidro transparente, incolor, com algumas bolhas de ar.

Fundo ligeiramente côncavo; paredes verticais.

Conserva-se apenas um fragmento. Picado; leitosidade; aspecto de vidro gelado; pequenas crateras em formação com irisão alojada no fundo das mesmas.

Diâmetro máximo do bojo: 66 mm.

Redução do desenho: 1:2.

Os vidros números 4, 5 e 7 são demasiadamente pequenos para aventurarmos uma classificação. Os outros dois levam-nos a atribuir a sepultura à segunda metade do século n ou mesmo ao m d.C..

As taças do tipo da número 3 desta sepultura não são comuns. O melhor exemplar, proveniente de Curium (Chipre), encontra-se hoje no Fitzwilliam Museum de Cambridge. Quase incolor, apenas de um ligeiro tom esverdeado, tem 100 mm. de altura e 55 mm. de diâmetro. As paredes são verticais e ligeiramente côncavas. Tem um cordão de vidro abaixo do bordo e dois na base. Na copa tem duas fiadas de facetas em grão de arroz; na base, entre os dois cordões concêntricos, tem uma fiada de facetas idênticas; no centro da base, quatro ainda da mesma forma à volta de uma faceta circular (1).

Também se encontraram numerosos fragmentos do mesmo tipo em Dura-Europos, embora nenhum exactamente com a mesma decoração. O comum, em Dura-Europos, é uma faceta circular no centro da base e grãos de arroz em vez de ovais na coroa que a circunda (2).

Harden atribuiu a taça de Curium ao século II ou III d.C.. Clairmont pretende que as taças decoradas com facetas entre os dois fios concêntricos da base tinham as paredes completamente cobertas de decoração facetada; ora esta profusão representa um estado já avançado deste tipo de ornamentação, nunca anterior aos meados do século II d.C..

O número 6 é fragmento de um prato circular, de paredes muito ligeiramente curvadas e contracurvadas, muito abertas, e de bordo engrossado e polido ao fogo. Publicámos já fragmentos de uma travessa e de um prato do mesmo tipo encontrados em Conímbriga (3). A travessa é, como então dissemos, uma forma comum no Próximo Oriente e atribuível aí talvez ao século III (4). Como a única prova de tal cronologia é o achado de Vasa (Chipre), não podemos tomar tal data como absolutamente segura. Nesta sepultura, porém, parece confirmar-se a cronologia de Harden.

A lucerna não confirma nem desmente a cronologia que podemos deduzir do vidro lapidado. Feita aparentemente do mesmo barro de muitos vasos comuns desta necrópole, é provavelmente de fabrico local; isso explica o seu aspecto incharacterístico, que torna embaraçosa

(1) Harden, 1936, p. 124 nota 1 e fig. 2A.

(2) Ch. W. Clairmont, *The excavations at Dura-Europos, Final Report IV, Part F, The glass vessels*, New Haven, 1963, pp. 81-82.

(3) Alarcão, 1965, pp. 78-79.

(4) Harden, 1948, p. 48.

a sua classificação nas tipologias que têm sido propostas. De qualquer forma, é uma lucerna de bico redondo, por conseguinte não anterior aos meados do século i e muito possivelmente do século n ou ainda dos inícios do in d.C. (1).

Sepultura 12

1 — *Pote*

Barro amarelado, micáceo, com muitas areias miúdas.
Bojo ovóide; bordo revirado para fora; fundo côncavo; sem pé.
Fragmentado. Reconstituído com gesso.
Altura: 108 mm. Diâmetro máximo do bojo: 152 mm.

2 — *Lucerna*

Barro amarelo-rosado, com muita areia miúda, sem engobe.
Bico redondo; orifício de alimentação no centro do disco; asa perfurada.
Conserva-se, da parte superior da lucerna, apenas o bico e uma pequena parte do disco à volta do orifício.
Comprimento: 105 mm. Altura central: 29 mm.

A lucerna, além de incompleta, é incharacterística. É uma lucerna de bico redondo, o que nos permite datá-la entre os meados do século i e os inícios do m d.C., como já dissemos a propósito da lucerna da sepultura anterior.

Sepultura 14

1 — *Jarra*

Barro amarelo rosado, com areia miúda. Engobe bastante aguado amareio-alaranjado.
Bojo ovóide, assente numa bolacha. Duas asas de que se conservam apenas as raízes trifoliadas.
Incompleta.
Altura: 105 mm. Diâmetro máximo do bojo: 77 mm.

(1) Ponsich, *Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingi taïne*, Rabat, 1961, pp. 34-35.

Sepultura 15

1 — *Pote*

Barro de cor de café com leite, com muita areia, mas muito miúda.

A superfície foi brunida e decorada por meio de roleta; tomou uma cor castanho-acinzentada escura.

Corpo sobre o redondo, decorado em duas bandas largas e paralelas; pé a formar um degrau; fundo ligeiramente côncavo. A parede contracurva, mas sem abrir, na parte superior e adelgaça, vindo a terminar num bordo simples, arredondado.

Superfície muito descascada.

Altura: 78 mm. Diâmetro máximo do bojo: 88 mm.

Sepultura 16

1 — *Taça*

Barro alaranjado, com areia miúda.

A copa descreve dois arcos de círculo e remata num bordo singelo; a base forma um degrau arredondado e tem o fundo ligeiramente côncavo.

Fragmentada. Reconstituída com gesso.

Altura: 50 mm. Diâmetro da boca: 133 mm.

2 — *Alguidar*

Do mesmo barro da taça anterior.

Parede oblíqua; bordo arredondado e ligeiramente voltado para dentro; base a formar um degrau arredondado; fundo côncavo.

Completo e bem conservado.

Altura: 52 mm. Diâmetro da boca: 166 mm.

3 — *Copo*

Vidro transparente, incolor, com muitas bolhas.

Copa sobre o cilíndrico, decorada com depressões e com dois fios também de vidro incolor aplicado um pouco irregularmente; fundo côncavo; bordo polido ao torno; pé quase imperceptível formado por um fio de vidro.

Muito fragmentado e incompleto. Leitosidade. Crateras em formação.

Altura: 78 mm. Diâmetro máximo: 87 mm.

Os copos ornados com depressões (tipo 32 de Isings) vão pelo menos do terceiro quartel do século i d.C. ao fim do m. A variedade de perfis é grande, como pode julgar-se pelos exemplos de Chipre

publicados por Vessberg(1). O copo da sepultura 16 é muito mais largo do que qualquer outro conhecido e tem um fio de vidro a formar um discreto pé, o que também é inédito. Não nos atrevemos por isso a precisar a cronologia.

Sepultura 17

1 — *Copo*

Vidro transparente, quase incolor, apenas ligeiramente tingido de verde-musgo; algumas impurezas negras; bolhas esparsas, mas grandes.

Copa ovoide decorada com linhas incisas; bordo envasado e de arestas vivas; pé tubular; fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Riscado pelo uso.

Altura: 71 mm. Diâmetro da boca: 86 mm.

Não conhecemos paralelo exacto para este copo.

Sepultura 18

1 — *Prato*

Barro grosseiro e arenoso, alaranjado.

Parede arqueada; bordo arredondado; fundo ligeiramente côncavo

Fragmentado.

Altura: 56 mm. Diâmetro da boca: 233 mm.

Sepultura 22

1 — *Prato*

Barro rosado com areia miúda.

Parede arqueada; bordo arredondado; fundo raso.

Muito fragmentado. Reconstituído com gesso. Superfície muito estragada.

Altura: 38 mm. Diâmetro da boca: 222 mm.

(1) Vessberg, 1956, fig. 44; 25-35.

2 — *Lucerna*

Barro cor de café com leite, com areia miúda.

Margem e disco lisos; asa perfurada.

Só se conserva a asa e parte do disco.

Comprimento provável: 88 mm.

3 — *Copo*

Barro alaranjado com areia miúda.

Corpo campanular; base a formar um degrau recto; bordo ligeiramente revirado para fora.

Fragmentado.

Altura: 89 mm. Diâmetro máximo do bojo: 105 mm.

A classificação tipológica desta lucerna não é fácil: primeiro, por lhe faltar o bico, que reconstituímos como nos pareceu mais verosímil; segundo, por ser incaracterística. Podemos talvez incluí-la no tipo 11A de Paiol, tipo que o autor data do século n d.C.; poderíamos também atribuí-la ao tipo 3E de Lerat — lucernas de bico redondo mal distinto do corpo da peça —, que o autor considera dos séculos m e iv (1).

Sepultura 26

1 — *Copo de paredes finas*

Barro fino, mole e pulverulento, amarelo.

Corpo bitroncocónico, decorado com mamilos dispostos em fiadas verticais de quatro cada uma; bordo simples, arredondado; fundo côncavo. Na parte superior, uma canelura corre a toda a volta da taça.

Muito fragmentado. Reconstituído com gesso. Superfície muito estragada.

Altura: 62 mm. Diâmetro máximo do bojo: 70 mm.

2 — *Prato*

Barro laranja-avermelhado com areia miúda.

Parede arqueada; bordo revirado para dentro; fundo oblíquo a subir para o centro.

Muito fragmentado.

Altura: 52,5 mm. Diâmetro máximo: 258 mm.

(1) Paiol, 1949, p. 251, e Lerat, 1954, p. 18.

O copo de paredes finas deve datar-se da segunda metade do século i d.C.. A forma bitroncocónica de paredes rectilíneas e sem pé esteve em voga durante todo o século i d.C., com numerosas variantes em relação ao bordo, à altura da carena, ao número de caneluras que ornaram a face externa e à decoração. Este perfil com decoração vegetal ou de festões feitos de pequenos pontos de barbotina encontra-se nas necrópoles do Ticino já na época de Augusto (1). A decoração de mamilos dispostos em fiadas verticais é frequente desde o reinado de Claudio e por toda a segunda metade do século i d.C.. Parece ter caído repentinamente em desuso pelos finais do século. Vasos semelhantes a este encontram-se em Vindonissa, Mérida, Ibis, Reprezas (Beja), Serrones (Eivas), Miróbriga (S. Tiago do Cacém), Torres Novas e Conímbriga (2).

Sepultura 27

1 — *Taça de terra sigillata.*

Pasta vermelha, de grão finíssimo e branda. «Glanztonfilm» amarelo com veios vermelhos.

Parede arqueada, gola alta com decoração pouco cuidada feita com roleta.

Bordo sublinhado por ranhuras interna e externamente. Marca rectangular:

VINNI.

Bem conservada.

Altura: 53 mm. Diâmetro da boca: 114 mm.

A marca está reproduzida em tamanho natural.

(1) Lamboglia, recensão de Simonett, *Tessiner Gräberfelder*, publicada em *Rivista di Studi Liguri*, IX (1943), p. 180.

(2) Em Vindonissa, Ettlínger, 1952, n.ºs 333 e 335. Em Ibiza, A. Vives y Escudero, *Estudio de Arqueología Cartaginesa, La necropoli de Ibiza*, Madrid, 1917, est. CI. Nas Reprezas, F. Nunes Ribeiro, J. M. Bairrão Oleiro e A. Viana, «Breve nota sobre a estação romana de Lobeira Grande (Beja)», *Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, tomo VIII, Coimbra, 1957, est. IV; F. Nunes Ribeiro, *Breve informação sobre cerâmica romana das Reprezas*, Beja, 1956. Nos Serrones, A. Viana 1955, (3), n.º 39. Em Torres Novas, A. e J. Alarcão, «Achados na Vila Romana de Cardílio (Torres Novas)», *Arquivo de Beja*, xxm-xxiv (1966-67), pp. 23-24 est. III. A cerâmica deste tipo de Miróbriga e Conímbriga está inédita. No Museu Arqueológico de Mérida vimos vasos do mesmo tipo que não sabemos se foram já publicados.

2 — Jarra (?)

Vidro transparente, de cor verde-maçã, com bolhas de ar.
Pé apertado com turquezas, fundo côncavo, bojo decorado com linhas esmeriladas.

Incompleta.

Diâmetro máximo: 82 mm.

3 — Jarra

Vidro transparente, de cor verde-maçã com bolhas de ar.
Bojo piriforme muito delgado com linhas esmeriladas; gargalo alto, com marcas de modelação na base; bordo de arestas vivas; pé tubular; base côncava.

Fragmentada e incompleta. Leitosidade.

Altura: 252 mm. Diâmetro máximo: cerca de 70 mm.

Nesta sepultura achou-se ainda o bocal de um unguentário tubular ou em forma de gota.

Para a jarra número 3 não conhecemos paralelos fora da Península. No Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança, em Vila Viçosa, há uma muito semelhante que publicaremos no próximo número desta revista. Em Ampúrias também se achou uma idêntica, em sepultura que Almagro atribuiu à época de Tibério ou Cláudio (1).

O número 2 poderá talvez reconstituir-se como uma anforeta da necrópole do Padrãozinho (concelho de Vila Viçosa), guardada no mesmo museu (2); na sepultura 251 desta necrópole de Valdoca apareceu uma forma que nos parece idêntica, mas infelizmente também fragmentada e incompleta.

A taça de sigillata, de tipo Drag. 24/25, sudgálica, é provavelmente obra de VINNIVS, que Oswald identificou como oleiro sudgálico da época dos Flávios.

A sepultura datará por conseguinte do último terço do século I d.C..

(1) M. Almagro, *LAS necropolis de Ampúrias*, II, Barcelona, 1955, Tablas no final do volume.

(2) J. Alarcão, «Formes peu communes de la verrerie romaine au Portugal» in *Annales du 3me Congrès des Journées Internationales du Verre*, 1964, Liège, s.d., p. 47 e fig. 14.

Sepultura 281 — *Prato*

Barro friável, com muita areia miúda, de cor laranja-avermelhada. Engobe vermelho-escuro, quase completamente descascado.

Parede muito ligeiramente arqueada, formando um cotovelo a meia altura; pequeno pé em meia cana; bordo arredondado.

Fragmentado e reconstituído com gesso.

Altura: 43 mm. Diâmetro da boca: 164 mm.

2 — *Panela*

Barro alaranjado, granuloso, com muitas areias miúdas.

Bojo ovoide; sem pé; fundo côncavo; bordo revirado para fora, recto, com declive para o interior.

Muito fragmentada.

Altura: 128 mm. Diâmetro máximo do bojo: 172 mm.

3 — *Taça*

Barro cor de café com leite, com muitas areias miúdas.

Copa arqueada até meia-altura e daí para cima apumada, descrevendo um S muito alongado; bordo arredondado; base a formar um degrau recto; duas asas de fita com um sulco longitudinal.

Muito fragmentada.

Altura 75 mm. Diâmetro da boca: 92 mm.

O prato 1 é, pela forma e textura, uma peça de sigillata clara A, de tipo 3a — tipo que, segundo Lamboglia, começou a fabricar-se no tempo de Trajano (1). O engobe, porém, não é o típico da sigillata clara A. Poderá tratar-se de algum fabrico regional, como aliás o da peça da sepultura 210 desta necrópole.

Sepultura 291 — *Jarro*

Barro alaranjado, com areia miúda, de superfície muito bem alisada.

Bojo bulbiforme; fundo ligeiramente côncavo; boca afunilada; lábio triangular. Tinha uma asa, que desapareceu deixando apenas vestígios da inserção.

Muito fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 172 mm. Diâmetro maior do bojo: 182 mm.

(1) Lamboglia, 1958, p. 265.

2 — *Prato de sigillata clara*

Barro alaranjado bastante fino, mole e pulverulento. Tinha engobe que se descascou quase completamente.

Paredes arqueadas, bordo arredondado e pequeno pé em meia cana.

Fragmentado e reconstituído com gesso.

Altura: 33 mm. Diâmetro máximo: 242 mm.

O prato 2 é urna forma Lamboglia 9 de sigillata clara A, cuja cronologia vai dos meados do século n a meados do m d.C. (1).

Sepultura 31

1 — *Pote*

Barro fino de cor de café com leite, com areias muito miúdas. Superfície bem brunida e de cor cinzenta, manchada.

Bojo sobre o redondo, decorado com caneluras nos ombros e duas faixas ornamentadas por meio de roleta; base a formar um degrau recto; colo alto, arqueado e côncavo; bordo arredondado.

Fragmentado e restaurado com gesso.

Altura: 122 mm. Diâmetro máximo do bojo: 115 mm.

Sepultura 33

1 — *Lucerna*

Barro castanho-alaranjado.

Margo larga, inclinada e ornada com canais transversais. Sem disco. Orifício de alimentação largo e central. Sem asa.

Completa. Superfície muito estragada.

Altura: 36 mm. Comprimento: 94 mm.

Podemos talvez classificar esta lucerna como do tipo XXIX de Brooner, embora sem asa. Não conhecemos porém a tipologia de Brooner senão pelo estudo de Ferreira de Almeida sobre as lucernas romanas de Portugal, e neste não se refere o autor à cronologia daquele tipo, que nos parece muito raro, pois não encontramos nenhum exemplar na bibliografia ao nosso alcance (2)

(1) Lamboglia, 1958, pp. 274-275.

(2) Ferreira de Almeida, 1953, est. XXIII.

Sepultura 361 — *Prato*

Barro alaranjado, com areia miúda.

Parede arqueada; base em forma de degrau recto; fundo côncavo; bordo em forma de martelo.

Completa, mas de superfície muito estragada.

Altura: 55 mm. Diâmetro da boca: 244 mm.

2 — *Copo*

Vidro transparente, incolor.

Parede vertical; bordo engrossado e polido ao tomo.

Conserva-se apenas um fragmento. Leitosidade. Ranhuras. Picado.

Altura conservada: 26 mm. Diâmetro da boca: 93 mm.

O fragmento 2 é demasiadamente pequeno para se poder classificar com rigor.

Sepultura 40

(O espólio desta sepultura vai por lapso ilustrado na estampa XXXVI).

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, castanho.

Bojo esférico, sem pé, bordo encurvado para fora.

Muito fragmentado.

Altura: 123 mm. Diâmetro máximo do bojo: 144 mm.

2 — *Taça*

Barro com muita areia e mica preta. Levou por dentro e por fora um engobe avermelhado, idêntico ao da taça 1 da sepultura 356.

Parede em ângulo obtuso; bordo simples, arredondado, sem pé.

Bem conservada.

Altura: 64 mm. Diâmetro: 194 mm.

Sepultura 441 — *Prato*

Barro alaranjado, mole e pulverulento, com areia miúda.

Parede arqueada; bordo em amêndoa; pé largo.

Fragmentado. Reconstituído com gesso.

Altura: 45 mm. Diâmetro máximo: 216 mm.

2 — *Púcaro*

Barro amarelo-rosado, com areia miúda.

Bojo ovóide, decorado com larga canelura a meia altura. Bordo alto, recto, inclinado para fora. Pequena ranhura na base, a contornar o pé. Tinha uma asa, de que restam só as raízes. Tem um esgrafito no bojo.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 115 mm. Diâmetro máximo do bojo: 104 mm.

Sepultura 46

1 — *Pequenos fragmentos de vidro com os quais se não pode recompor nenhum vaso (não ilustrados).*

2 — *Disco*

Disco de cobre ou bronze, ornado, na face superior, abaulada, com depressões triangulares ou quadradas cheias de esmalte (?) alaranjado. Nalguns alvéolos o esmalte está muito estragado e reduzido a uma massa pulverulenta branca. Três pequenos orifícios na periferia do disco sugerem que este devia ser aplicado a qualquer coisa. No desenho representam-se a negro os alvéolos onde o esmalte conserva ainda a tonalidade alaranjada.

Diâmetro: 29 mm. Espessura máxima: 4 mm.

Reproduzido em tamanho natural.

3 — *Disco*

Como o número anterior.

Diâmetro actual: 23 mm.

Reproduzido em tamanho natural.

Estes dois discos foram publicados por R. Freire de Andrade, O. da Veiga Ferreira e A. Viana em «Necrópole céltico-romana de Aljustrel» in *Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, tomo VIII, Coimbra, 1957.

Sepultura 48

1 — *Pote*

Barro amarelo-rosado com areia miúda.

Bojo oval, decorado com duas zonas largas gravadas com roleta. Pequeno degrau a sublinhar a base do colo, arqueado, rematado num bordo redondo, simples. Base discoide.

Fragmentado e reconstituído com gesso. A superfície está muito estragada, mas parece ter sido brunida e era certamente mais escura.

Altura: 93 mm. Diâmetro máximo: 126 mm.

2 — *Cântaro*

Barro com areia miúda, amarelo-acastanhado.

Bojo ovóide; fundo côncavo; bordo em forma de pérola. Uma canelura larga corre o bojo pela raiz das asas. Superfície bem alisada.

Fragmentado.

Altura: 88 mm. Diâmetro máximo do bojo: 111 mm.

Sepultura 491 — *Jarro*

Barro castanho com areia miúda.

Bojo ovóide, bordo revirado para fora; moldura na base do bordo, lábio simples, arredondado; sem pé; asa da fita escavada a meio, longitudinalmente. Uma canelura a meio do bojo divide este em duas zonas: a de cima tem estrias brunidas em linhas quebradas, muito irregulares. Na zona central do bojo, mas apenas em metade do jarro, caneluras mais estreitas e mais finas, irregulares, correm paralelamente à principal. A superfície foi brunida, mas muito rapidamente, e ficou com aspecto estriado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 193 mm. Diâmetro máximo: 152 mm.

2 — *Urna* (?)

Vidro transparente, verde-musgo, com muitas bolhas de ar.

Pé repuxado e apertado com turquês. Marca de pontel muito nítida no centro.

Fragmentado e incompleto. Riscado pelo uso.

Diâmetro do pé: 90 mm.

3 — *Botão*

Vidro mil-flores, de matriz verde e riscos amarelos.

Completo.

Altura: 7 mm. Diâmetro: 21 mm.

Reproduzido em tamanho natural.

4 — *Botão*

Vidro branco, opaco.

Completo.

Altura: 8 mm. Diâmetro: 21 mm.

Reproduzido em tamanho natural.

5 — *Botão*

Idêntico ao anterior. Não ilustrado.

O número 2 é possivelmente a base de urna urna cinerária, mas a exiguidade do fragmento não permite classificação.

Os botões de vidro são peças de jogo.

Sepultura 59

1 — *Pote*

Barro castanho-claro, com areias muito miúdas, brunido em zonas paralelas, mas sem esmero.

Bojo ovoide, bordo em amêndoa.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso. Enegrecido pelo fumo do lado de fora.

Altura provável: 101 mm. Diâmetro máximo do bojo: 128 mm.

2 — *Lucerna*

Barro fino cor de café com leite.

Bico em cauda de peixe. Disco liso com orifício central. Decoração de meias-esferas na margem.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Comprimento provável: 119 mm. Altura central: 41 mm.

3 — *Taça*

Vidro transparente, incolor, de boa qualidade.

Bojo ovoide, largo; fundo côncavo; pé repuxado com turquês; bordo em forma de pérola. Cordão de vidro incolor a contornar o colo.

Conservam-se dois fragmentos que supomos da mesma peça. Leitosidade incipiente. Picado. Pequenas ranhuras.

Altura provável: 72 mm. Diâmetro da boca: 90 mm.

Não conhecemos, em vidro ordinário e soprado, nenhuma outra taça deste formato. Há, todavia, exemplares de vidro marmóreo e mil-flores no Metropolitan Museum e no British Museum (1). O pé, que nestes exemplares é acrescentado depois de fabricado o corpo da taça,

(1) Andrew Oliver Jr., «Late Hellenistic glass in the Metropolitan Museum», *Journal of Glass Studies*, IX (1967), pp. 15-16.

é diferente do exemplar de Aljustrel. Nenhum dos vidros citados é datável; mas já Oliver chamou a atenção para uma forma aretina, assinada por Bargates e atribuível por isso ao último quartel do século i a.C., e semelhante no perfil.

A lucerna pode classificar-se nos tipos Dressel 10, Loeschcke 1 e Paiol 2b; tem o mesmo bico triangular, o mesmo recorte de colo, a mesma asa. Não se encontra, porém, nenhum paralelo próximo fora da Lusitânia para esta margem larga, decorada com meias pérolas, e este disco sem ornato; pelo contrário, são aqui frequentes os exemplos, geralmente com volutas no rostrum e uma palmeta ou folha de hera entre as volutas (1).

Paiol data do reinado de Augusto o seu tipo 2b. O tipo Loeschcke 1 é do século i d.C., e nele se distinguem três variantes: *A* (até ao reinado de Tibério), *B* (primeira metade do século i) e *C* (segunda metade do século i) (2). A lucerna de Aljustrel caberia melhor no subtipo *B* pela posição central do orifício de alimentação.

Sepultura 61

1 — *Pote*

Barro alaranjado, com areia miúda.

Bojo ovóide, bordo revirado para fora e rematado num lábio simples, arre-

(1) Há dois exemplares, inéditos, na Biblioteca Nacional de Lisboa, com folha de hera mas sem volutas, um de proveniência ignorada e outro de Mértola. Outros exemplares, com volutas e folha de hera, foram publicados por Ferreira de Almeida, 1953, n.º 119 (no Museu Regional de Évora), 122 (no Museu Nacional de Soares dos Reis) e 253 (no Museu de Faro), todas sem procedência certa; 124 e 248 (no Museu Nacional de Arqueologia) e 247 (na coleção de Elias Garcia, Castelo Branco), todas do Algarve. É possível que entre as lucernas publicadas por Ferreira de Almeida haja ainda outras idênticas (1953, n.ºs 110 a 127, 247 a 254, 264 e 265): nem sempre, porém, a ilustração e a descrição nos permitem saber se as lucernas são idênticas a esta da sepultura 59 ou se, pelo contrário, são antes do tipo das que se encontraram nas sepulturas 161 ou 340 de Valdoca.

(2) Vid. Paiol, 1949, p. 243; Loeschcke, 1919, p. 217 (29); Mercedes Vegas, «Die Römischen Lampen von Neuss» in *Novaesium II* (Limesforschungen Studien zur Organization der Römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau, Band 7), 1966, p. 74.

dondado. Urna canelura larga corre a dois terços da altura do bojo. O pé forma um degrau arredondado.

A peça ficou deformada na secagem ou na cozedura.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura máxima: 94 mm. Diâmetro máximo do bojo: 100 mm.

Sepultura 62

1 — *Unguentário*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-musgo, com muitas bolhas de ar e alguma pedra.

Bojo esférico; fundo ligeiramente côncavo. Bordo tubular.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 70 mm. Diâmetro máximo do bojo: 68 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Este boião cabe no tipo 68 de Isings, cuja variedade desafia as tentativas de classificação e cronologia rigorosas. O tipo vai dos Flávios ao século III ou IV.

Sepultura 64

1 — *Taça de terra sigillata*

Pasta vermelha, de grão finíssimo, muito branda. «Glanztonfilm» vermelho, ligeiramente acastanhado, homogéneo, brilhante.

Parede arqueada; bordo sublinhado por uma ranhura externa. Gola alta com fina decoração incisa.

Bem conservada, excepto pelo engobe, muito estragado.

Altura: 49 mm. Diâmetro máximo: 118 mm.

A marca está reproduzida em tamanho natural.

2 — *Cântaro*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar pequenas e algumas impurezas negras.

Colo alto e ligeiramente inclinado para fora, bordo tubular. Tinha provavelmente duas asas embora se conserve apenas uma.

Fragmentado e incompleto.

Diâmetro da boca: 81 mm.

Na sepultura 427 desta necrópole achou-se um cântaro da mesma forma, de perfil completo. O único paralelo exacto que conhecemos

para estes cântaros é um vaso do Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança, em Vila Viçosa, encontrado na necrópole da Horta das Pinas, do concelho de Elvas, que publicaremos no próximo número desta revista. Parece-nos, todavia, que podemos integrar os cântaros de Aljustrel no tipo 346 ou 348 de Kisa. Os exemplares destes tipos encontrados em contextos datáveis são raros mas a maior parte dos autores concorda em atribuí-los aos séculos i ou ii d.C. (1).

A taça de sigillata, sudgálica, de forma Drag. 24/25, ajuda a precisar a cronologia, pois o oleiro *MVRANVS* trabalhou em La Graufesenque no tempo de Cláudio e Vespasiano.

Sepultura 67

1 — *Terrina*

Barro amarelo-rosado, com areia miúda.

Parede arqueada; pé a formar um degrau ligeiramente arredondado; fundo côncavo; gola inclinada para dentro, com três molduras.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 99 mm. Diâmetro máximo: 176 mm.

2 — *Pote*

Barro cinzento-escuro, com bastante areia mas miúda, de superfície muito bem alisada.

Bojo cordiforme; ombros muito marcados e a formar um degrau; colo contracurvado e rematado num lábio redondo, simples. Pé em degrau recto.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 119 mm. Diâmetro máximo do bojo: 128 mm.

(1) Vid. Fremersdorf, 1958, est. 34; Simonett, 1941, p. 78 e fig. 61; Mezquiriz de Catalán, *La excavación estratigráfica de Pompaelo*, Pamplona, 1956, fig. 143; Garcia y Bellido, *Colonia Aelia Augusta Italica*, p. 162, fig. 59, n.º 2; Braat, *Verres de P Antiquité*, Leyden, 1962, n.º 192 e fig. 20; Alarcão, 1963 (1), p. 178; Braat, «The glass collection of the Rijksmuseum van Oudheden at Leiden», *Oudheidkundige Mededelingen uit het Rijksmuseum van Oudheden te Leiden*, XLIV (1963), pp. 107 e 108.

Sepultura 68

1 — *Jarra de terra sigillata*

Pasta e engobe típicos aretinos.
Bojo barriloide; bordo revirado para fora.
Conservam-se nove pequenos fragmentos da mesma peça, que mostram ter sofrido a acção do fogo.

Altura conservada: 37 mm. Diâmetro da boca: 80 mm.

Reduzida a metade.

2 — *Taça ou jarra de terra sigillata.*

Fabrico típico aretino.
Pé fendido por uma pequena ranhura.
Diâmetro do pé: 45 mm.
Reduzida a metade.

3 — *Jarra de terra sigillata*

Fabrico típico aretino.
Ombros ondulados; bordo arqueado para fora.
Altura conservada: 20 mm.
Reduzida a metade.

4 — *Jarra de terra sigillata*

Fabrico típico aretino.
Bordo arqueado para fora.
Altura conservada: 12 mm.
Reduzida a metade.

Os fragmentos 1, 3 e 4 pertencem provavelmente a jarras do tipo Drag. 10; o número 2 é inclassificável. Todos datam da época de Augusto ou Tibério.

Sepultura 72

1 — *Taça de paredes finas*

Barro fino, amarelado, com engobe cor de tijolo.
Parede arqueada; fundo côncavo; bordo simples, arredondado. Decoração de folhas de hera em barbotina.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso. Engobe quase completamente descascado.

Altura: 62 mm. Diâmetro máximo: 87 mm.

Esta taça de paredes finas deve datar da segunda metade do século i d.C., ou, quando muito, dos inícios do século n. A forma deriva das taças hemisféricas da primeira metade do século e distingue-se delas sobretudo por uma maior altura da parede. A decoração vegetal comum neste tipo, feita com barbotina, reproduz folhas de hera e palmetas em diversos arranjos.

Encontram-se paralelos para esta taça em Conímbriga, Carmona, Albintimilium e Vindonissa (1). Nesta última estação datam, pelo mais cedo, da época de Cláudio (2). Lamboglia atribui esta decoração à segunda metade do século i e ao primeiro quartel do II d.C. (3).

Sepultura 73

1 — *Tigela*

Barro cor de café com leite, com areia miúda.

Parede em ângulo obtuso; pé em pequeno degrau.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 68 mm. Diâmetro da boca: 173 mm.

2 — *Conta*

Esfera de osso perfurada axialmente.

Diâmetro: 15 mm.

Reproduzida em tamanho natural.

Sepultura 82

1 — *Pote*

Barro alaranjado, com areia miúda. Superfície brunida.

Bojo ovóide, decorado com caneluras e uma barra feita com roleta. Ombros

(1) As peças de Conímbriga estão inéditas. O paralelo de Carmona pode ver-se em Bonsor, 1931, est. XLI; os de Albintimilium, em Lamboglia, 1950, figs. 62, 27; 79, 7; o de Vindonissa, em Ettlenger, 1952, est. 11, p. 228.

(2) Ettlenger, 1952, p. 39.

(3) Lamboglia, 1950, p. 142.

marcados, colo largo e contracurvado. Pé em degrau arredondado, fundo chato.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 212 mm. Diâmetro máximo do bojo: 220 mm.

2 — *Taça* (?)

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-maçã, com algumas bolhas de ar.

Parede ondulada; fundo repuxado com turquês.

Fragmentada e incompleta. Leitosidade. Picado ligeiro.

Diâmetro do pé: 32 mm.

Reduzida a metade.

O vidro número 2 é difícil de classificar dada a exiguidade do perfil.

Sepultura 99

1 — *Pote*

Barro grosseiro, arenoso, amarelo-alaranjado.

Bojo ovóide, fundo ligeiramente côncavo, bordo envasado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 114 mm. Diâmetro máximo do bojo: 135 mm.

2 — *Pote*

Barro afogalhado, variando entre o tijolo e o amarelo-rosado, com areia miúda e muito pulverulento.

Bojo ovóide e bordo envasado.

Fragmentado.

Altura: 204 mm. Diâmetro máximo do bojo: 199 mm.

Sepultura 100

1 — *Malga*

Barro castanho-claro, com muita areia miúda.

Parede arqueada, formando a certa altura um ligeiro cotovelo; bordo boleado e descaído para o interior. Fundo ligeiramente côncavo.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 63 mm. Diâmetro da boca: 145 mm.

2 — *Prato de terra sigillata*

Pasta vermelho-alaranjada, fina e muito branda.

Parede em ângulo obtuso, com grossa meia cana interna; fundo interno muito alçado; pé pequeno.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 38 mm. Diâmetro da boca: 162 mm.

3 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar e espuma.

Reservatório triangular; gargalo cilíndrico com marcas de modelação na base. Fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Picado. Leitosidade incipiente.

Altura actual: 97 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 69 mm.

4 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-musgo, com pequenas bolhas de ar.

Copa campular; pé repuxado com turquêsas; fundo côncavo; bordo ligeiramente envasado e de arestas vivas. Decoração de linhas finamente gravadas. Marcas de modelação à volta da base.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 76 mm. Diâmetro da boca: 86 mm. Espessura máxima do vidro: 1 mm.

5 — *Asa de lucerna*

Barro branco-sujo, aparentemente sem engobe.

Altura: 46 mm.

O prato de sigillata hispânica, de tipo Drag. 15/17, cujo perfil copia de perto o modelo gálico, é do século I ou n.

O ungentário número 3 começou a fabricar-se na segunda metade do século I d.C., embora seja ainda raro em Pompeia; encontra-se nos séculos II e III (1).

O copo número 4 pode talvez incluir-se no tipo 87 de I sings. O nosso copo tem um perfil mais anguloso e o pé, embora apertado com turquêsas, não chegou a fechar-se e a formar o anel tubular próprio do tipo. A forma de Isings mais semelhante é todavia ainda a 87, e não erraremos talvez em atribuir ao nosso copo a mesma cronologia daquele tipo, isto é, o fim do século I e o século II d.C.. O tipo encon-

(1) Vid. Alarcão, 1963 (2), p. 370.

tra-se em Este, Ventimiglia, Cimiez(1); parece ter portanto uma distribuição predominantemente mediterrânica.

Sepultura 101

1 — *Cántaro*

Barro alaranjado, com areia miúda.

Bojo ovóide, bordo curto, recto e oblíquo, pé a formar um degrau recto, fundo ligeiramente côncavo. Uma canelura larga corre pela raiz das duas asas de fita, muito grossas.

Fragmentado e reconstituído com gesso.

Altura: 100 mm. Diâmetro máximo do bojo: 104 mm.

2 — *Terrina* (?)

Barro muito grosseiro e arenoso, cor de laranja acastanhado.

Bordo envasado. O fragmento conservado apresenta restos de uma pegadeira que reconstituímos de acordo com o fragmento da sepultura 307 e outros fragmentos encontrados em Aljustrel. A pegadeira é feita de um rolo de barro dobrado em ponte; nos dois cantos, duas dedadas fizeram depressões circulares; as duas extremidades são reviradas para cima.

Altura conservada: 54 mm.

Sepultura 103

1 — *Taça de terra sigillata*

Pasta vermelha, branda, com muitas partículas de calcite.

Bordo em forma de aba arqueada, decorada. O fragmento conservado apresenta um caule e folha em forma de gota.

«Glanztonfilm» muito alterado e quase completamente desaparecido,

Diâmetro máximo: 167 mm.

É um prato sudgálico de forma Drag. 36, atribuível aos fins do século i ou ao século n d.C..

(1) J. Y. Rigoir, «Tombes romaines découvertes à Cemenelum (Cimiez, Nice)» *Rivista di Studi Liguri*, XXIII (1957), p. 98 e fig. 11.

Sepultura 1091 — *Copo*

Vidro transparente, verde-relva, com muitas bolhas.

Parede em S, bordo ligeiramente envasado e de arestas polidas ao torno, pé repuxado com turquês, fundo côncavo. Decorado com linhas esmeriladas.

Fragmentado e incompleto. Manchas leitosas e ferruginosas.

Altura: 109 mm. Diâmetro da boca: 74 mm.

Nesta sepultura, segundo o registo dos descobridores, achou-se ainda uma pedra de jogo, branca, de pedra não especificada.

Este copo cabe no tipo 34 de Isings, que surgiu na segunda metade do século I d.C. e continuou a fabricar-se até ao iv com pequenas variantes de bordo, de pé e de ornamentação (1); em Lincoln, num estrato datável de 48-75 d.C., apareceu um copo semelhante (2).

Sepultura 1111 — *Pote*

Barro alaranjado com areia miúda e partículas de calcite.

Bojo ovóide; bordo envasado; ombros moldurados. Pé num pequeno degrau; fundo ligeiramente côncavo.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 142 mm. Diâmetro máximo: 166 mm.

2 — *Jarro*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-esmeralda, com algumas bolhas de ar.

Bojo sobre o redondo; colo alto e largo; bordo revirado para dentro e tubular; fundo côncavo. Tinha uma asa de que resta um pequeno fragmento agarrado ao bordo.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade incipiente. Ligeiro picado.

Altura: 90 mm. Diâmetro máximo do bojo: 85 mm.

O jarro de vidro, a que falta uma asa, é semelhante ao da sepultura 198. Cabe no tipo 57 de Isings e 217 de Kisa, que já se encontra

(1) Harden, 1948, p. 52 e Isings, 1957, pp. 48-49.

(2) Harden, «Glass» in Webster, «The legionary fortress at Lincoln», *Journal of Roman Studies*, XXXDC (1949), p. 77.

em Pompeia e começou portanto a fabricar-se antes de 79 d.C.. A produção continuou na primeira metade do século u d.C..

Já publicámos um jarro deste tipo, mas de bojo decorado com fios de vidro da mesma cor a formar como que uma rede, proveniente, provàvelmente, de Bensafrim (Algarve). Analisámos então brevemente a decoração que estes jarros podem apresentar (1).

O tipo parece ter, em Portugal, uma distribuição exclusivamente meridional. Em Aljustrel encontra-se este mesmo tipo ainda na sepultura 158. Na coleção Amatller há dois exemplares semelhantes, adquiridos em Sevilha, a que Gudiol atribui uma data demasiadamente tardia (séculos II-III e III-iv (2)).

Sepultura 112

1 — *Prato de terra sigillata*

Pasta avermelhada com muitas partículas minúsculas de calcite; «Glanztonfilm» acastanhado de má qualidade.

Conserva-se apenas um fragmento da parte superior da parede, ligeiramente arqueada e decorada com ranhuras.

Altura do fragmento: 29 mm.

Reduzido a metade.

É um prato aretino de forma Drag. 17A (Haltern, serviço II) da época de Augusto.

Sepultura 113

1 — *Malga*

Barro cinzento-claro com areia miúda.

Parede arqueada; lábio arredondado; pé formando um pequeno degrau recto; fundo côncavo.

Fragmentada e reconstituída com gesso.

Altura: 64 mm. Diâmetro da boca: 150 mm.

(1) Alarcão, 1964, pp. 100-102.

(2) J. Gudiol, *Catalech deis vidres de la Col·lecció Amatller*, 1925, números 69 e 305.

2 — *Copo*

Vidro transparente, quase incolor, apenas muito ligeiramente fumado. Raras bolhas de ar e ligeira pedra.

Copa campanular decorada com linhas finamente gravadas. Bordo envasado de arestas vivas.

Fragmentado e incompletado.

Altura actual: 61 mm. Diâmetro da boca: 90 mm.

O copo desta sepultura parece-nos idêntico ao da 100, que atribuímos ao fim do século I ou ao II d.C..

Sepultura 1151 — *Pote*

Barro cor de tijolo, com areia miúda.

Bojo ovóide; bordo em forma de feijão. A parede, no fundo, é ligeiramente contracurvada para fazer uma base mais larga.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 201 mm. Diâmetro máximo do bojo: 207 mm.

2 — *Taça de paredes finas*

Barro amarelo rosado, bastante fino e pulverulento. Não conserva engobe, mas a superfície está muito estragada.

A parede desenha um ângulo obtuso. A copa é decorada com duas zonas gravadas com roleta e, abaixo da carena, com duas caneluras. O pé forma uma pequena bolacha.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 67 mm. Diâmetro da boca: 88 mm.

A peça número 2 é uma taça de paredes finas cuja forma, de paredes rectilíneas ou ligeiramente sinuosas e carenada, sem asas e com decoração feita com roleta em faixas paralelas, aparece frequentemente em Conímbriga, nas Reprezas (Beja) e na necrópole de Serrones (1).

Lamboglia data este tipo de decoração dos meados do século I d.C. com base nos achados de Albintimilium. Considerou, porém, de

(1) Os exemplares de Conímbriga estão inéditos; os das Reprezas foram publicados por F. Nunes Ribeiro, *Breve informação sobre cerâmica romana das Reprezas*, Beja, 1956, p. 13 e fig. 5; os de Serrones foram publicados por A. Viana, 1955 (1), fig. 16, 7; 18, 43 e 52.

15-30 d.C. uma taça do mesmo tipo proveniente de Ticino (1). Heukemes apresenta taças do mesmo tipo encontradas em Heidelberg, mas data-as do último terço do século i ou mesmo dos inícios do n d.C. (2).

Sepultura 117

1 — *Taça de terra sigillata*

Pasta rosa-pálida, muito branda. «Glanztonfilm» acastanhado escuro, estaladiço.

Parede arqueada, bordo sublinhado externa e internamente por ranhuras. Altura actual: 36 mm.

Este fragmento, de fabrico aretino, é provàvelmente uma taça do tipo Ritt. 8, embora as paredes sejam mais oblíquas do que é normal nesta forma. Data da época de Augusto ou Tibério.

Sepultura 118

1 — *Lucerna*

Barro cinzento-beije, com areia miúda. A superfície está muito estragada mas aparentemente não tinha engobe.

Disco liso e côncavo, com orifício ligeiramente descentrado. Margem lisa, separada do disco por urna moldura. Bico com duas volutas e uma folha de hera ou palmeta. Axa perfurada com três ranhuras longitudinais. Fundo em forma de gota, com marca esgrafitada antes da cozedura: L-I R

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Comprimento: 143 mm. Altura central: 43 mm.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, castanho muito claro, de superfície bem polida, embora pouco brilhante.

Bojo ovóide decorado com dois pares de caneluras desigualmente distanciadas; bordo revirado para fora. Pé a formar um pequeno degrau facetado, fundo côncavo.

Fragmentado.

Altura: 130 mm. Diâmetro máximo 120 mm.

(1) Lamboglia, recensão de Ch. Simonett, *Tessiner Gräberfelder em Rivis ta di Studi Liguri*, IX (1948), p. 180.

(2) Heukemes, *Römisches Keramik aus Heidelberg*, est. 3, 43-44 e 12, 25.

3 — *Pote*

Barro castanho, com areia miúda.

Bojo sobre o oval, sem pé; bordo em L como para dar assento a um testó.

Muito fragmentado.

Altura: 195 mm. Diâmetro máximo do bojo: 201 mm.

Esta lucerna tem a mesma configuração geral da que se encontrou na sepultura 59, embora lhe faltem as pérolas da margo e apresente volutas a decorar o *rostrum* e uma folha de hera ou palmeta entre essas volutas. Devemos talvez integrá-la numa variedade lusitânica do tipo Dressel 10, Loeschke 1 ou Paiol 2b, variedade que compreenderá vários subtipos:

1 — Com pérolas na margo, volutas no *rostrum* e folha de hera entre as volutas (Ferreira de Almeida, 1953, n.ºs 119, 122, 124, 247, 248 e 253).

2 — Com pérolas, mas sem volutas nem folhas de hera (nas sepulturas 59 e 198 desta necrópole de Yaldoca).

3 — Sem pérolas, com volutas, mas sem folhas de hera (nas sepulturas 161, 247 e 434 desta necrópole e em Peroguarda (Nunes Ribeiro, «Lucernas de Peroguarda», in *Arquivo de Beja*, xvi (1960), lucerna n.º 5).

4 — Sem pérolas, sem volutas e sem hera (nas sepulturas 126 e 172 de Valdoca e em Peroguarda (Nunes Ribeiro, art. cit., n.º 3).

5 — Sem pérolas, com volutas e folhas de hera (nesta sepultura e ainda nas números 340, 353 e 477; Ferreira de Almeida, 1953, n.º 110; Nunes Ribeiro, art. cit., n.º 4).

Atribuíveis ao século i d.C., como já dissemos no comentário à sepultura 59, estas lucernas não saíram todas da mesma oficina, a julgar pela variedade de marcas que apresentam: T (Ferreira de Almeida, 1953, 110); VA(?) (Ferreira de Almeida, 1953, 113); LAT (Ferreira de Almeida, 1953, 123); S (Nunes Ribeiro, art. cit., n.º 4);). (Ferreira de Almeida, 1953, 247); palma com cinco ramos de cada lado (Ferreira de Almeida, 1953, 114) palma (Ferreira de Almeida, 1953, 251). Não conhecemos outro caso de LTR senão o da sepultura 353 desta mesma necrópole.

Sepultura 121

1 — *Boiao*

Barro muito grosseiro e arenoso, castanho-acinzentado.

Bojo barriloide, muito deformado na secagem ou na cozedura. Pequeno bordo revirado para fora. Pequeno pé arredondado. A meia altura corre uma canelura larga.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 84 mm. Diâmetro máximo do bojo: 95 mm.

2 — *Pote*

Barro cinzento-escuro, com areia miúda.

Bojo ovóide, decorado com duas caneluras contíguas; bordo vertical a formar uma pequena gola. Fundo ligeiramente côncavo.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 106 mm. Diâmetro máximo do bojo: 129 mm.

Sepultura 123

1 — *Taça de terra sigillata*

Pasta avermelhada, muito fina. «Glanztonfilm» vermelho-acastanhado, uniforme, idêntico ao do fragmento de prato encontrado na sepultura 240.

Conserva-se apenas um fragmento da gola, ondulado, decorado exteriormente por duas ranhuras.

Altura actual: 16 mm.

Reduzida a metade.

2 — *Taça de terra sigillata*

Pasta muito fina rosa-beije. «Glanztonfilm» alaranjado-vivo.

Parede arqueada e bordo triangular.

Altura actual: 16 mm.

Reduzida a metade.

Ambos os fragmentos desta sepultura são de fabrico aretino. O primeiro, provavelmente de época tiberiana, é uma forma Ritt. 5. O número 2 é uma forma Drag. 27, talvez produto decadente dos finais do reinado de Tibério pois, no fabrico aretino, este tipo não costuma apresentar um lábio proeminente.

Sepultura 1241 — *Copo*

Vidro transparente, muito límpido, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com bolhas de ar raras, mas grandes.

Bojo barriloide ornado de depressões ovais. Bordo de arestas vivas, envasado, sob o qual correm dois pequenos feixes de linhas esmeriladas, muito finas. Fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Ligeira leitosidade.

Altura provável: 66 mm. Diâmetro da boca: 53 mm.

Reduzido a metade.

2 — *Taça de terra sigillata*

Pasta rósea muito pálida. «Glanztonfilm» alaranjado, muito manchado.

Parede arqueada, com pequena ranhura interna. Pé alto e oblíquo.

Altura actual: 27 mm.

Reduzida a metade.

O copo número 1 cabe, como o da sepultura 16, no tipo 32 de Isings. Os exemplos são mais frequentes do terceiro quartel do século i até aos fins do m d.C., mas o exemplar encontrado no cemitério OH de Nijmegen, citado por Isings e datado de 30-70 d.C., obriga-nos a perguntar se o tipo não terá começado mais cedo. Esta sepultura de Aljustrel confirma essa hipótese, pois a peça número 2 é uma taça aretina de forma Ritt. 5, da época de Augusto ou Tibério.

Isings considera os copos de lados quase rectos mais tardios que os de lados convexos, mas um copo publicado por Baradez, de lados rectos, encontrado com uma moeda de Vespasiano cunhada em 71 d.C. e uma lucerna de tipo Dressel 20 do fim do século i d.C. obriga-nos todavia a aceitar com grandes reservas a opinião de Isings (1).

Sepultura 1251 — *Panela*

Barro de cor de café com leite, com areia miúda.

Bojo largo e redondo, fundo chato, bordo triangular ligeiramente descaído para dentro.

Muito fragmentada.

Altura: 130 mm. Diâmetro máximo do bojo: 176 mm.

(1) J. Baradez, «Nouvelles fouilles à Tipasa. Nécropole païenne occidentale sous la Maison des Fresques» in *Libyca*, IX (Archéologie-Épigraphie), 1961, p. 14.

Sepultura 126

1 — *Lucerna*

Barro de cor de café com leite, fino.

Disco decorado com três ranhuras e três círculos dentados concêntricos. Orifício central. Margem lisa. Bico largo e de remate arqueado.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura central: 31 mm. Comprimento provável: 118 mm.

Esta lucerna, que tem a mesma configuração geral das que se encontraram nas sepulturas 59 ou 118, deve datar-se também do século i d.C..

Sepultura 127

1 — *Pote*

Barro cinzento-escuro, fino mas micáceo. Superfície muito bem brunida.

Bojo esférico decorado com duas faixas gravadas com roleta. Colo largo e vertical; bordo arredondado, simples. Pé em forma de bolacha.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 93 mm. Diâmetro máximo do bojo: 97 mm.

Sepultura 128

1 — *Bilha*

Barro com areia miúda, castanho-alaranjado, um pouco afogalhado.

Bojo bicónico, ornado na parte superior com duas caneluras. Gargalo largo e arqueado, bordo em forma de aba ligeiramente descaída para o interior. Asa em U.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 205 mm. Diâmetro máximo do bojo: 166 mm.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, cor de tijolo.

Bojo ovóide. Parede contracurvada na parte inferior.

Muito fragmentado.

Altura: 118 mm. Diâmetro máximo do bojo: 166 mm.

3 — *Copo*

Vidro transparente, quase incolor, muito ligeiramente fumado, com numerosas bolhas de ar.

Parede em S; pé apertado com turquês; fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade incipiente.

Altura: 82 mm. Diâmetro máximo do bojo: 80 mm.

4 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar, estrias causadas pela soflagem, pedra e algumas impurezas negras.

Reservatório triangular; gargalo alto e cilíndrico; bordo revirado para fora e para baixo, enrolado sobre si mesmo. Fundo côncavo.

Completo e intacto. Riscado pelo uso.

Altura: 120 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 71 mm.

5 — *Objecto de ferro*

É uma única peça, dobrada a meio em dois braços triangulares quando visto de face. De perfil, a face interna de cada braço é chata; a externa sobe do vértice para a cabeça, desce um degrau e continua-se horizontal.

Comprimento: 105 mm. Largura máxima: 15 mm.

6 — *Pinça*

Bronze. Não ilustrada por ter desaparecido.

7 — *Tampa*

Barro com muita areia miúda, cor de café com leite.

Cortada circularmente do bojo de qualquer ânfora ou dolium.

Espessura: 16 mm.

8 — *Unguentário*

Vidro transparente, incolor, com algumas bolhas de ar.

Fundo ligeiramente côncavo, com marca em relevo: no interior de um círculo, AVG e sob estas letras duas folhas de hera opostas.

Fragmentado e incompleto. Concreções calcárias. Leitosidade. Pequenas crateras onde se aloja irisão.

Diâmetro máximo do reservatório: 65 mm. Espessura máxima do vidro: 2,5 mm.

Reduzido a metade.

Não conhecemos paralelo exacto para o copo número 3, O unguentário 4, porém, cabe num tipo comum — unguentários bulbiformes, piriformes ou, na designação preferida por outros autores, em forma

de castiçal. Embora seja ainda raro em Pompeia, este tipo começou a fabricar-se na segunda metade do século i d.C. e tornou-se frequente sobretudo no m (1). O número 8 é do tipo Jsings 82 B 2, tipo que a autora data do fim do século i até ao fim do século n d.C.. A marca que apresenta não é inédita. As letras AVG são talvez as três primeiras do nome AVGVIS, cuja oficina poderia ficar, a julgar-se pela localização dos achados, no sul de Portugal ou de Espanha. São conhecidos os seguintes exemplares:

1 e 2 — Peña de la Sal, antiga Arva (Sevilha). *Memorias de la Sociedad Arqueológica de Carmona*, 1888, pp. 52 e 56; *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1899, pp. 426-27; G. Bonsor, 1931, ests. LXXXVI e LXXXVIII

3 — Cantillana, Antiga Naeva (Sevilha). *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, XIV (1953), pp. 54-55.

4 — Cantillana. *Idem*. Deste segundo unguentário encontraram-se apenas dois fragmentos, um dos quais apresenta um A. É, porém, provável, ainda que não absolutamente certo, que se trata de mais uma peça de Augius.

5 e 6 — Itálica. Garcia y Bellido, *Colonia Aelia Augusta Itálica*, Madrid, 1960, p. 162.

7 — Aljustrel. Referido por Bonsor, na *Rev. Arch. Bib. y Museos* acima citada. Este exemplo não é nenhum dos que a seguir mencionamos. Ignoramos o seu paradeiro.

8 e 9 — Aljustrel. Dois exemplares encontrados em ruínas romanas incompletamente escavadas. Publicá-los-emos nesta revista, num artigo que preparamos sobre vidros romanos de museus do Alentejo e do Algarve.

10 — Aljustrel. Sepultura 128.

11 e 12 — Dois exemplares encontrados em 1967 numa das necrópoles de Chellah (antiga Sala), em Marrocos. Serão publicados em breve por Jean Boube, a quem devemos esta informação.

A bilha 1 desta sepultura tem paralelo nas necrópoles da Horta das Pinas e da Herdade do Padrão (2).

(1) Alarcão, 1963 (2), pp. 369-370.

(2) Viana, 1958, ests. VIII, 84 e IX, 202.

Sepultura 1301 — *Taça de terra sigillata*

Pasta finíssima, rosa-amarelada. «Glanztonfilm» alaranjado-escuro, brilhante e manchado.

Parede arqueada com moldura sublinhada por ranhura na base da gola. Esta tem uma decoração excelente, feita com roleta.

Altura actual: 29 mm. Diâmetro da boca: 82 mm.

Reduzida a metade.

2 — *Prato de terra sigillata*

Pasta e «Glanztonfilm» como o número anterior.

Parede recta e oblíqua, com uma moldura bem saliente do lado interno.

Altura actual: 29 mm. Diâmetro da boca: 75 mm.

Reduzido a metade.

Estes dois fragmentos são de fabrico aretino e ambos da época de Tibério. O primeiro é uma forma Drag. 24/25; o segundo é um prato Drag. 17B.

Sepultura 1321 — *Prato de terra sigillata*

Pasta fina rosada. «Glanztonfilm» idêntico ao do fragmento da sepultura 240.

Bordo oblíquo, bem moldurado pelo exterior.

Altura actual: 16 mm.

Reduzido a metade.

É um fragmento de prato Drag. 17 com perfil frequente no reinado de Tibério (1).

Sepultura 1371 — *Taça de terra sigillata*

Pasta fina, rosa-avermelhado. «Glanztonfilm» vermelho-acastanhado claro.

Parede arqueada, pé baixo e largo. Marca «in planta pedis» muito bem dese-

(1) Hawkes e Hull, *Camulodunum, First report ou the excavations at Colchester*, 1930-39, Oxford, 1947, pp. 181-182 e fig. 42.

nhada mas bastante estragada: /CAR.../ com três pontos em triângulo na extremidade.

Diâmetro do pé: 36 mm.

Perfil e marca reduzidos a 2:3.

É um fragmento de taça de pé baixo, de tipo Ritt. 8 ou Drag. 24/25, talvez de fabrico aretino provincial. A marca será de CARVS, oleiro de larguíssima representação, que Oswald situa em La Graufsenque no período de Tibério a Nero?

Sepultura 138

1 — *Púcaro*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Bojo sobre o oval, bordo envasado, fundo ligeiramente côncavo. Asa de fita.

Fragmentado mas completo.

Altura: 157 mm. Diâmetro máximo do bojo: 142 mm.

2 — *Pote*

Barro castanho-acinzentado com areia miúda.

Bojo bicónico, muito ligeiramente contracurvado na base para dar mais estabilidade à peça; bordo envasado.

Muito fragmentado.

Altura: 185 mm. Diâmetro máximo do bojo: 198 mm.

Sepultura 140

1 — *Pote*

Barro castanho, com areia miúda.

Bojo ovoide, pé a formar um pequeno degrau, ombros ligeiramente moldurados, bordo em L.

Fragmentado e incompleto. Enegrecido pelo fumo. Reconstituído com gesso.

Altura: 192 mm. Diâmetro máximo do bojo: 210 mm.

Sepultura 141

1 — *Taça de terra sigillata*

Pasta vermelha, com grande abundância de calcite, muito branda. «Glanztönfilm» vermelho vinoso, pouco brilhante e muito estaladiço.

A parede descreve dois arcos de círculo. Pé oblíquo, bem facetado.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 63 mm. Diâmetro da boca: 138 mm.

2 — *Taça de paredes finas*

Barro fino, pulverulento, amarelo-rosado. Engobe alaranjado.

Parede em ângulo obtuso, decorada inferiormente com duas caneluras paralelas e na parte superior com pequenos mamilos irregulares dispostos em duas linhas. Duas asas de secção em D, com ranhura longitudinal, desenham uma argola oval. Fundo côncavo.

Fragmentada e incompleta. Engobe quase completamente descascado. Reconstituída com gesso.

Altura: 54 mm. Diâmetro máximo do bojo (sem asas): 120 mm.

3 — *Pote*

Barro castanho-claro ligeiramente afogalhado, com muita areia muito miúda. Superfície polida com aspecto estriado.

Bojo ovóide, decorado com duas faixas trabalhadas com roleta. Colo alto e largo, arqueado. Ranhura sobre os ombros. Pé baixo e oblíquo.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 128 mm. Diâmetro máximo do bojo: 126 mm.

4 — *Copo*

Vidro transparente, incolor, com algumas bolhas de ar especialmente concentradas na base e algumas impurezas negras.

Parede em S, pé repuxado com turquêsas, fundo côncavo, bordo ligeiramente envasado. Decoração de linhas finas gravadas.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade incipiente.

Altura: 97 mm. Diâmetro máximo do bojo: 78 mm. Espessura do vidro: 1 mm (excepto na base).

5 — *Taça (?)*

Vidro muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com algumas bolhas.

Copa arqueada, decorada no fundo com um cordão do mesmo vidro. Pé alto e oblíquo, feito de uma segunda «paraison», de extremidade arredondada ao fogo.

Fragmentada e incompleta. Ranhuras fundas cortam toda a espessura do vidro.

Altura actual: 42 mm. Diâmetro máximo do bojo: 78 mm. Espessura mínima do vidro: c. 2 mm.

6 — *Unguentário*

Vidro verde-gelo com muitas bolhas, espuma, pedras e impurezas negras.

Reservatório triangular; gargalo alto e cilíndrico; bocal afunilado; bordo arredondado ao fogo.

Completo e intacto. Picado.

Altura: 102 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 38 mm.

A peça número 1 é uma taça Drag. 27, de sigillata hispânica, com perfil muito simplificado, que não pode ser anterior a meados do século i d.C..

A taça número 2 é de paredes finas. Esta forma carenada com duas pequenas asas é comum nas necrópoles alto-alentejanas. Também se encontra em Carmona, com decoração de areia ou folhas de hera (1). No museu arqueológico de Córdoba vimos um exemplar com fiadas oblíquas de pérolas. Aparece ainda em Vindonissa e Aljustrel (peças avulsas n.º 1) com decoração reticulada e em Tipasa e Nijmegen com decoração feita com roleta (2).

O tipo apresenta variantes de perfil que vão desde a parede hemisférica como no exemplar de Vindonissa até à parede carenada em ângulo vivo como nalguns exemplares de Serrones (3). As dimensões são muito variáveis. A de Aljustrel pertence ao tipo mais baixo e mais largo e tem asas em forma de anel. As de Serrones são, em geral, mais altas e de asas alongadas. Não encontramos outro exemplar desta forma decorado com mamilos.

Com base na decoração, tanto desta peça como das outras referidas, datamos esta forma da segunda metade do século i d.C..

O copo número 4 é semelhante ao da sepultura 109 e, como este, difícil de datar com rigor; pode, porém, admitir-se sem esforço a segunda metade do século i d.C..

O fragmento 5 poderá reconstituir-se como taça de copa hemisférica baixa — forma que se fabricou em mil-flores pelo menos desde meados do século i a.C. até aos meados do século i d.C. (4); não conhecemos todavia exemplares da mesma forma em vidro monocrómico, razão por que admitimos também tratar-se de uma forma Isings 38, não com o pé ilustrado por Isings, mas antes semelhante ao de um cântaro

(1) Ambas no museu local; a segunda foi publicada por Bonsor, 1931, est. XXXVIII.

(2) Vindonissa: Ettlinger, 1952, n.º 229 (atribuída ao reinado de Cláudio). Tipasa: J. Baradez, «Nouvelles fouilles à Tipasa. Nécropole sous la maison des fresques», *Libyca*, IX (1961) p. 40 e est. IX b; J. E. Bogaers e J. Ypey, «Ein neuer romischer Dolch mit silbertauschierter und emailverzierter Scheide aus dem Legionslager Nijmegen», *Berichten van de rijksdienst voor hei oudheidkundig bodenzonderzoek*, 12-13 (1962-63), p. 93.

(3) Viana, 1955 (1), fig. 17.

(4) Weinberg, «The Antikythera shipwreck reconsidered», *Transactions of the American Philosophical Society*, 55, part 3 (1965), p. 37.

do Museo di Antichità de Turim (1). A forma 38 de Isings é da segunda metade do século i d.C.

O unguentário 6 cabe no tipo 82 B 1 de Isings, que surge nos fins do século i e se mantém pelo ii d.C..

Sepultura 145

1 — *Taça de terra sigillata*

Pasta e «Glanztonfilm» semelhantes ao fragmento da sepultura 240. Bordo rectilíneo, sem decoração, rematado superior e inferiormente por duas molduras arredondadas. Paredes côncavas. Não ilustrada.

Este fragmento aretino de taça Ritt. 5 data da época de Augusto ou Tibério (2).

Sepultura 152

1 — *Taça de terra sigillata*

Pasta finíssima e muito branda, rosa-amarela. «Glanztonfilm» inteiramente descascado.

Parede em S, internamente canelada, e bordo triangular.

Altura actual: 24 mm.

Reduzida a metade.

2 — *Taça de terra sigillata*

Pasta e «Glanztonfilm» muito semelhantes aos do fragmento da sepultura 240.

Parede arqueada e internamente canelada, pé oblíquo.

Altura actual: 16 mm.

Reduzida a metade.

Os dois fragmentos são de fabrico aretino e, respectivamente, de formas Drag. 11 e Ritt. 5. As ranhuras na face interna desta última taça denunciam uma data alta na evolução deste tipo.

(1) M. Carina Calvi, «La coppa vitrea di Aristeas nella collezione Strade», *Journal of Glass Studies*, VII, (1965) fig. 12.

(2) Cfr. Fellmann, 1955, est. 91.

Sepultura 153

1 — *Malga*

Barro alaranjado, muito arenoso embora com areia miúda.

Paredes muito ligeiramente arqueadas, oblíquas, com as estrias resultantes do torneamento muito sensíveis. Bordo biselado. Pé a formar um degrau recto.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 73 mm. Diâmetro da boca: 152 mm.

2 — *Malga*

Barro como o da peça anterior. Fabrico todavia mais cuidado.

Copa arqueada, bordo simples, arredondado, fundo ligeiramente côncavo.

Completa.

Altura: 65 mm. Diâmetro máximo do bojo: 90 mm.

3 — *Pote*

Barro cinzento-beije, com bastante areia mas muito miúda. Superfície brunida.

Bojo ovóide, decorado com três faixas ornamentadas com roleta. Pé de bolacha. Ombro vincado por um degrau.

Fragmentado e reconstituído com gesso.

Altura: 90 mm. Diâmetro máximo do bojo: 117 mm.

4 — *Taça de terra sigillata*

Pasta rósea avermelhada, com abundante calcite mas relativamente fina.

«Glanztonfilm» vermelho-acastanhado, uniforme, brilhante mas estaladiço.

Fundo interno muito horizontal; copa ligeiramente côncava, com ranhura exterior na base; pé oblíquo.

Completa.

Altura: 40 mm. Diâmetro da boca: 88 mm.

O número 4 é uma pequena taça de forma Drag. 33, hispânica, da segunda metade do século i d.C..

Sepultura 155

1 — *Taça de terra sigillata*

Pasta vermelha com abundantes mas finíssimas partículas de calcite. «Glanztonfilm» vermelho, homogéneo e brilhante, muito estragado.

Bordo em forma de aba arqueada, decorado com folhas de barbotina; pé alto.

Muito fragmentada.

Altura: 25 mm. Diâmetro máximo: 89 mm.

É uma pequena taça de forma Drag. 35/36, sudgálica, da segunda metade do século i d.C..

Sepultura 158

1 — *Jarro*

Vidro transparente, verde gelo, com muitas bolhas de ar e impurezas negras.

Colo muito largo; bordo revirado para dentro, tubular. Asa de fita, com apoio para o polegar e a extremidade inferior revirada para cima.

Fragmentado e incompleto. Picado ligeiro.

Diâmetro da boca: 81 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

2 — *Cálice (?)*

Vidro transparente, incolor, com raras bolhas de ar.

Conserva-se apenas um fragmento, pelo qual se não pode avaliar o diâmetro da boca. Junto ao bordo, pelo interior, tem uma pequena meia-cana em relevo, que foi feita desbastando a espessura da parede acima e abaixo da moldura. Pelo exterior, a parede apresenta linhas gravadas muito fundas. Bordo de arestas polidas ao tomo.

Leitiosidade, manchas ferruginosas e picado.

Altura actual: 74 mm. Espessura mínima do vidro: 1 mm.

Reduzido a metade.

3 — *Boião*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-maçã, com muitas bolhas.

Bojo esférico ornado de depressões ovais. Bordo de arestas, ligeiramente envasado. Fundo côncavo.

Muito fragmentado e incompleto. Ligeiramente picado.

Altura provável: 75 mm. Diâmetro da boca: 51 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

4 — *Taça (?)*

Vidro com as mesmas características do número dois desta sepultura.

O jarro número 1 é do mesmo tipo do que se encontrou na sepultura I i l e cuja cronologia já discutimos: começou a fabricar-se pelo menos no terceiro quartel do século i d.C. e continuou na primeira metade do ii.

O número 2 é certamente um cálice assente num pé alto, talvez decorado com um ou mais nós. Poderá talvez incluir-se no tipo 36 de Isings (de meados do século i d.C. aos fins do n) embora não seja idêntico a nenhuma das três variantes com que Isings ilustra o seu tipo 36. Não podemos também omitir o charchesium do século m decorado

com fios serpentiformes (1) pois apresenta algumas semelhanças com o nosso vaso. A cronologia das peças 1 e 3 leva-nos porém a admitir que se trata de peça do século i ou n.

O tipo Isings 36 não é frequente em Portugal. Podemos todavia citar um exemplar de Conímbriga, outro de Balsa (Tavira) e dois, inéditos, provenientes de Troia e conservados no Museu Nacional de Arqueologia (2).

O boião número 3 tem paralelo num do Museu Arqueológico de Vila Viçosa que publicaremos no próximo número desta revista.

Sepultura 159

- 1 — Reduzido fragmento de uma pequena taça de sigillata sudgálica de forma Drag. 35 decorada com barbotina.
Pasta e «Glanztonfilm» muito alterados. Não ilustrada.

Sepultura 161

- 1 — *Lucerna*

Barro fino, mole, pulverulento, cinzento muito claro.
Disco e margem lisos; bico em cauda de peixe decorado com duas volutas; asa estriada; orifício de alimentação central.
Bem conservada.
Altura central: 34 mm. Comprimento: 113 mm.

- 2 — *Jarro*

Barro castanho-avermelhado, com areia miúda. Superfície bem alisada, embora sem polimento.
Bojo ovóide, boca trilobada, fundo chato, asa de fita.
Fragmentado.
Altura: 181 mm. Diâmetro máximo do bojo: 132 mm.

(1) Doppelfeld, *Römisches und Frankisches Glas*, Colónia, 1966, est. 118.

(2) Alarcão, 1965, n.º 58 e Teixeira de Aragão, *Relatório sobre o cemitério romano descoberto próximo da cidade de Tavira*, Lisboa, 1868, p. 17.

3 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas e estrias causadas pela soflagem. Marcas de modelação na base do colo.

Reservatório bulbiforme, fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Ranhuras cortando toda a espessura do vidro, leitosidade incipiente, riscos do uso.

Altura actual: 70 mm. Diâmetro máximo do bojo: 103 mm. Espessura mínima do vidro: 1,5 mm.

4 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas, pedra e estrias resultantes da soflagem. Marcas de modelação na base do colo.

Gargalo cilíndrico, bordo repuxado para fora e para baixo, depois enrolado para dentro. Tinha uma asa, de que se conserva apenas a raiz.

Fragmentada e incompleta. Ranhuras. Leitosidade incipiente.

Altura actual: 55 mm. Diâmetro da boca: 44 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

A lucerna é do século i d.C., como a da sepultura 118.

O unguentário 3 cabe no tipo que Vessberg classificou de «candlestick unguentaria I». Em Chipre aparece na segunda metade do século ii d.C., mas em Dura-Europos encontrou-se um exemplar com uma moeda de Trajano (116-117 d.C.) (1). A presença de uma lucerna do século i neste túmulo leva-nos a perguntar se este tipo de unguentário não terá surgido no Ocidente ainda no século i da nossa era. Infelizmente a garrafa 4, de que se conserva apenas o colo, não pode classificar-se com segurança e não proporciona por isso informação cronológica válida.

Sepultura 1621 — *Taça*

Barro com muita areia miúda, alaranjado, ligeiramente brunido.

Bojo bicónico decorado com mamilos; bordo pequeno e revirado para fora. Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 83 mm. Diâmetro máximo do bojo: 90 mm.

(1) Vessberg, 1956, pp. 203-204.

2 — *Lucerna*

Barro fino, cor de café com leite, sem engobe.
Margem lisa e bico redondo; fundo em forma de bolacha.
Fragmentada e incompleta.
Altura: 29 mm.

Incompleta e incharacterística, esta lucerna não pode datar-se com precisão. É lucerna de bico redondo, e portanto de meados do século i ao século m d.C. (1). A taça 1 é uma imitação de paredes finas.

Sepultura 164

1 — *Taça de terra sigillata*.

Pasta muito fina de tom vermelho-alaranjado intenso.

Copa hemisférica, canelada na parte inferior. Colo alto, moldurado, com decoração feita com roleta nas duas molduras inferiores. Bordo envasado. A copa é decorada com um friso de círculos concêntricos e motivos vegetais: heras, flores de pétalas largas, flores feitas de pérolas.

Muito fragmentada e incompleta. «Glanztonfilm» quase inteiramente desaparecido.

Diâmetro da boca: 168 mm.

2 — *Taça de terra sigillata*

Pasta idêntica à da taça anterior.

Pé fino e oblíquo, com ranhura.

Altura conservada: 27 mm.

Esta peça leva erradamente também o número 1 na estampa XIII.

3 — *Taça de terra sigillata*

Pasta rosada muito fina. «Glanztonfilm» alaranjado.

Parede em ângulo obtuso, com decoração de muito boa qualidade feita com roleta.

Conservam-se dois fragmentos.

Altura conservada: 37 mm.

(1) Cfr. o que dissemos a propósito da lucerna da sepultura 11.

4 — *Prato de terra sigillata*

Pasta extremamente fina e branda, avermelhada. «Glanztonfilm» acastanhado, muito destruído. Muitas estrias provenientes do tomo, típicas deste fabrico.

Parede arqueada, ricamente moldurada.

Altura conservada: 27 mm.

Reduzido a metade.

5 — *Taça de terra sigillata*

Pasta e «Glanztonfilm» muito alterados.

Parede em ângulo obtuso, com moldura saliente no vértice; bordo triangular.

Conservam-se dois fragmentos.

Altura provável: 51 mm. Diâmetro da boca: 87 mm.

6 — *Taça de terra sigillata*

Pasta rosada muito fina. «Glanztonfilm» de excelente qualidade, alaranjado, com brilho quase metálico.

Parede arqueada, canelada e com decoração feita com roleta.

Conservam-se três fragmentos.

Altura conservada: 25 mm.

Todos os fragmentos desta sepultura são de fabrico aretino.

O número 1 é uma taça de forma Drag. 11. A decoração, de que se conservam escassos fragmentos, parece ser inteiramente vegetal. A linha de círculos concêntricos substituindo a linha de óvulos é frequente em toda a produção aretina. Usaram-na Perennius, Saturnus, Rasinius. Os elementos vegetais conservados lembram a grinalda representada num fragmento assinado por Pantagatus C. ANNI(1). É provávelmente da época de Augusto.

O número 2 pertence a uma taça de forma Ritt. 5.

O número 3 é uma taça Ritt. 9 sem molduras protuberantes. O perfil reproduz uma variante desta forma que é menos frequente tanto na época de Augusto como nos períodos seguintes. Em Camulodunum apareceu todavia um fragmento bastante semelhante, de fabrico sudgálico, pré-claudiano (2).

(1) Dragendorff-Watzinger, *Arretinische Reliefkeramik*, Beilage 6, 51.

(2) Hawkes e Hull, *Camulodunum*, Oxford, 1947, fig. 43, 23 e p. 187.

O número 4 é um fragmento de prato de forma Drag. 16, na variante mais próxima do tipo Loeschcke 1A com bordo formando ressalto, típica da época de Cláudio (1).

O número 5 é também uma taça de forma Ritt. 9 com perfil típico do período de Tibério-Cláudio.

O número 6 é uma taça Drag. 24/25 provávelmente pré-claudiana.

Sepultura 166

1 — *Malga*

Barro com areia miúda, castanho.

Hemisférica, de bordo simples, arredondado.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura provável: 67 mm. Diâmetro da boca: 173 mm.

2 — *Taça*

Vidro transparente, quase incolor, muito ligeiramente tingido de verde-relva amarelado, com raras bolhas de ar.

Parede arqueada, ligeiramente ondulada, bordo em forma de pequena aba.

Fragmentada e incompleta. Leitosidade incipiente.

Altura actual: 50 mm. Diâmetro da boca: 114 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Podemos certamente incluir a taça de vidro no tipo 42 A de Isings, embora de paredes mais apumadas. Esta variante não é todavia inédita pois se encontra em Colónia (2). O tipo vai dos Flávios aos fins do século n d.C..

Sepultura 172

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, vermelho-acastanhado.

Bojo oval, fundo ligeiramente côncavo, bordo revirado para fora.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 136 mm. Diâmetro máximo do bojo: 148 mm.

(1) Cfr. Hawkes e Hull, *ob. cit.*, na nota anterior, pp. 181-182 e fig. 42, 8; R. Felmann, 1955, p. 93 e fig. 4, 13.

(2) Fremersdorf, *Römisch Glasser aus Köln*, Colónia, 1928, est. 8.

2 — *Lucerna*

Barro fino, cor de café com leite. Parece ter tido engobe da mesma cor, que está todavia quase completamente descascado.

Disco liso, muito côncavo; margem sem decoração; bico em cauda de peixe. Tinha uma asa que não se conserva.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 28 mm. Comprimento actual: 96 mm.

3 — *Lucerna*

Barro fino, cor de café com leite.

Disco liso, muito côncavo; margem sem decoração; bico em cauda de peixe, com cabeças de cisne muito estilizadas.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 30 mm.

Esta sepultura deve atribuir-se à primeira metade do século i d.C.. Com efeito, a lucerna 2 cabe num tipo desta época, enquanto o tipo da lucerna 3 se atribui à segunda metade do século i a.C. e aos inícios do i d.C.. Sobre o tipo e cronologia das lucernas como o número 2 tratámos mais acima, a propósito de um exemplar encontrado na sepultura 59. O mesmo tipo encontra-se também na sepultura 118. A lucerna número 3 cabe no tipo 4 de Dressel e 3 de Paiol — Lucernas de bico em cauda de peixe decorado com cabeças de cisne. As lucernas deste tipo apresentam numerosas variantes, como pode julgar-se pelos exemplares publicados por Haken (1). As cabeças de cisne que ornamentam o bico vão degenerando até se reduzirem a simples incisões paralelas como dentes de garfo. Ora nesta lucerna de Valdoca a curvatura do pescoço de cisne é ainda visível; o disco, por outro lado, é decorado com molduras concêntricas como se vêem em exemplares antigos adentro do tipo. Julgamos por conseguinte poder atribuir esta lucerna ainda ao século i a.C., mas a cronologia da número 2 obriga a datar a sepultura do i d.C. (2).

(1) Haken, 1958, pp. 34-35.

(2) Sobre a cronologia das lucernas de tipo Dressel 4 veja-se Haken, 1958 p. 30 e M. Vegas, «*Die römischen Lampen von Neuss*», *Novaesium II* (Limesforschungen. Studien zur organization der römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau, Band 7), Berlim, 1966.

Sepultura 198

1 — *Lucerna*

Barro fino, cinzento muito claro, sem engobe.

Disco liso e côncavo, margem decorada com ovais em relevo, bico em cauda de peixe, asa perfurada.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 38 mm. Comprimento: 112 mm.

2 — *Garrafa*

Barro com areia miúda, castanho claro. Toda a superfície foi brunida mas irregularmente e ficou com aspecto estriado.

Bojo troncocônico, fundo chato, gargalo baixo, de paredes arqueadas, com pequena aba. Asa de fita.

Fragmentada, mas incompleta.

Altura: 159 mm. Diâmetro máximo do bojo: 142 mm.

3 — *Jarro*

Vidro transparente, verde-gelo, cheio de bolhas de ar muito grandes.

Bojo esférico, decorado com fio do mesmo vidro. Pé apertado ligeiramente com turquês; fundo côncavo. Gargalo cilíndrico; bordo ligeiramente virado para fora e depois para dentro.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade. Ranhuras fundas cortando toda a espessura do vidro.

Altura: 165 mm. Diâmetro máximo do bojo: 112 mm.

4 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas e impurezas negras.

Reservatório triangular, gargalo cilíndrico, bordo em forma de aba, fundo ligeiramente ondulado.

Fragmentado e incompleto. Riscado pelo uso. Leitosidade incipiente.

Altura: 69 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 111 mm. Espessura máxima do vidro: 2,5 mm.

5 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar.

Reservatório triangular, fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Ranhuras fundas e abundantes formam completa rede.

Altura: 17 mm.

6 — *Jarro*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar e filandrado.

Bojo esférico; fundo côncavo. Colo largo; bordo enrolado para dentro. Tem uma asa de fita com apoio para o polegar.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade.

Altura: 85 mm. Diâmetro máximo do bojo: 82 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

7 — *Unguenário*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas e impurezas negras.

Reservatório triangular, fundo côncavo. Gargalo cilíndrico com marcas de modelação na base. Bordo revirado para fora e depois para dentro, formando moldura dos dois lados.

Completo e intacto. Picado. Ligeira leitosidade.

Altura: 113 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 64 mm. Espessura máxima do vidro: 3 mm.

8 — *Copo*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar.

Copa troncocónica, bordo envasado e de arestas polidas, fundo côncavo. Decoração de linhas esmerilhadas.

Fragmentado e incompleto. Picado em formação. Leitosidade. Ranhuras cortando toda a superfície do vidro.

Altura: 78 mm. Diâmetro da boca: 95 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm.

9 — *Jarro*

Vidro transparente, verde-relva muito diluído, cheio de bolhas de ar, com filandrado, impurezas negras e espirais resultantes da soflagem.

Bojo esférico; fundo côncavo; gargalo cilíndrico estrangulado na base; bordo revirado para dentro. A asa prende-se no gargalo, sobe até ao bordo e ultrapassa-o, desce de novo e descreve um L, prendendo-se ao bojo num remate volumoso.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade.

Altura: 128 mm. Diâmetro máximo do bojo: 89 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm.

Não encontramos paralelo exacto para o jarro número 3. Parece-mos todavia que pode incluir-se num grupo de jarros de bojo esférico decorados com um fio de vidro da mesma cor enrolado em espiral do colo até à base, grupo cujas formas variam ligeiramente mas que pode datar-se da segunda metade do século i e dos inícios do n d.C. (1).

(1) Fremersdorf, 1959, ests. 5 e 6; id. 1958, ests. 27 a 29. Vid. ainda *Bulletin des Journées Internationales du Verre*, 1 (1962), fig. 14, sem data.

Os unguentários 4 e 7 são do tipo bulbiforme a que pertencem também os das sepulturas 100 e 128 desta necrópole; o tipo vai, como já dissemos, da segunda metade do século i até aos fins do século m d.C..

O número 5 é de tipo Isings 28b e por isso datável da época de Cláudio aos inícios do século ii.

O único paralelo que conhecemos para o copo 8, cuja forma não figura ñas tipologías de Kisa, Morin-Jean nem Isings, foi descoberto numa sepultura de La Calade (Var) (1), associado a um unguentário que o achador classificou de tipo Isings 82A 2 e a urna lucerna Dressel 20/24. Na realidade, o unguentário de ve classificar-se como do tipo 28b, tal como o número 5 desta sepultura; a data do túmulo de La Calade (Var) será assim a segunda metade do século i ou já mesmo do ii d.C., pois é a este que deve atribuir-se a lucerna.

O jarro 6 é idêntico ao da sepultura 111, que datámos do terceiro quartel do século i aos meados do ii d.C..

O jarro 9 cabe no tipo 14 de Isings, que começou a fabricar-se no tempo de Tibério ou Cláudio e se manteve com muita frequência até ao fim do século i ou aos inícios do ii d.C.. Isings cita ainda dois exemplares de Vaison e Trier, respectivamente do século ii e do iii ou iv. O tipo 14 de Isings é todavia mal definido, pois a autora inclui nele jarros que divergem consideravelmente entre si. Se tomarmos como critérios do tipo o gargalo cilíndrico, o bojo volumoso (e não necessariamente esférico) e a ausência de pé, poderemos incluir no mesmo grupo vários jarros do século n que a autora omite e que são, aliás, os mais semelhantes ao de Aljustrel: os de Chipre, fabricados, possivelmente em oficina local, em dois tamanhos (de 70 a 90 mm. e de cerca de 150 mm. de altura) e atribuíveis à época dos Antoninos e dos Severos; ou o de Colónia, publicado por Fremersdorf, que o considera do século ii (2).

Julgamos pois que esta sepultura se poderá atribuir com mais probabilidade ao fim do século i ou à primeira metade do li d.C.. A lucerna, que julgamos poder incluir-se no mesmo grupo do da lucerna da sepultura 59 e datará por conseguinte da primeira metade do século i d.C., será a peça mais antiga da sepultura.

(1) G. Bérard, «La nécropole gallo-romaine de la Calade, à Cabasse (Var). Deuxième campagne de fouilles (1962)», in *Gallia*, XXI (1963), pp. 296-297.

(2) Vessberg, 1956, p. 200 e fig. 46, 1-4; Fremersdorf, 1958, est. 54.

Sepultura 2061 — *Jarro*

Barro amarelo-rosado, muito arenoso.

Bojo ovóide, deformado, gargalo curto e apertado, muito arqueado, asa de secção em D com ranhura longitudinal. Tem esgrafitado no bojo, antes da cozedura, um lambda.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 122 mm. Diâmetro máximo do bojo: 102 mm.

2 — *Jarro de terra sigillata*

Pasta de grão muito fino e branda, rosa-avermelhado. «Glanztonfilm» vermelho-acastanhado, pouco aderente.

Bojo oval, decorado com ranhuras que correm pela raiz da asa. Gargalo alto, arqueado; bordo moldurado pelo exterior. Pé baixo, facetado. Asa de fita.

Completo e intacto.

Altura: 176 mm. Diâmetro máximo do bojo: 91 mm.

3 — *Malga*

Barro alaranjado, esponjoso, com muita areia miúda.

Hemisférica, de bordo simples, arredondado, pé pequeno, fundo côncavo.

Tem esgrafitado, pelo interior, antes da cozedura, PALIINTIA, isto é, Palentia.

Bem conservada.

Altura: 60 mm. Diâmetro da boca: 152 mm.

Os números 4 e 5 são unguentários derretidos e deformados; o número 6 era também um unguentário, mas desapareceu.

7 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar.

Reservatório triangular; gargalo cilíndrico e largo, ligeiramente estrangulado na base.

Fragmentado e incompleto. Picado.

Altura: 59 mm. Diâmetro máximo do bojo: 66 mm.

O jarro de sigillata número 2 é uma forma Mezquiriz 20(1). Este tipo foi fabricado na oficina de Bronchales, cuja actividade teve

(1) Mezquiriz, *Terra Sigillata Hispânica*, est. 25, e p. 25.

início no último quartel do século i e se prolongou por todo o século ii (1). O unguentário número 7 é de tipo 82 de Isings. Fabricou-se da segunda metade do século i d.C. até aos inícios do século iv (2).

Sepultura 210

1 — *Tigela*

Barro granuloso, alaranjado, com engobe cor de tijolo.

Parede em ângulo obtuso; bordo arredondado, descaído para dentro; pequeno pé oblíquo.

Muito fragmentada.

Altura: 96 mm. Diâmetro máximo: 222 mm.

Hesitamos na classificação desta peça como sigillata clara A. A textura lembra efectivamente a daquela variante da sigillata clara e a forma é a do tipo 3 B (século III) de Lamboglia (3); as dimensões da peça e o engobe cor de tijolo inclinam-nos todavia para a hipótese de uma imitação de sigillata clara.

Sepultura 212

1 — *Cântaro*

Barro cor de tijolo alaranjado, com uma ou outra areia grossa.

A metade inferior, troncocónica, é inteiramente brunida. A parte superior é polida em estrias. Asas de fita.

Fragmentado. Reconstituído com gesso.

Altura: 115 mm. Diâmetro da boca: 107 mm.

2 — *Pote*

Barro com areias miúdas, cor de tijolo acastanhado.

Bojo ovóide, de ombros marcados por um degrau, bordo recto e curto, inclinado para fora, pé em forma de pequena bolacha.

Muito fragmentado.

Altura: 145 mm. Diâmetro máximo do bojo: 152 mm.

(1) P. Atrian Jordan, «Estudio sobre un alfar de Terra Sigillata Hispánica», *Teruel*, 19(1958), pp. 64-65 e 86 da separata.

(2) Alarcão, 1963 (2), pp. 369-70.

(3) Lamboglia, 1958, p. 265.

Sepultura 2131 — *Pote*

Barro com areia miúda, cinzento, de superfície brunida.

Bojo esférico, com duas pequenas molduras nos ombros; colo largo, vertical; bordo arredondado. Decoração feita com roleta, em três zonas.

Tem um esgrafito: TANCIS.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 72 mm. Diâmetro máximo do bojo: 184 mm.

2 — *Malga*

Barro com areia miúda, castanho-alaranjado.

Hemisférica; de fundo côncavo; bordo biselado a descair para o interior.

Fragmentada e reconstituída com gesso.

Altura: 65 mm. Diâmetro máximo: 152 mm.

Sepultura 2161 — *Malga*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Hemisférica; parede enrugada; bordo arredondado; pé formando um degrau recto.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 67 mm. Diâmetro máximo: 150 mm.

2 — *Malga*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Parede arqueada, bordo arredondado, pé formando um pequeno degrau oblíquo.

Fragmentada. Reconstituída com gesso.

Altura: 51 mm. Diâmetro máximo: 144 mm.

Sepultura 2171 — *Malga*

Barro com areia miúda, cor de tijolo acastanhado, com engobe cor de tijolo.

Parede arqueada, bordo arredondado com uma canelura pelo lado de dentro, pé a formar um degrau arredondado, fundo côncavo.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 45 mm. Diâmetro máximo: 123 mm.

Sepultura 218

1 — *Prato de terra sigillata*

Pasta vermelha, com grande abundância de calcite, muito branda. «Glanztonfilm» vermelho vinoso, pouco brilhante e muito estaladiço.

Pé alto e oblíquo, fundo interno alteado, parede carenada, bordo em pérola.

Fragmentado e incompleto. Superfície muito desgastada e marca ilegível. Reconstituído com gesso.

Altura: 38 mm. Diâmetro da boca: 128 mm.

2 — *Pote*

Barro cinzento-escuro e micáceo. Polimento ligeiramente estriado.

Bojo troncocónico, decorado com traços gravados com roleta.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 59 mm. Diâmetro máximo do bojo: 93 mm.

A peça número 1 é um prato de sigillata de forma Drag. 18, do período de Cláudio-Nero.

Sepultura 234

1 — *Panela*

Barro cinzento-escuro, com areia miúda.

Bojo ovóide, bordo em forma de pequena aba horizontal.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 143 mm. Diâmetro máximo: 174 mm.

Sepultura 236

1 — *Bilha*

Barro mole, pulverulento, com bastante areia mas muito miúda, branco-sujo mas de tonalidade amarelada superficialmente.

Bojo ovóide; fundo muito espesso; gargalo curto, cilíndrico, moldurado a meio; bordo inclinado para fora; asa de fita.

Fragmentada e reconstituída com gesso.

Altura: 167 mm. Diâmetro máximo: 129 mm.

2 — *Pote*

Barro com areias muito miúdas, castanho, mas cinzento-escuro superficialmente.

Bojo ovóide, ombros marcados por uma canelura larga, bordo curto e recto, inclinado para fora.

Fragmentado.

Altura: 91 mm. Diâmetro máximo: 104 mm.

O perfil desta bilha tem paralelo na necrópole da Horta das Pinas (1).

Sepultura 2371 — *Pote*

Barro fino, com areia muito miúda, cinzento, com um tom acastanhado à superfície.

Bojo ovóide, ombros marcados por caneluras, colo alto, largo e arqueado, pé facetado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 87 mm. Diâmetro máximo: 90 mm.

Sepultura 2401 — *Prato de terra sigillata*

Pasta muito fina, vermelho-beije. «Glanztonfilm» vermelho-acastanhado muito uniforme.

Parede recta e oblíqua, com duas finas ranhuras externas e uma mais funda e larga pelo interior.

Conserva-se apenas um fragmento pequeno, do qual se não pode deduzir o diâmetro da boca.

Altura: 20 mm.

Reduzido a metade.

É um fragmento de prato Drag. 17 B, de fabrico aretino e do período de Tibério-Claúdio.

(1) Viana, 1958, est. XX, 156.

Sepultura 244

1 — *Lucerna*

Barro muito grosseiro e arenoso, de cor de café com leite.

Disco liso, côncavo e fundo, asa perfurada.

Falta-lhe grande parte do disco e o bico, que reconstituímos como se fosse redondo.

Altura central: 33 mm. Comprimento provável: 109 mm.

2 — *Cântaro*

Barro castanho-claro, com areia miúda, bem alisado, com polimento ténue e irregular de linhas oblíquas na metade superior.

A curva das paredes interrompe-se a meia altura. O colo é alto, recto e oblíquo, canelado inferiormente; o bordo foi revirado para fora. Tinha duas asas que estão completamente partidas.

Bem conservado com excepção das asas.

Altura: 90 mm. Diâmetro máximo do bojo: 100 mm.

3 — *Pote*

Barro cinzento-escuro, com areia miúda, de superfície bem alisada.

Bojo ovóide, fundo ligeiramente côncavo, bordo curto revirado para fora e assente sobre os ombros.

Fragmentado.

Altura: 104 mm. Diâmetro máximo do bojo: 132 mm.

4 — *Garrafa*

Barro com areia miúda, cor de café com leite.

Bojo cilíndrico, ombros angulosos, colo alto, bordo envasado. Inferiormente o bojo é facetado. Fundo côncavo. Asa de fita, muito descaída, com canelura longitudinal.

Fragmentada. Superfície muito estragada.

Altura: 230 mm. Diâmetro máximo do bojo: 122 mm.

5 — *Prato de sigillata clara.*

Barro fino, alaranjado, com engobe quase completamente descascado.

Fundo horizontal, assente num pequeno pé em meia cana, parede recta e oblíqua rematada por bordo acutelado. Arredondada a transição do fundo para a parede.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 55 mm. Diâmetro máximo: 361 mm.

Embora falte o bico à lucerna desta sepultura, cremos poder reconstituí-lo como redondo. Será portanto uma lucerna de meados

do século i ao in d.C, como a da sepultura 11 desta necrópole. O prato número 5 é uma peça de sigillata clara C, de tipo Lamboglia 40(1), que este autor data da segunda metade do século m d.C.. O perfil da garrafa 4 tem paralelo na necrópole da Horta das Pinas (2).

Sepultura 245

1 — *Pote*

Barro cor de tijolo, com areia miúda.

Bojo oval, pé a formar um reduzido degrau, bordo envasado.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 164 mm. Diâmetro máximo provável: 172 mm.

Sepultura 247

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, cor de tijolo.

Bojo ovóide, decorado com uma canelura larga que corre pela raiz das asas; fundo côncavo. Só se conservam vestígios de uma asa, mas como falta metade do pote, é possível que tivesse duas, conforme apresentamos na reconstituição.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 138 mm. Diâmetro máximo do bojo: 152 mm.

2 — *Lucerna*

Barro fino e mole, pulverulento, branco-sujo.

Disco liso, côncavo e fundo; bico em cauda de peixe; asa perfurada, fundo ligeiramente côncavo.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura central: 34 mm. Comprimento: 124 mm.

3 — *Malga*

Barro alaranjado, com areia miúda.

Parede arqueada, bordo bombeado, pé muito baixo, fundo côncavo.

Fragmentada.

Altura: 65 mm. Diâmetro da boca: 144 mm.

(1) Lamboglia, 1963, p. 147-150.

(2) Viana, 1958, est. VIII, 87 e 88.

4 — *Taça*

Barro fino, mole e pulverulento, alaranjado.
Paredes côncavas, bordo com ligeira ranhura na face superior.
Muito fragmentada.
Altura: 30 mm. Diâmetro: 90 mm.

5 — *Testo*

Barro grosseiro, muito arenoso e micáceo, castanho-claro.
Paredes rectas e oblíquas, botão acrescentado superiormente com uma pequena bolacha.
Fragmentado e incompleto.
Altura actual: 40 mm.

A lucerna, semelhante à da sepultura 161, deve datar-se como ela do século i d.C..

Sepultura 250

1 — *Asa de situla*

Cobre.
Em arco de círculo, com as extremidades reviradas e terminadas em cabeça de pato.
Patine verde-claro.
Largura: 80 mm.

Sepultura 251

1 — *Bilha*

Barro grosseiro, com muita areia miúda, castanho.
Bojo oval, fundo chato, gargalo alto e estreito, bordo enrolado para dentro, asa descaída. Tem duas largas caneluras sobre os ombros.
Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
Altura: 248 mm. Diâmetro máximo provável do bojo: 194 mm.

2 — *Malga*

Barro alaranjado, com areia miúda.
Paredes arqueadas; bordo simples, arredondado; pé pequeno; fundo côncavo.
Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
Altura: 70 mm. Diâmetro da boca: 166 mm.

3 — *Prato de terra sigillata*

Pasta vermelha, com muitas partículas calcárias, medianamente dura. «Glanz-tonfilm» vermelho, homogéneo, brilhante mas quase totalmente desaparecido.

Parede arqueada, bordo marcado por uma ranhura externa, pé alto e oblíquo, fundo interno subido.

Fragmentado. A superfície está tão estragada que a marca desapareceu totalmente.

Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 168 mm.

4 — *Jarra (?)*

Vidro verde-maçã, com raras bolhas de ar.

Bojo ovoide, pé repuxado com turquês, fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade. Algumas manchas com aspecto de vidro gelado.

Altura provável da parte reconstituída: 68 mm. Diâmetro máximo do bojo: 65 mm.

A jarra de vidro aparenta-se à peça número 2 da sepultura 27. Nesta encontrou-se também uma taça de sigillata assinada provavelmente por VINIVS, o que nos levou a atribuir a sepultura ao último terço do século i d.C.. O prato de sigillata número 3, de fabrico sud-gálico, de forma Drag. 18, tem perfil que é frequente na época de Cláudio a Vespasiano.

Sepultura 2571 — *Boião*

Vidro verde-gelo com algumas bolhas de ar.

Parede em S, bordo grosso e enrolado para dentro, fundo côncavo.

Fragmentado mas completo. Ranhuras. Ligeiro picado.

Altura: 46 mm. Diâmetro da boca: 45 mm.

Reduzido a metade.

Este boião é semelhante a um do Museu Municipal da Figueira da Foz, proveniente do Monte Herminio (Serra de Portalegre), que atribuímos ao século i d.C. (1).

(1) Alarcão, 1964, p. 93.

Sepultura 267

1 — *Taça*

Barro alaranjado, com areia miúda.

Parede em ângulo obtuso, pé em forma de degrau alto, bordo enrolado. Conserva-se apenas o arranque de uma das asas. Como falta grande parte do vaso, é possível que tivesse outra asa. Ambas foram reconstituídas com gesso.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 75 mm. Diâmetro máximo da boca: 100 mm.

2 — *Asa*

Vidro ligeiramente tingido de verde-azeitona, com bolhas de ar.

Altura: 49 mm.

Reduzida a metade.

Sepultura 270

1 — *Taça*

Barro castanho, com areia miúda. Sem engobe.

Parede em ângulo obtuso, ligeiramente arqueada, bordo revirado para fora, fundo côncavo. Decoração de mamilos dispostos obliquamente.

Completa.

Altura: 81 mm. Diâmetro máximo: 98 mm.

2 — *Botão*

Vidro azul-cobalto decorado com um fio de vidro branco.

Perfurado.

Conserva-se apenas metade.

Diâmetro 24 mm.

Reduzido a 2/3.

A taça 1 é uma imitação de paredes finas.

Sepultura 274

1 — *Bilha*

Barro grosseiro e arenoso, laranja-acastanhado.

Bojo ovóide percorrido por uma canelura, gargalo alto, corcovado a meio, bordo triangular. Asa de fita, com ranhura longitudinal, descaída.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 312 mm. Diâmetro máximo do bojo: 213 mm.

2 — *Malga*

Barro alaranjado, com areia miúda.

Hemisférica; pé em forma de degrau arredondado; fundo ligeiramente côncavo com ranhura pelo lado interno.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 66 mm. Diâmetro da boca: 146 mm.

3 — *Pote*

Barro alaranjado, com areia miúda.

Bojo ovóide, bordo em forma de feijão.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura provável: 168 mm. Diâmetro máximo do bojo: 240 mm.

O jarro desta sepultura tem paralelo na necrópole dos Serro-
nes (1).

Sepultura 2821 — *Unguentário*

Vidro verde-sombrio, com bolhas de ar. Filandrado.

Reservatório piriforme. Gargalo cilíndrico, estrangulado na base. Bordo revirado para fora. Fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Riscado pelo uso. Leitosidade incipiente.

Altura: 70 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 35 mm.

2 — *Cabo de espelho*

Bronze revestido de estanho.

Cingido a meio num anel e inferiormente em outro anel facetado. Superiormente desenha três folhas.

Altura conservada: 83 mm.

Reduzido a metade.

3 — *Copo*

Vidro tingido de verde-maçã, com algumas bolhas.

Copa decorada com linhas gravadas, bordo envasado, de arestas vivas.

Fragmentado e incompleto. Com concreções calcárias.

Altura: 32 mm. Diâmetro da boca: 69 mm.

O unguentário número 1 cabe no tipo 6 de Isings e data por conseguinte do século i d.C.. O copo número 3 parece idêntico, tanto

(1) Viana, 1955 (3), n.º 135.

quanto pode julgar-se pela exiguidade do fragmento, ao da sepultura 109, que atribuímos também ao século i d.C..

Sepultura 288

1 — *Jarra*

Barro com areia miúda, amarelo-rosado, com engobe alaranjado quase completamente desaparecido.

Bojo ovóide, facetado transversalmente a meio; gargalo alto e cilíndrico; bordo revirado para fora; fundo chato.

Fragmentada.

Altura: 127 mm. Diâmetro máximo do bojo: 70 mm.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, amarelo-alaranjado.

Bojo ovóide; fundo chato; bordo curto, recto e oblíquo.

Muito fragmentado.

Altura: 216 mm. Diâmetro máximo do bojo: 231 mm.

Sepultura 289

1 — *Malga*

Barro com areia miúda e mica, castanho-claro, de superfície bem alisada.

Hemisférica, com ligeira quebra exterior na curvatura; bordo simples, arredondado; pé em forma de bolacha.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 76 mm. Diâmetro da boca: 178 mm.

Sepultura 294

1 — *Pote*

Barro alaranjado com areia miúda.

Bojo bicónico, bordo arqueado voltado para fora, fundo ligeiramente côncavo.

Muito fragmentado.

Altura: 147 mm. Diâmetro máximo do bojo: 148 mm.

Sepultura 2951 — *Pote*

Barro fino, cinzento-claro, de superfície brunida e de cor mais carregada.

Bojo ovóide, ombros muito marcados e percorridos por uma canelura, bordo arqueado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 87 mm. Diâmetro máximo do bojo: 100 mm.

2 — *Pote*

Barro razoavelmente fino, com areia muito miúda. Irregularmente brunido, com superfície estriada.

Bojo oval, bordo contracurvado, pé facetado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 124 mm. Diâmetro máximo do bojo: 115 mm.

3 — *Pote*

Barro com areia miúda, cor de café com leite.

Bojo ovóide, colo marcado com caneluras, bordo contracurvado, pé em forma de bolacha. Superfície muito estragada mas provavelmente brunida, decorada em três zonas com roleta; a de cima é mais irregular, com desenhos triangulares e ovais.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 147 mm. Diâmetro máximo do bojo: 130 mm.

Sepultura 3061 — *Malga*

Barro com areia miúda, castanho.

Hemisférica, de pé oblíquo e fundo côncavo.

Bem conservada.

Altura: 66 mm. Diâmetro da boca: 154 mm.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, castanho-claro.

Bojo ovóide, fundo côncavo, bordo em L como para assentar uma tampa.

Fragmentado.

Altura: 273 mm. Diâmetro máximo do bojo: 279 mm.

Sepultura 307

1 — *Gargalo*

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com muitas bolhas de ar.
Leitosidade. Ranhuras.
Altura actual: 52 mm.
Reduzido a metade.

2 — *Unguentário*

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio.
Leitosidade. Ranhuras.
Altura actual: 35 mm. Diâmetro máximo: 28 mm.
Reduzido a metade.

3 — *Terrina (?)*

Barro muito arenoso e com alguma mica, castanho claro.
Perfil em aspa. Pegadeira formada por um rolo de barro com duas depressões feitas por dedadas.
Conserva-se apenas um fragmento.
Altura actual: 40 mm.

O número 1 é um gargalo de peça talvez semelhante a uma da necrópole da Fonte Velha, hoje no Museu Municipal da Figueira da Foz, que publicámos sem arriscarmos cronologia por não conhecermos nenhum paralelo (1). O número 2 é um fragmento de unguentário tubular do século i d.C.. Não se pode determinar, dada a exiguidade do fragmento, se tinha estrangulamento e em que posição. Este elemento seria necessário para precisarmos a cronologia da peça.

Sepultura 311

1 — *Malga*

Barro com areia miúda, alaranjado.
Parede arqueada, bordo bombeado, pequeno pé arredondado, fundo côncavo.
Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
Altura: 51 mm. Diâmetro da boca: 153 mm.

(1) Alarcão, 1964, pp. 112-113.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, alaranjado, de superfície bem alisada.

Bojo ovóide, com canelura funda sobre os ombros, bordo em L, pé de bolacha.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 188 mm. Diâmetro máximo do bojo: 180 mm.

Sepultura 3131 — *Unguentário*

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar.

Reservatório triangular, gargalo cilíndrico, bordo revirado para fora e seguidamente para o interior, formando uma pequena aba.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade incipiente. Picado. Ranhuras fundas.

Altura: 109 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 65 mm. Espessura máxima do vidro: 2,5 mm.

Este unguentário cabe no tipo 28b de Isings e data por isso da segunda metade do século i ou do século II d.C..

Sepultura 3171 — *Unguentário*

Vidro azul-Caran d'Ache muito pálido, com raras bolhas de ar.

Reservatório esférico, fundo côncavo, gargalo cilíndrico estrangulado na base, bordo revirado para fora e de arestas polidas ao fogo.

Completo e intacto. Ligeiro picado e leitosidade incipiente. Riscos causados pelo uso.

Altura: 61 mm. Diâmetro máximo do bojo: 40 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Este unguentário cabe no tipo Isings 6, comum por todo o século i d.C..

Sepultura 3181 — *Boião*

Barro fino, de superfície bem alisada, cinzento-escuro.

Bojo oval, com larga canelura a meio, bordo ligeiramente envasado e moldurado externamente, pequeno pé facetado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 69 mm. Diâmetro máximo do bojo: 73 mm.

2 — *Taça*

Barro com areia miúda, cor de café com leite. Superfície alisada por raspagem e daí ligeiramente canelada.

Parede arqueada, fundo côncavo, pé baixo, arredondado e largo.

Muito fragmentada.

Altura: 73 mm. Diâmetro da boca: 186 mm.

3 — *Pote*

Barro alaranjado com areia miúda.

Bojo ovóide, estriado por dentro, bordo em ângulo obtuso, pequeno pé em degrau pouco anguloso.

Muito fragmentado.

Altura: 252 mm. Diâmetro máximo do bojo: 231 mm.

4 — *Unguentário*

Vidro verde-gelo, com bolhas e pedra.

Bojo ovóide, fundo côncavo, gargalo cilíndrico, bordo em forma de pequena aba descaída para o exterior.

Fragmentado e incompleto. Com concreções calcárias.

Altura: 149 mm. Diâmetro máximo do bojo: 100 mm. Espessura média do vidro: 2 mm.

O balão de vidro número 4 é uma forma Isings 16, que apareceu no tempo de Augusto e continuou a fabricar-se pelo menos ainda nos inícios do século n (1).

Sepultura 320

1 — *Pote*

Barro castanho-avermelhado muito escuro, com areia miúda.

Bojo oval, ligeiramente contracurvado na base para lhe dar mais estabilidade, bordo formando uma pequena gola horizontal.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 210 mm. Diâmetro máximo do bojo: 216 mm.

(1) Alarcão, 1963 (2), p. 379.

Sepultura 3211 — *Prato de terra sigillata.*

Pasta vermelha de grão fino. «Glanztonfilm» típico da época de Cláudio. Parede arqueada, sulcada externamente por uma canelura; pé alto e oblíquo; bordo de pérola.

Fragmentado e incompleto. «Glanztonfilm» quase inteiramente desaparecido. Altura: 33 mm. Diâmetro da boca: 138 mm.

É um prato Drag. 18, sudgálico, do período de Cláudio-Nero.

Sepultura 3251 — *Unguentário*

Vidro ligeiramente tingido de verde-musgo, com raras bolhas.

Reservatório em forma de gota, fundo côncavo, bordo revirado para fora e polido ao fogo.

Fragmentado e incompleto. Picado. Ranhuras. Leitosidade.

Altura: 79 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 31 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

A descrição corresponde ao unguentário da esquerda na estampa XXIII.

2 — *Unguentário*

Vidro ligeiramente tingido de verde-gelo, com algumas bolhas.

Reservatório em forma de gota, fundo ligeiramente côncavo, bordo voltado para fora e de arestas polidas ao fogo.

Fragmentado e incompleto. Ranhuras fundas cortando toda a espessura do vidro.

Altura: 80 mm. Diâmetro máximo do bojo: 30 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

A descrição corresponde ao unguentário da direita na estampa XXIII.

Estes dois unguentários em forma de gota são atribuíveis à época de Augusto e Tibério (1).

(1) Alarcão, 1963 (1), p. 183.

Sepultura 329

1 — *Malga*

Barro com areia miúda, castanho, de superfície polida em estrias largas e irregulares que deixam entre si intervalos.

Parede arqueada, bordo biselado descaído para o exterior, pé facetado.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 63 mm. Diâmetro da boca: 160 mm.

2 — *Pote*

Barro grosseiro e arenoso, amarelo.

Bojo ovóide, muito ligeiramente contracurvado na base para lhe dar mais estabilidade, bordo envasado.

Muito fragmentado.

Altura: 177 mm. Diâmetro máximo do bojo: 174 mm.

3 — *Unguentário*

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio com numerosas bolhas de ar.

Reservatório tubular, fundo ligeiramente côncavo.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 45 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 26 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Reduzido a metade.

O fragmento de vidro número 3 é de um unguentário tubular, atribuível ao século i d.C. A exiguidade do fragmento não permite, como já dissemos ao tratar da sepultura 307, precisar a cronologia.

Sepultura 337

1 — *Prato*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas.

Fundo horizontal, engrossado ao centro; parede vertical, repuxada ligeiramente para fora na parte superior; bordo engrossado e polido ao fogo.

Fragmentado e incompleto. Picado. Manchas leitosas.

Altura: 24 mm. Diâmetro da boca: 152 mm.

Cabe este prato no tipo 48 de Isings, que se encontra na segunda metade do século i d.C.. Embora os exemplares deste tipo tenham

o bordo e o pé tubulares, já publicámos um exemplar da necrópole de Monte Herminio (Serra de Portalegre) de bordo simplesmente engrossado como este de Aljustrel e sem pé (1). Na colecção particular do Senhor Antonio Eusébio Maças (Portalegre) há alguns pratos deste tipo procedentes de Aramenha e em Eivas há outros exemplares de proveniência alto-alentejana. Leite de Vasconcelos publicou um de Torre de Ares (Tavira) (2). Parece, por conseguinte, que este tipo se restringe, em Portugal, ao Alentejo e Algarve, e que é particularmente frequente nas imediações de Portalegre.

Sepultura 340

1 — *Lucerna*

Barro cor de café com leite.

Bico em cauda de peixe decorado com volutas e palmeta. Disco liso. Asa perfurada.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Comprimento provável: 115 mm.

2 — *Pote de terra sigillata*

Pasta vermelha, de grão fino, com muitas partículas finíssimas de calcário. «Glanztonfilm» vermelho-acastanhado, uniforme e brilhante, pouco aderente.

Bojo ovóide decorado com mamilos, bordo revirado para fora.

Completo.

Altura: 77 mm. Diâmetro máximo do bojo: 90 mm.

A lucerna, idêntica à da sepultura 118, é do século i d.C.. O pequeno pote de sigillata, de fabrico hispânico, deve classificar-se como forma Mesquiriz 2 — tipo que vai dos Flávios ao século m com maior frequência no século ii d.C.. Nada obsta, porém, a que consideremos esta sepultura da 2.^a metade do século i d.C..

(1) Alarcão, 1964, p. 102.

(2) Leite de Vasconcelos, «Antigualhas da Torre d'Ares» in *O Archeologo Português*, XXIV, p. 230.

Sepultura 343

1 — *Taça de paredes finas.*

Barro fino e mole, amarelo, com engobe cor de tijolo escuro quase completamente desaparecido.

Bojo oval, decorado com palmetas e hastes ondulantes rematadas por botões lanceolados. Esta zona alta decorada é limitada inferiormente por duas caneluras fundas.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 72 mm. Diâmetro máximo (sem asas): 70 mm.

Não encontramos paralelo para esta taça. Será forma original, de fabrico com reduzida expansão? Ou será antes uma variante pouco hábil do tipo ilustrado por Ettlínger, 1952, n.º 230? Neste vaso de Vindonissa, porém, as asas não sobem ao bordo.

A decoração de palmetas oblíquas e grossos botões de flor é muito frequente; aparece numa taça de paredes curvas em Vindonissa, em diversas taças hemisféricas de Conímbriga e num copo cujo perfil se aproxima deste de Aljustrel, mas sem asas, proveniente da necrópole de Carmona (1).

Pode datar-se esta nossa peça da segunda metade do século i ou dos inícios do século n d.C., pois Lamboglia registou esta decoração em Albtimilium ainda no primeiro quartel do século n.

Sepultura 349

1 — *Lucerna*

Barro fino, mole e pulverulento, amarelo-rosado, com engobe alaranjado. Disco ornamentado com figura feminina coroada com crescente. A margo está decorada com flores tão gastas que mal se percebe o seu desenho.

Muito fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura central: 34 mm. Comprimento provável: 110 mm.

Reduzida a metade.

A reconstituição que propomos para o bico desta lucerna é problemática. De qualquer forma trata-se de uma lucerna Dressel 14 ou 15,

(1) Ettlínger, 1952, est. 228. As taças de Conímbriga estão inéditas. O copo de Carmona foi publicado por Bonsor, 1931, est. XXXVII.

Ponsich 111 A, Lerat 2B, da segunda metade do século i ou do n d.C.. A figura, coroada por um crescente, será uma Diana, Selene ou Isis; com efeito, tais figuras são assim diversamente interpretadas por vários autores (1).

Sepultura 352

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, de superfície muito granulosa, cor de tijolo.
Bojo oval percorrido por uma canelura, bordo envasado.
Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.
Altura: 179 mm. Diâmetro máximo do bojo: 192 mm.

2 — *Malga*

Barro com areia miúda, alaranjado.
Hemisférica, de pé a formar um degrau arredondado.
Fragmentada.
Altura: 74 mm. Diâmetro da boca: 162 mm.

Sepultura 353

1 — *Lucerna*

Barro com areia miúda, sem engobe, castanho.
Disco liso, côncavo, bastante fundo; margem sem ornamentação; bico em cauda de peixe, decorado com duas volutas e entre elas uma folha; asa perfurada. Tem marca esgrafitada no fundo, antes da cozedura: L.I.R.
Fragmentada.
Altura central: 40 mm. Comprimento: 133 mm.

Idêntica à da sepultura 118, esta lucerna data do século i d.C..

(1) *Diana*: Ponsich, «Les lampes romaines de la collection Ingres», *Revue Archéologique du Centre*, 6 (1963), p. 116. *Selene*: Perlzweig, 1961, n.º 125 e D. Iványi, *Die Pannonischen Lampen*, Budapest, 1935, ests. III, 4 e 5, e XVII, 1, 4 e 5. *Isis*, Palol, 1949, n.º 28 e p. 245.

Sepultura 354

1 — *Unguentário*

Vidro verde-musgo, com bolhas de ar.
Reservatório triangular.
Fragmentado e incompleto.
Altura: 18 mm. Diâmetro máximo do bojo: 38 mm.
Reduzido a metade.

Não conhecemos paralelo para este unguentário, de gargalo muito estrangulado na base.

Sepultura 356

1 — *Malga*

Barro com bastante areia miúda e muita mica negra. Engobe laranja-avermelhado.

Perfil em ângulo obtuso; pé muito baixo; fundo côncavo.
Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
Altura: 67 mm. Diâmetro da boca: 151 mm.

2 — *Lucerna*

Barro mole, pulverulento, com algumas areias, mas miúdas, amarelo-rosado, sem engobe.

Sobre o disco, um cão adormecido, enroscado, com a cabeça sobre as patas anteriores. Bico comprido, arredondado. Dois cones invertidos na transição do disco para o bico. Asa perfurada e com três riscos longitudinais.

Fragmentada. Reconstituída com gesso.
Altura: 49 mm. Comprimento sem asa: 134 mm.
Reduzida a metade.

3 — *Panela*

Barro alaranjado, muito enegrecido pelo fumo, com areia miúda.

Bojo ovóide, bordo em amêndoa, fundo com elevação cônica pelo interior.

Muito fragmentada.
Altura: 118 mm. Diâmetro máximo do bojo: 154 mm.

Não encontramos paralelo para esta lucerna.

Sepultura 3591 — *Pote*

Barro cor de café com leite, com areia muito miúda. Superfície brunida, cinzento-avermelhada.

Bojo oval, decorado com roleta; ombros marcados por uma ranhura; colo alto, vertical; bordo simples, arredondado; pé formando um degrau arredondado; fundo côncavo.

Fragmentado.

Altura: 93 mm. Diâmetro máximo do bojo: 90 mm.

Sepultura 3611 — *Taça*

Barro bastante fino, cor de café com leite, de superfície bem alisada mas sem traços de engobe.

Parede em S oblíquo; pé muito pequeno; fundo côncavo.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 76 mm. Diâmetro da boca: 132 mm.

Sepultura 3691 — *Panela*

Barro com areia miúda, castanho, enegrecido pelo fumo.

Bojo oval, com uma canelura larga que passa pela raiz da asa; bordo em L, canelado exteriormente; asa virguliforme, de fita, canelada.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 170 mm. Diâmetro máximo do bojo: 157 mm.

2 — *Taça*

Barro com areia miúda, castanho-alaranjado.

Hemisférica, de bordo bombeado descaído para o interior, pé grosso e facetado, fundo côncavo.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 68 mm. Diâmetro da boca: 164 mm.

3 — *Lucerna*

Barro fino cor de café com leite.

Disco liso, margem com aletas, bico provavelmente em cauda de peixe e com volutas.

Muito fragmentada e incompleta. Falta-lhe toda a base.

Comprimento provável: c. 110 mm.

4 — *Taça*

Barro com areia miúda, castanho.
Hemisférica, de pé facetado, fundo côncavo.
Fragmentada.
Altura: 82 mm. Diâmetro da boca: 148 mm.
Esta peça estava a servir de tampa à uma número 5.

5 — *Pote*

Barro do mesmo tipo e cor do número anterior. Levou um certo polimento muito irregular e estriado.
Bojo ovóide, sem pé, fundo côncavo, bordo envasado.
Fragmentado.
Altura: 246 mm. Diâmetro máximo do bojo: 249 mm.

6 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas de ar.
Tubular, com estrangulamento pronunciado na parte superior. Bordo de arestas vivas.
Fragmentado e incompleto. Leitosidade incipiente.
Altura provável: 93 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 22 mm.
Espessura do vidro: 1 mm.

7 — *Jarro*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas de ar, mas muito miúdas, e estrias resultantes da soflagem.
Bojo largo, bicónico; pé apertado com turquêsas; fundo côncavo; gargalo alto; bordo revirado para fora e para baixo, depois para cima e para dentro, desenhando como que uma cabeça de martelo; asa de fita dobrada em ângulo agudo.
Fragmentado e incompleto. Leitosidade.
Altura: 118 mm. Diâmetro máximo do bojo: 116 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

8 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar.
Gargalo estrangulado na parte superior, bordo de arestas polidas ao fogo.
Fragmentado e incompleto.
Altura conservada: 27 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

9 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar.
Reservatório tubular.
Fragmentado e incompleto. Leitosidade.
Altura conservada: 69 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Os jarros do tipo do número 7 (Isings 13) são uma forma que começou a fabricar-se no tempo de Augusto ou Tibério e não ultrapassou o terceiro quartel do século i d.C.. No fim deste século surgiram jarros idênticos no perfil mas de menores dimensões (entre 70 e 120 mm), de que há vários exemplares em Colónia (1). A forma, frequente no Ticino (2), não será comum em Portugal, pois não conhecemos outro exemplar além deste de Aljustrel.

Os unguentários 6 e 8 são tubulares, com estrangulamento acima da meia-altura e atribuíveis por isso ao período anterior a Cláudio (3).

O unguentário número 9 é também tubular mas não podemos, dado o seu estado, determinar a altura do seu estrangulamento.

Há, nas tipologias de Dressel e Loeschcke, dois tipos de lucernas decoradas com duas aletas: Dressel 3 e Loeschcke V. O primeiro data do século i a.C.; tem asa, disco muitas vezes decorado, bico em cauda de peixe sem volutas. O tipo Loeschcke V tem bico redondo e duas volutas dispostas ao invés: em vez de partirem dos cantos do bico para o disco partem deste e enrolam-se sensivelmente a meio do *rostrum*. Este tipo data do segundo e terceiro quartéis do século i d.C.

A lucerna de Aljustrel não cabe exactamente nem num nem noutró tipo. O bico, porém, embora se tenha partido, devia ser em cauda de peixe, e por isso nos inclinamos mais para o tipo Dressel 3. Embora menos frequentes, há alguns exemplares de lucernas deste tipo sem asa como possivelmente a de Aljustrel (4). Perlzweig publicou também diversas lucernas com aletas que não cabem nos dois tipos citados mas que também não se aproximam da de Aljustrel (5); poderão todavia ajudar ao estabelecimento da cronologia da nossa lucerna, porque são todas do século i d.C..

(1) Fremersdorf, 1958, ests. 50 e 51.

(2) Simonett, 1941, pp. 80, 108 e 116.

(3) Alarcão, 1963 (1), p. 181.

(4) L. Mercado, *Lucerne greche e romane delVAntiquarium Comunale* Roma, 1962, est. IX.

(5) Cfr. Perlzweig, 1961, n.^{os} 68, 82, 84, 118, 119 e 397.

Sepultura 371

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, cor de tijolo, muito enegrecido pelo fumo.

Bojo oval, sem pé, bordo em ângulo obtuso.

Muito fragmentado.

Altura: 174 mm. Diâmetro máximo do bojo: 182 mm.

Sepultura 372

1 — *Pote*

Barro fino, com areia muito miúda, cinzento-escuro, de superfície brunida.

Bojo oval, decorado com roleta; ombros angulosos, colo aos degraus; fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 96 mm. Diâmetro máximo do bojo: 94 mm

Sepultura 375

1 — *Malga*

Barro grosseiro e arenoso, cinzento-beije.

Parede arqueada, bordo simples.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 84 mm. Diâmetro máximo: 243 mm.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, castanho-acinzentado.

Bojo ovóide, ligeiramente contracurvado no fundo, bordo em aspa.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 225 mm. Diâmetro da boca: 141 mm.

Sepultura 377

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, castanho claro. Parece ter levado engobe da mesma cor.

Bojo oval, com uma canelura na parte superior, bordo envasado.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 170 mm. Diâmetro máximo do bojo: 163 mm.

Sepultura 3821 — *Patera*

Barro muito arenoso, cor de areia.

Pegadeira rectangular de lados côncavos e decorada com motivo em relevo mal definido.

Comprimento: 68 mm.

Reduzida a metade.

Sepultura 3831 — *Malga*

Barro arenoso, grosseiro, castanho.

Parede arqueada, bordo em gancho revirado para dentro, pé em forma de pequeno degrau recto.

Fragmentada.

Altura: 57 mm. Diâmetro da boca: 160 mm.

Sepultura 4001 — *Taça*

Barro com areia miúda, alaranjado, sem engobe nem brunido.

Bojo bicónico, decorado com mamilos dispostos em seis linhas verticais, agrupadas aos pares, e com três mamilos em cada linha; bordo revirado para fora; pé em degrau recto.

Fragmentada.

Altura: 87 mm. Diâmetro máximo do bojo: 105 mm.

Esta taça é imitação de paredes finas.

Sepultura 4021 — *Pote*

Barro cor de café com leite, com areia miúda.

Bojo ovóide, muito largo; bordo em amêndoa; sem pé; fundo ligeiramente côncavo.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 101 mm. Diâmetro máximo do bojo: 143 mm.

2 — *Prato de sigillata clara*

Barro fino, alaranjado, com engobe da mesma cor.

Parede arqueada, aba recta e oblíqua, fundo côncavo; pequeno pé quase imperceptível. Tem dois círculos gravados com roleta no fundo interno e na aba; esta apresenta ainda uma canelura paralela ao bordo e a pequena distância deste.

Fragmentado e incompleto. Engobe parcialmente descascado.

Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 254 mm.

O prato 2 é uma peça de sigillata clara C de tipo 42 de Lamboglia. Ausente em Ampúrias, esta forma aparece em estratos de Albintimiliu desde cerca de 250 d.C.. Lamboglia, que cita exemplares de Atenas e Calvatone (Lombardia) deixa suspensos, por falta de elementos, os problemas da cronologia e distribuição (1).

Sepultura 406

1 — *Lucerna*

Barro branco-sujo, fino e mole, de superfície tão estragada que não se percebe se teve engobe.

Disco e margem lisos; bico em cauda de peixe; asa perfurada.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Comprimento: 107 mm. Altura: 35 mm.

Esta lucerna é atípica e possivelmente de fabrico local ou regional. Ferreira de Almeida publicou uma, encontrada no concelho de Lagos, que nos parece (a julgar pela ilustração) bastante semelhante (2). A forma é provávelmente degenerada do tipo representado ñas sepulturas 59 e 118 desta necrópole.

Sepultura 411

1 — *Cântaro*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Bojo quase esférico, contracurvado na base para dar mais estabilidade à peça, bordo revirado para fora. Tem duas asas de rolo, em U.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 85 mm. Diâmetro máximo do bojo: 105 mm.

(1) Lamboglia, 1963, pp. 152-153.

(2) Ferreira de Almeida, 1953, n.º 116.

2 — *Copo*

Barro com areia miúda, amarelo-rosado.
Copa em forma de tulipa.
Fragmentado e incompleto.
Altura: 87 mm. Diâmetro máximo do bojo: 91 mm.

Sepultura 4191 — *Malga*

Barro alaranjado, com areia miúda.
Parede em ângulo obtuso, pé em pequeno degrau recto.
Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
Altura: 67 mm. Diâmetro máximo: 151 mm.

Sepultura 4201 — *Jarro*

Barro grosseiro e arenoso, cor de tijolo.
Bojo bulbiforme, sem pé, colo contracurvado. Asa de fita.
Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.
Altura: 123 mm. Diâmetro máximo do bojo: 151 mm.

2 — *Malga*

Barro com areia miúda, castanho-claro, enegrecido pelo fumo. Superfície bem alisada, com estrias de brilho muito ténue.
Parede em ângulo obtuso, ligeiramente contracurvada no fundo.
Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
Altura: 52 mm. Diâmetro da boca: 166 mm.

3 — *Pote*

Barro idêntico ao do número anterior.
Bojo oval, sem pé, bordo em forma de aba curta e grossa.
Bem conservado.
Altura: 146 mm. Diâmetro máximo do bojo: 156 mm.

4 — *Cântaro*

Barro amarelo-acastanhado, com areia miúda.
Bojo ovóide, com uma canelura larga a meia altura; bordo revirado para fora; pé em forma de degrau alto; asas de fita.
Bem conservado.
Altura: 105 mm. Diâmetro máximo do bojo: 108 mm.

Sepultura 421

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, alaranjado, enegrecido pelo fumo.

Bojo ovóide, fundo contracurvado para dar mais estabilidade à peça, bordo em L, asa grossa, de fita.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 219 mm. Diâmetro máximo provável do bojo: 216 mm.

Sepultura 422

1 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas.

Fundo de unguentário tubular.

Fragmentado e incompleto. Ranhuras. Picado. Ligeira leitosidade.

Altura conservada: 29 mm.

Reduzido a metade.

É um unguentário do século i d.C., tubular com estrangulamento ou em forma de gota (1).

Sepultura 424

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, amarelo rosado. Parece ter levado um engobe cor de tijolo de que há, porém, apenas indecisos restos.

Bicónico, com pequeno pé de bolacha e bordo de pérola.

Muito fragmentado.

Altura: 110 mm. Diâmetro máximo do bojo: 140 mm.

Sepultura 427

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, muito pulverulento, cor de tijolo.

Bojo ovóide, pé em forma de degrau arredondado, bordo em ângulo obtuso com canelura externa, asa de fita canelada.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 162 mm. Diâmetro máximo do bojo: 174 mm.

(1) Vid. as sepulturas 325 e 369.

2 — *Malga*

Barro com areia miúda, castanho avermelhado.
 Parede arqueada, pé em degrau alto, fundo côncavo.
 Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
 Altura: 47 mm. Diâmetro da boca: 132 mm.

3 — *Cântaro*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar e impurezas negras.
 Bojo sobre o redondo, pé apertado com truqueses, colo largo, recto e oblíquo, bordo polido ao fogo.
 Muito fragmentado e incompleto. Leitosidade incipiente.
 Altura: 88 mm. Diâmetro máximo do bojo: 95 mm. Espessura mínima do vidro: 0,5 mm.

Este cântaro é idêntico ao da sepultura 64. Nesta sepultura encontrou-se uma peça de sigillata da época entre Cláudio e Vespasiano. Julgamos pois tratar-se de tipo da segunda metade do século i d.C..

Sepultura 4281 — *Pote*

Barro cor de café com leite, com areia miúda. Parece ter tido engobe amarelo-rosado, de que não restam todavia senão duvidosos vestígios.
 Bojo ovóide, contracurvado na base para dar mais estabilidade à peça. Bordo pequeno, revirado para fora.
 Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.
 Altura: 76 mm. Diâmetro máximo do bojo: 94 mm.

2 — *Lucerna*

Barro com areia miúda, cor de café com leite.
 Disco e margem lisos; asa perfurada; bico ligeiramente facetado.
 Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
 Altura central: 31 mm. Comprimento: 112 mm.

3 — *Garrafa (?)*

Vidro transparente, quase incolor, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com muitas bolhas de ar.
 Fundo quadrado, côncavo.
 Fragmentada e incompleta. Leitosidade incipiente. Ligeiro picado.
 Altura: 20 mm. Diâmetro: 60 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

4 — *Taça*

Vidro transparente, quase incolor, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com algumas bolhas.

Pé alto e oblíquo, polido com roda.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade.

Altura: 34 mm. Diâmetro do pé: 162 mm.

A lucerna n.º 1 é atípica. Podemos todavia aproximá-la, morfológica e cronologicamente, das de bico redondo e datá-la da época dos Flávios ao século m d.C., como as das sepulturas 12, 22, 162 e 244 desta necrópole.

Os vidros 3 e 4 são inclassificáveis.

Sepultura 431

1 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde sombrio, coalhado de bolhas.

Reservatório esférico, de fundo côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora; lábio de perfil esférico.

Intacto. Ligeira leitosidade. Crateras.

Altura: 92 mm. Diâmetro máximo do bojo: 40 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Não conhecemos nenhum paralelo exacto para este unguentário.

Sepultura 432

1 — *Pote*

Barro grosseiro e arenoso, com alguma mica preta, alaranjado

Bojo ovóide, pé de bolacha, bordo em amêndoa.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 195 mm. Diâmetro máximo do bojo: 216 mm.

Sepultura 434

1 — *Pote*

Barro com areia miúda, cor de tijolo.

Bojo ovóide, bordo oblíquo, ligeiramente envasado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 164 mm. Diâmetro da boca: 118 mm.

2 — *Lucerna*

Barro branco-sujo, mole, com alguma areia, sem engobe.

Margem e disco lisos; asa perfurada; bico em cauda de peixe, com duas volutas.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura central: 40 mm. Comprimento: 118 mm.

Esta lucerna pertence a um grupo cujas variantes analisámos a propósito da que apareceu na sepultura 118 e que datámos do século i d.C..

Sepultura 4371 — *Unguentário*

Barro fino, com algumas areias miúdas, amarelo.

Reservatório piriforme, gargalo troncocónico, bordo revirado para fora.

Fragmentado no bordo.

Altura: 73 mm. Diâmetro máximo do bojo: 43 mm.

Sepultura 4391 — *Púcaro*

Barro com areia miúda e muita mica, amarelo-rosado. Superfície bem alisada.

Bojo bicónico, com uma canelura correndo pela raiz da asa, bordo revirado para fora, fundo pouco espesso, asa de fita.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 104 mm. Diâmetro máximo do bojo: 101 mm.

2 — *Prato (de sigillata clara!)*

Barro alaranjado, mole e pulverulento, com alguma areia miúda.

Parede arqueada, bordo em forma de aba ligeiramente descaída, fundo alteado.

Completo. Engobe completamente desaparecido.

Altura: 33 mm. Diâmetro máximo: 270 mm.

Hesitamos na classificação deste prato. Pelo perfil parece-nos uma forma 52 de sigillata clara D, e por conseguinte do século iv. Seria a peça mais recente da necrópole. A ausência total de engobe obriga-nos todavia a uma certa prudência na classificação.

Sepultura 440

1 — *Púcaro*

Barro cor de café com leite, mole e pulverulento.
Bojo oval, muito contracurvado na base, asa de fita.
Fragmentado e incompleto.
Altura conservada: 85 mm. Diâmetro máximo do bojo: 94 mm.

Sepultura 441

1 — *Taça de paredes finas*

Barro fino, mole e pulverulento, amarelo-rosado. Engobe aparentemente cor de tijolo, quase completamente desaparecido.

Bicónica, decorada com caneluras na parte inferior e mamilos, dispostos em linhas verticais de quatro cada uma, na parte superior. Pé em pequeno degrau.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
Altura: 69 mm. Diâmetro máximo do bojo: 80 mm.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, cor de café com leite.
Bojo ovóide, colo alto e largo, ligeiramente arqueado, pé em pequeno degrau arredondado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.
Altura: 108 mm. Diâmetro máximo do bojo: 100 mm.

Esta taça de paredes finas é idêntica à da sepultura 26 e deve por conseguinte atribuir-se-lhe a mesma cronologia.

Sepultura 443

1 — *Pote*

Barro razoavelmente fino, embora com alguma areia miúda e mica, de superfície bem brunida, cinzento-escuro.

Bojo oval, ombros marcados, colo alto e largo, arqueado, pé em degrau recto.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.
Altura: 129 mm. Diâmetro máximo do bojo: 125 mm.

2 — *Pote*

Barro grosseiro, cinzento-claro.

Bojo ovóide, bordo oblíquo, sem pé.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 177 mm. Diâmetro da boca: 104 mm.

Sepultura 4461 — *Taça*

Barro arenoso mas de superfície bem alisada, amarelo-rosado.

Parede arqueada, bordo em forma de gota, pé em degrau arredondado.

Fragmentada.

Altura: 64 mm. Diâmetro máximo: 186 mm.

Sepultura 4481 — *Pote*

Barro com areia miúda, castanho-avermelhado, com engobe cor de tijolo.

Bicónico, sem pé, com decoração de mamilos na parte superior, bordo revirado para fora, com canelura na base.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 83 mm. Diâmetro máximo do bojo: 102 mm.

Pelo engobe e decoração devemos considerar esta peça como imitação de paredes finas.

Sepultura 4501 — *Fundo de urna ou prato*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar. Marca de pontel muito nítida na base.

Pé apertado com turquêsas, tubular.

Riscado pelo uso.

Diâmetro máximo: 140 mm.

Reduzido a metade.

Este fundo é inclassificável.

Sepultura 465

1 — *Cântaro*

Barro com areia miúda, cor de tijolo, de superfície muito bem alisada, polida, embora em estrias irregulares na metade inferior.

Bitroncocónico; de bordo pequeno e revirado para fora; pé em degrau. Duas asas, pela raiz das quais corre uma canelura larga.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 85 mm. Diâmetro máximo do bojo: 98 mm.

2 — *Pote*

Barro com areia miúda, cor de tijolo.

Bojo ovóide, ligeiramente contracurvado na base, bordo em L moldurado exteriormente. Tem uma asa de fita. Não pode todavia excluir-se a possibilidade de ter tido duas, pois se conserva apenas metade do pote.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 152 mm. Diâmetro máximo do bojo: 156 mm.

3 — *Panela*

Barro castanho, enegrecido pelo fumo.

Caliciforme, bordo em forma de aba curta e descaída.

Fragmentada e incompleta. Reconstituído com gesso.

Diâmetro máximo do bojo: 130 mm.

Sepultura 466

1 — *Malga*

Barro com areia miúda, alaranjado. Engobe avermelhado no pé e na parte inferior da copa, pelo lado de fora.

Hemisférica, de pé em degrau recto.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 53 mm. Diâmetro máximo: 146 mm.

2 — *Malga*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Hemisférica, de pé em degrau recto.

Completa e intacta.

Altura: 62 mm. Diâmetro máximo: 154 mm.

3 — *Panela*

Barro cor de café com leite, arenoso.

Parede em ângulo obtuso, bordo em amêndoa.

Muito fragmentada.

Altura: 141 mm. Diâmetro máximo do bojo: 200 mm.

Sepultura 4701 — *Púcaro*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Bojo ovóide; bordo contracurvado; pé em degrau arredondado; asa virguliforme.

Muito fragmentado.

Altura: 103 mm. Diâmetro máximo do bojo: 105 mm.

2 — *Pote (?)*

Barro com areia miúda, castanho. A superfície está muito estragada, mas parece ter sido alisada com instrumento cortante.

Bojo oval; pé contracurvado; ombros canelados.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 90 mm. Diâmetro máximo do bojo: 120 mm.

Sepultura 4711 — *Taça de terra sigillata*

Pasta rosa-pálido, muito fina. «Glanztonfilm» alaranjado, manchado.

Perfil em ângulo obtuso. Decoração feita com roleta, de boa qualidade.

Altura: 22 mm.

Reduzida a metade.

2 — *Taça de terra sigillata.*

Pasta beije-rósea, finíssima. «Glanztonfilm» alaranjado escuro.

Reduzida a metade.

3 — *Taça de terra sigillata*

Pasta muito fina e branda, alaranjada. «Glanztofilm» quase inteiramente desaparecido.

Reduzida a metade.

4 — *Taça (?) de terra sigillata*

Barro grosseiro, arenoso, castanho-claro.

Parede arqueada, bordo engrossado decorado externamente com uma ranhura.

Altura conservada: 31 mm.

Reduzida a metade.

5 — *Pote*

Barro com areia miúda, castanho-alaranjado.

Bojo esférico, bordo envasado, pé em degrau arredondado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 198 mm. Diâmetro da boca: 121 mm.

Os fragmentos de sigillata 1 a 3 são todos de fabrico aretino. O primeiro é uma taça Ritt. 5, da época de Augusto; o segundo é uma forma Loeschcke 7, do serviço i de Haltern, isto é, do século i a.C.; o terceiro é uma taça Ritt. 9, cuja cronologia se não pode precisar, mas que pode bem ser da época de Augusto.

Sepultura 477

1 — *Lucerna*

Barro fino, cor de café com leite, aparentemente com engobe amarelo-acastanhado de que não restam porém senão duvidosos traços.

Disco e margem lisos; asa perfurada; bico com volutas e uma folha entre elas.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura central: 32 mm. Comprimento: 120 mm.

2 — *Lucerna*

Barro fino, cor de café com leite. Engobe castanho-acinzentado quase completamente descascado.

Falta-lhe completamente a parte superior, com excepção de pequeno fragmento que apresenta três ranhuras concêntricas. Bico com volutas de duplo enrolamento.

Altura provável: 29 mm. Comprimento: 104 mm.

3 — *Taça*

Barro cinzento, ligeiramente micáceo, com algumas areias miúdas. Superfície bem alisada, sobretudo pelo interior.

Parede arqueada, bordo em forma de aba descaída para o exterior, pé em degrau. Tem no fundo interno uma coroa gravada com roleta.

Fragmentada.

Altura: 37 mm. Diâmetro máximo: 180 mm.

4 — *Taça*

Barro idêntico ao anterior. Superfície bem alisada.
 Parede arqueada, pé em degrau, bordo em forma de aba.
 Fragmentada.
 Altura: 32 mm. Diâmetro máximo: 94 mm.

5 — *Taça*

Barro idêntico ao anterior.
 Parede arqueada, pé em degrau, bordo em aba grossa e facetada, descaído para o exterior.
 Fragmentada.
 Altura: 49 mm. Diâmetro máximo: 134 mm.

6 — *Cântaro*

Barro com areia miúda, brunido embora sem grande brilho, castanho-avermelhado.
 Bicónico, com decoração aberta com roleta na parte inferior; bordo envasado; asas de fita; pé oblíquo e baixo.
 Altura: 119 mm. Diâmetro máximo do bojo: 139 mm.

A lucerna número 1 é idêntica à da sepultura 118 e data do século i d.C. A número 2 é provavelmente de tipo Dressel 11, Paiol 8A ou Loeschke VI, que se fabricou de Cláudio até aos Flávios; está todavia tão incompleta que esta classificação é problemática.

Sepultura 4781 — *Bilha*

Barro com areia miúda, castanho, de superfície bem alisada.
 Bojo oval, com caneluras sobre os ombros, bocal afunilado, asa de fita.
 Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.
 Altura: 188 mm. Diâmetro máximo do bojo: 143 mm.

Sepultura 4801 — *Pote*

Barro fino, com alguma areia miúda, castanho-claro. Superfície bem alisada embora hoje muito estragada.
 Bojo ovóide, pé em degrau, ombros canelados, bordo em forma de pequena aba.
 Muito fragmentado.
 Altura: 102 mm. Diâmetro máximo do bojo: 117 mm.

Sepultura 482

1 — *Jarro*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Perfil anguloso do bojo; gargalo cilíndrico, aconcavado; asa de fita, descaída
Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 147 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 134 mm.

Sepultura 484

1 — *Jarro*

Barro fino, com alguma areia miúda, cor de café com leite.

Bojo sobre o cilíndrico, bocal afunilado, bordo biselado pelo exterior. Asa
de fita.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 184 mm. Diâmetro máximo do bojo: 167 mm.

Sepultura 490

1 — *Terrina*

Barro com areia miúda, castanho, de superfície raspada de modo a ficar ligei-
ramente canelada.

Perfil em ângulo obtuso, fundo côncavo, bordo em forma de aba.

Fragmentada e incompleta. Reconstituída com gesso.

Altura: 93 mm. Diâmetro máximo do bojo: 156 mm.

Sepultura 496

1 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-musgo muito ténue, com muitas bolhas.

Reservatório com quatro depressões ovais alongadas. Gargalo cilíndrico.
Fragmentado e incompleto.

Altura: 74 mm. Diâmetro máximo do bojo: 27 mm. Espessura média do
vidro: 1 mm.

Reduzido a metade.

Este unguentário cabe no tipo 83 de I sings, que se encontra do
século i ao iv d.C..

PEÇAS AVULSAS

1 — *Taça de paredes finas*

Barro fino, mole e pulverulento, amarelo. Tinha engobe cor de tijolo hoje quase completamente desaparecido.

Parede em ângulo obtuso, decorada inferiormente com caneluras e na parte superior com pequenas depressões quadradas dispostas em linha oblíqua. Duas asas de fita, caneladas, de vão oval.

Altura: 69 mm. Diâmetro máximo da copa: 127 mm.

2 — *Taça*

Vidro transparente, verde-maçã, com bolhas de ar.

Bordo em forma de aba arqueada, polido ao fogo.

Leitiosidade muito ligeira.

Altura do fragmento: 16 mm. Diâmetro: 141 mm.

3 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com numerosas bolhas e ligeira pedra.

Reservatório oval, de fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, estrangulado na base.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 110 mm. Diâmetro máximo do bojo: 29 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

4 — *Unguentário*

Barro mole e pulverulento, com raras areias muito miúdas e alguma mica, cor de café com leite.

Em forma de gota, com fundo ligeiramente côncavo.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 106 mm. Diâmetro do bojo: 43 mm.

5 — *Unguentário*

Vidro transparente, quase imperceptivelmente tingido de verde-sombrio, com raras bolhas de ar.

Reservatório em forma de gota, fundo côncavo.

Fragmentado e incompleto.

Altura: 79 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 32 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

6 — *Lucerna*

Barro cinzento-claro, mole e pulverulento, com areia muito miúda e algumas palhetas de mica preta.

Disco ornado com um quadrúpede; margem lisa; bico decorado com volutas que arrancam da moldura envolvente do disco.

Diâmetro: 75 mm.

Reduzida a metade.

7 — *Pote*

Barro com areia miúda, castanho-escuro; superfície brunida, cinzento-escuro.

Bojo esférico decorado com três zonas abertas com roleta; pé em degrau; ombros marcados; colo alto e largo.

Altura: 102 mm. Diâmetro máximo do bojo: 88 mm.

8 — *Pote*

Barro razoavelmente fino, com superfície ligeiramente estriada pelo alisamento, cinzento-claro.

Bojo ovóide, pé em degrau arredondado, ombros canelados.

Fragmentado e incompleto.

Altura conservada: 84 mm. Diâmetro máximo do bojo: 118 mm.

9 — *Pote*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Bojo ovóide, sem pé, bordo grosso, triangular.

Altura: 205 mm. Diâmetro máximo do bojo: 210 mm.

10 — *Pote*

Barro com areia miúda, laranja-avermelhado.

Bojo oval, sem pé, fundo côncavo, bordo triangular, ligeiramente envasado.

Altura: 201 mm. Diâmetro máximo do bojo: 213 mm.

11 — *Pote*

Barro com areia miúda, cinzento-claro.

Bojo ovóide, sem pé, bordo envasado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 231 mm. Diâmetro máximo do bojo: 237 mm.

12 — *Pote*

Barro com areia miúda, alaranjado.

Bojo ovóide, sem pé, bordo recto e oblíquo, ligeiramente envasado.

Fragmentado e incompleto. Reconstituído com gesso.

Altura: 210 mm. Diâmetro da boca: 120 mm.

13— *Ânfora*

Barro alaranjado, arenoso e micáceo.

Paredes onduladas, ombros altos e oblíquos, bocal alargando ligeiramente para cima, bordo engrossado em rolo, asas de fita, caneladas.

Fragmentada e incompleta.

Altura conservada: 600 mm. Diâmetro máximo do bojo: 312 mm.

Reduzida a 1/6.

14— *Ânfora*

Barro idêntico ao anterior.

Paredes onduladas, ombros muito arredondados, gargalo alto e cilíndrico, bordo simples, bombeado, bico cónico, de extremidade arredondada, asas de fita, caneladas.

Completa.

Altura: 1062 mm. Diâmetro do bojo: 300 mm.

Reduzida a 1/6.

Estas peças foram encontradas na área da necrópole mas fora de qualquer sepultura.

A taça 1 é semelhante, no perfil, à da sepultura 141 desta necrópole. Tem paralelo numa descoberta em Blais (1); outras semelhantes, mas de perfil menos anguloso, encontram-se em Tahadart, Vindonissa e Apt (2). Datará da segunda metade do século i d.C..

Quanto à peça 2, não erraremos decerto imaginando-a com um perfil semelhante à forma 42 A de Isings; criada no tempo dos Flávios, esta forma é comum por todo o século n d.C..

O unguentário 3, tubular, com estrangulamento baixo, data provavelmente da época de Cláudio a Tito (3).

Os unguentários 4 e 5, em forma de gota, são da época de Augusto ou Tibério, como já dissemos a propósito dos encontrados na sepultura 325.

A lucerna é do tipo Loeschke V, de bico arredondado e meias volutas que arrancam da moldura do disco. Loeschke data o tipo

(1) R. Boyer, «Découvertes archéologiques aux Blais (Var)», *Cahiers Ligures do Prè-histoire et d'Archéologie*, 8 (1959), p. 94 e fig. 6, 1.

(2) Tahadart: Ponsich, 1965, est. XIV, 2. Vindonissa: Ettlinger, 1952, est. 11, 229. Apt: A. Dumoulin, «Nécropole gallo-romaine à Apt (Vaucluse)», *Gallia*, XXII, p. 104 e fig. 27.

(3) Alarcão, 1963 (1), p. 181.

do segundo e terceiro quartéis do século i d.C. Em Atenas encontra-se ainda na primeira metade do século n d.C. (1).

Para as ânforas, que não cabem facilmente em nenhum dos tipos de Dressel, não conhecemos paralelos exactos.

ABREVIATURAS USADAS

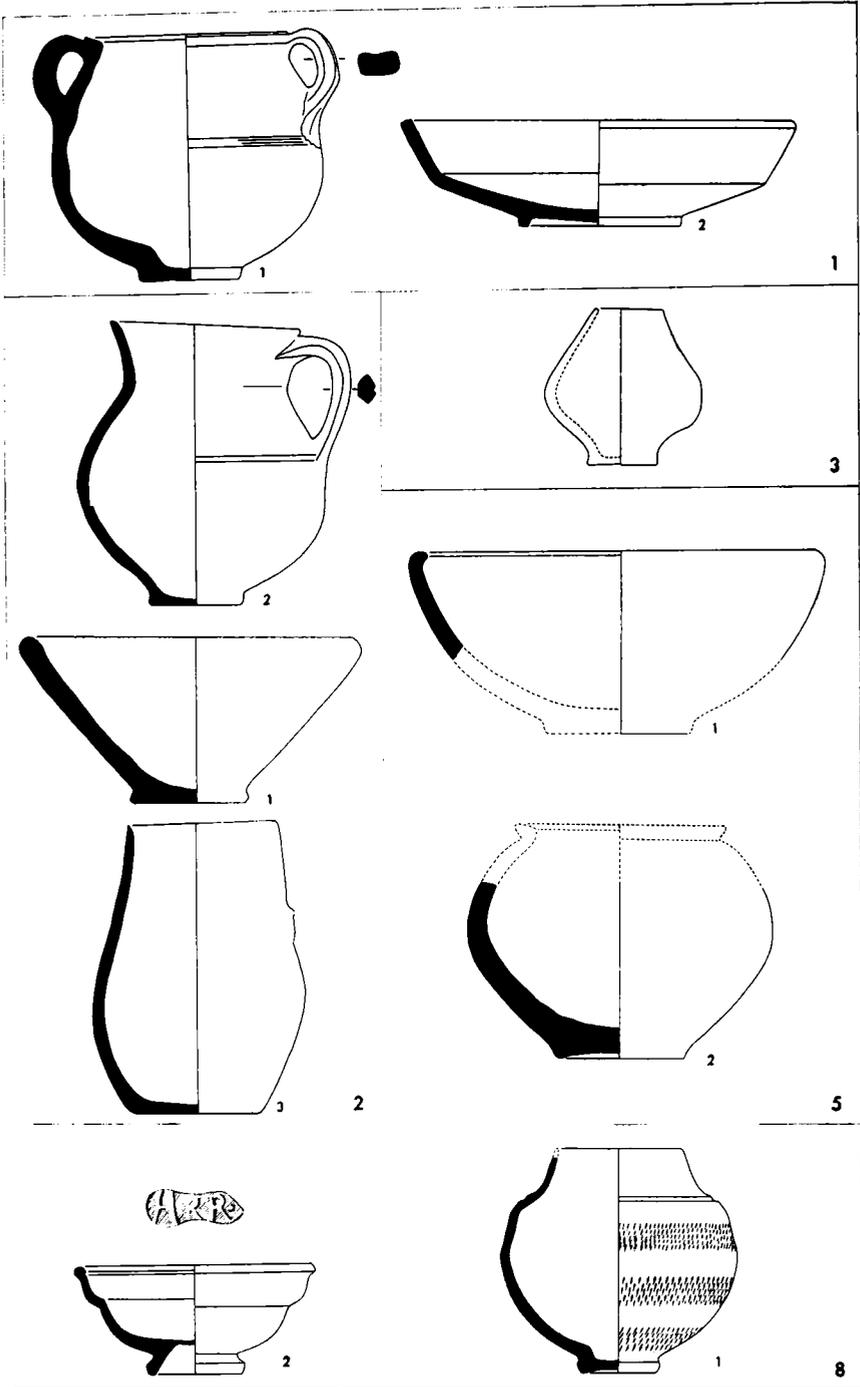
- ALARCÃO, 1963 (1): J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento», in *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), pp. 175-204.
- ALARCÃO, 1963 (2): J. e A. Alarcão, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos», in *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), pp. 367-390.
- ALARCÃO, 1964: J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz» in *Revista de Guimarães*, LXXIV (1964), p. 79-116.
- ALARCÃO, 1965: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos de Conimbriga*, 1965.
- BONSOR, 1931: G. Bonsor, *The archaeological sketch-book of the Roman necropolis at Carmona*, New York, 1931.
- ETTLINGER, 1952: E. Ettlinger e Ch. Simonett, *Römische Keramik aus dem Schutthügel von Vindonissa*, Basileia, 1952.
- FELMANN, 1955: R. Felmann, *Basel in römischer Zeit*, Basileia, 1955.
- FERREIRA DE ALMEIDA, 1953: J. A. Ferreira de Almeida: «Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal», in *O Arqueólogo Português*, Nova Série, II (1953), pp. 5-208.
- FREMERSDORF, 1958: Fritz Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugrüne Glas in Köln* Colonia, 1958.
- FREMERSDORF, 1959: F. Fremersdorf, *Römische Gläser mit Fadenauflage in Köln*, Colónia, 1959.
- HAKEN, 1958: R. Haken, *Roman lamps in the Prague National Museum and in other Czechoslovak collections*, Praga, 1958.
- HARDEN, 1936: D. B. Harden, *Roman Glass from Karanis*, Michigão, 1936.
- HARDEN, 1947: D. B. Harden, «The Glass» in Hawkes e Hull, *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1947.

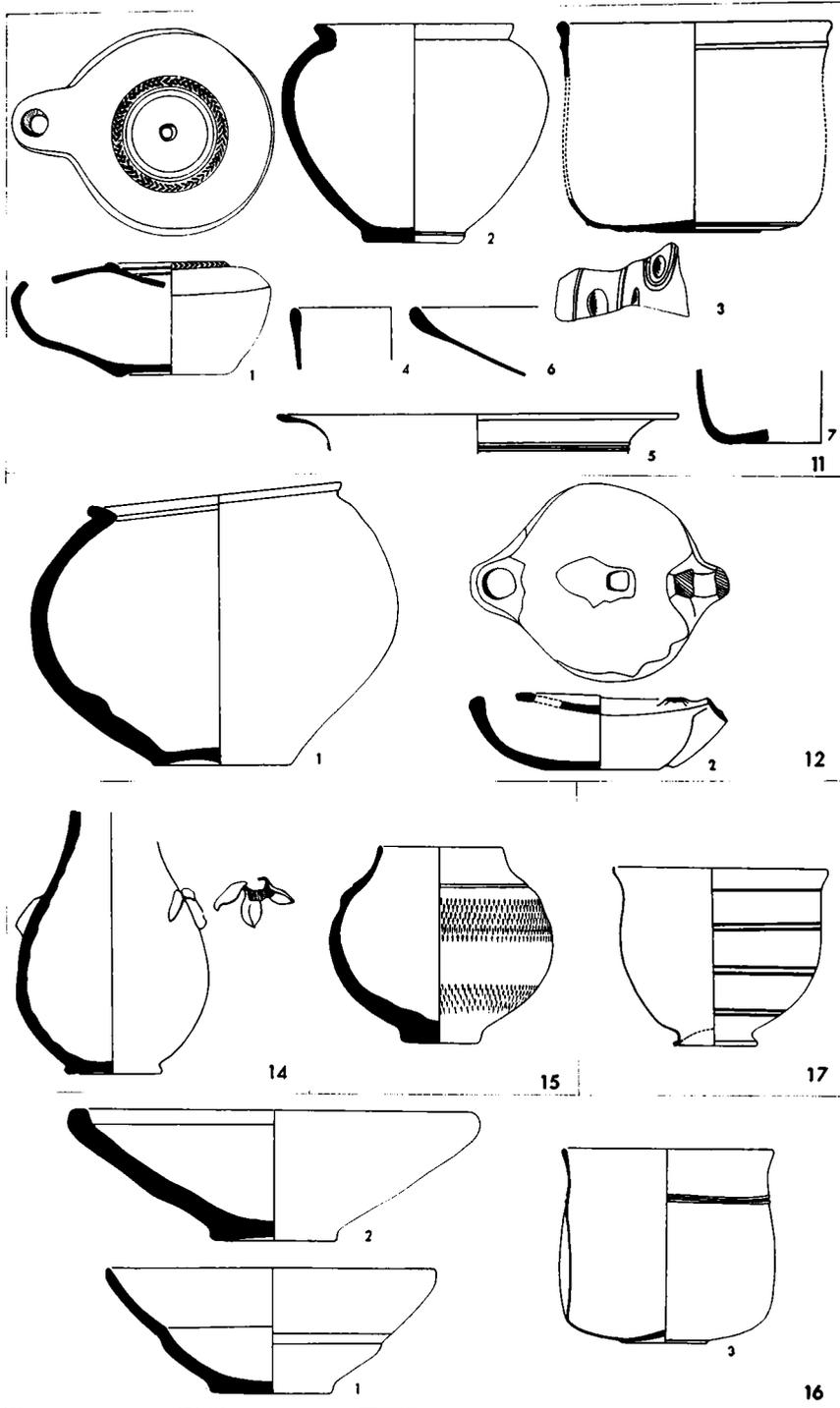
(1) Loeschcke, 1919, p. 231 ss. e Perlzweig, 1961, n.ºs 114-117 e p. 82.

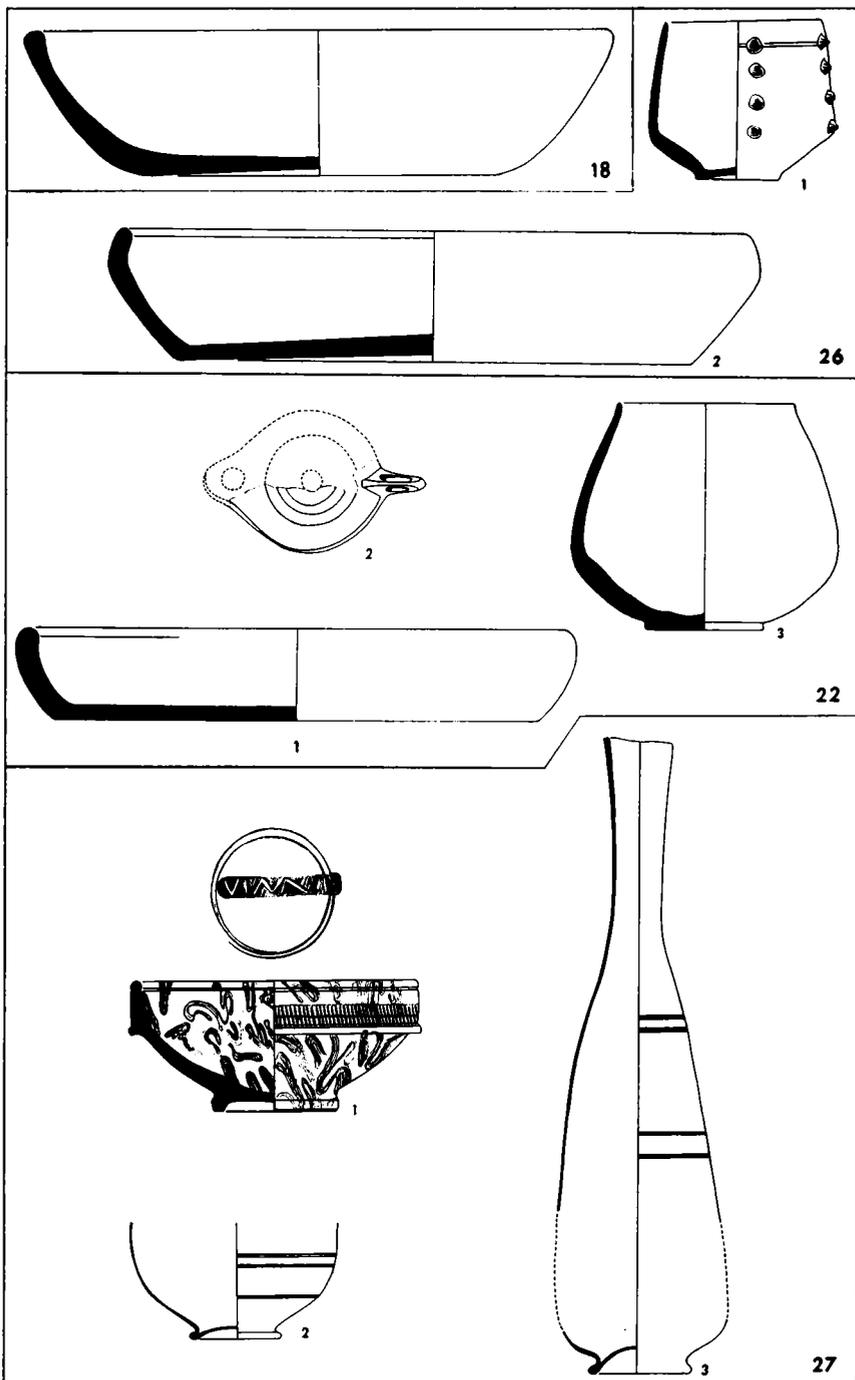
- HARDEN, 1948: D. B. Harden, «Roman tombs at Vasa; the glass», *Report of the Department of Antiquities, Cyprus, 1940-48*.
- LAMBOGLIA, 1950: N. Lamboglia, *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della cerâmica romana. Pt. I. Campagne di scavo 1938-1940*, Bordighera, 1950.
- LAMBOGLIA, 1958: N. Lamboglia, «Nuove osservazioni sulla terra sigillata chiara (Tipi A e B)» in *Rivista di Studi Liguri*, XXIV (1958), pp. 257-330.
- LAMBOGLIA, 1963: N. Lamboglia, «Nuove osservazioni sulla terra sigillata chiara. II» in *Rivista di Studi Liguri*, XXIX (1963), pp. 145-212.
- LERAT, 1954: L. Lerat, *Catalogue des collections archéologiques de Besançon I—Les lampes antiques*, Besançon, 1954.
- LOESCHCKE, 1919: S. Loeschcke, *Lampen aus Vindonissa*, Zurich, 1919.
- PALOL, 1949: P. Paiol, «La colección de lucernas romanas de cerâmica procedentes de Ampúrias en el Museo Arqueológico de Gerona», in *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, IX-X (1948-49) pp. 233-265.
- PERLZWEIG, 1961: J. Perlzweig, *The Athenian Agora. VII Lamps of the Roman Period*, Princeton, 1961.
- PONSICH, 1965: M. Ponsich e M. Tarradell, *Garum et industries antiques de salaison dans la Méditerranée Occidentale*, Paris, 1965.
- SIMONETT, 1941: Ch. Simonett, *Tessiner Graberfelder*, Basileia, 1941.
- VESSBERG, 1956: O. Vessberg, *Swedish Cyprus Expedition, Vol. IV, part. 3: The Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956.
- VIANA, 1955 (1): A. Viana e A. Dias de Deus, «Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas, Portugal» in *Archivo Español de Arqueologia*, 1955.
- VIANA, 1955 (2): A. Viana e A. Dias de Deus, «Necropolis de la Torre das Arcas», in *Archivo Español de Arqueologia*, 1955, pp. 244-265.
- VIANA, 1955 (3): A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana. (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)», in *A Cidade de Évora*, 33-34 (1955), pp. 235-258.
- VIANA, 1958: A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Elvas», in *O Instituto*, vol. 118 (1958), p.p 133-193.

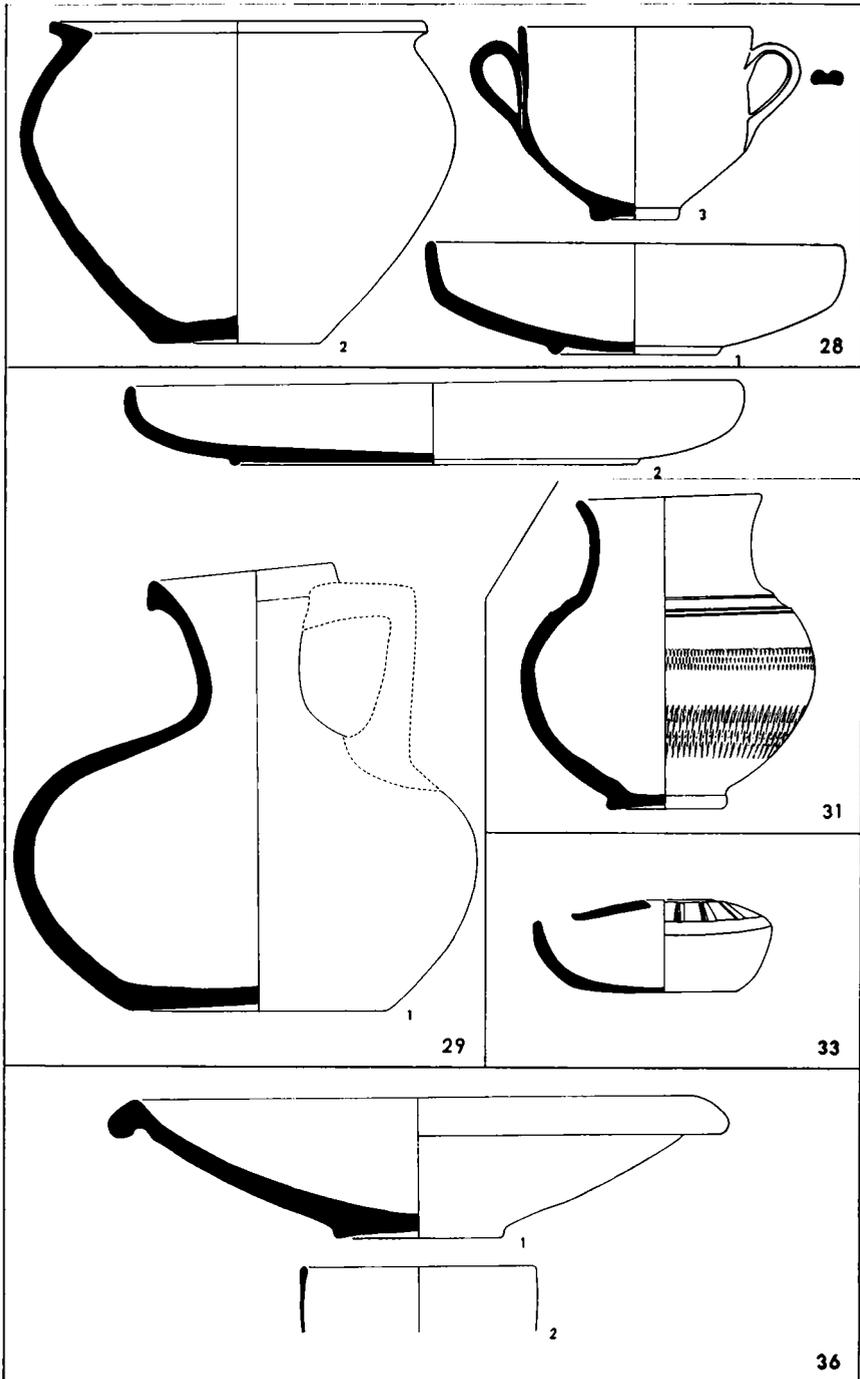
JORGE DE ALARCÃO

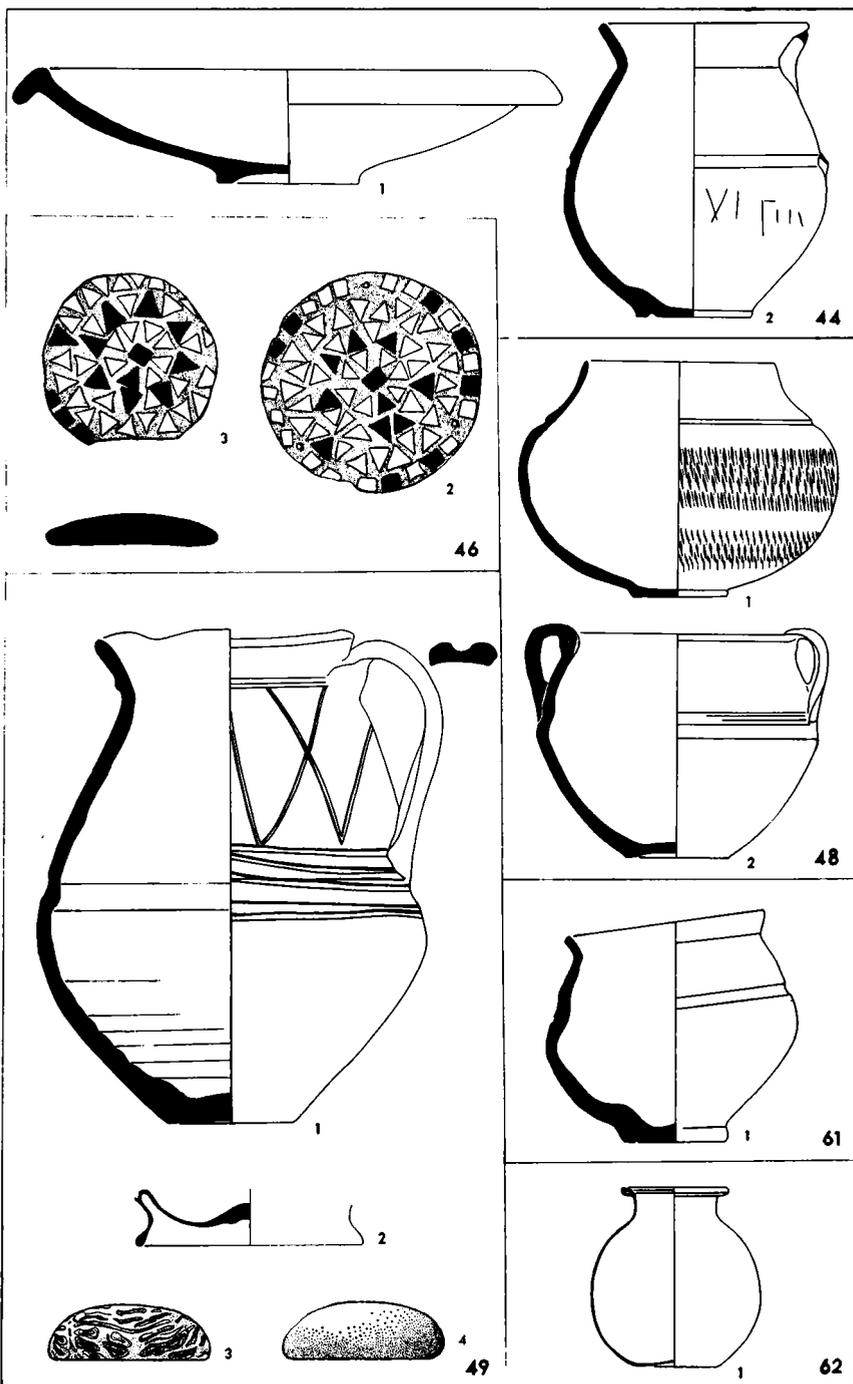
ADÍLIA MOUTINHO DE ALARCÃO

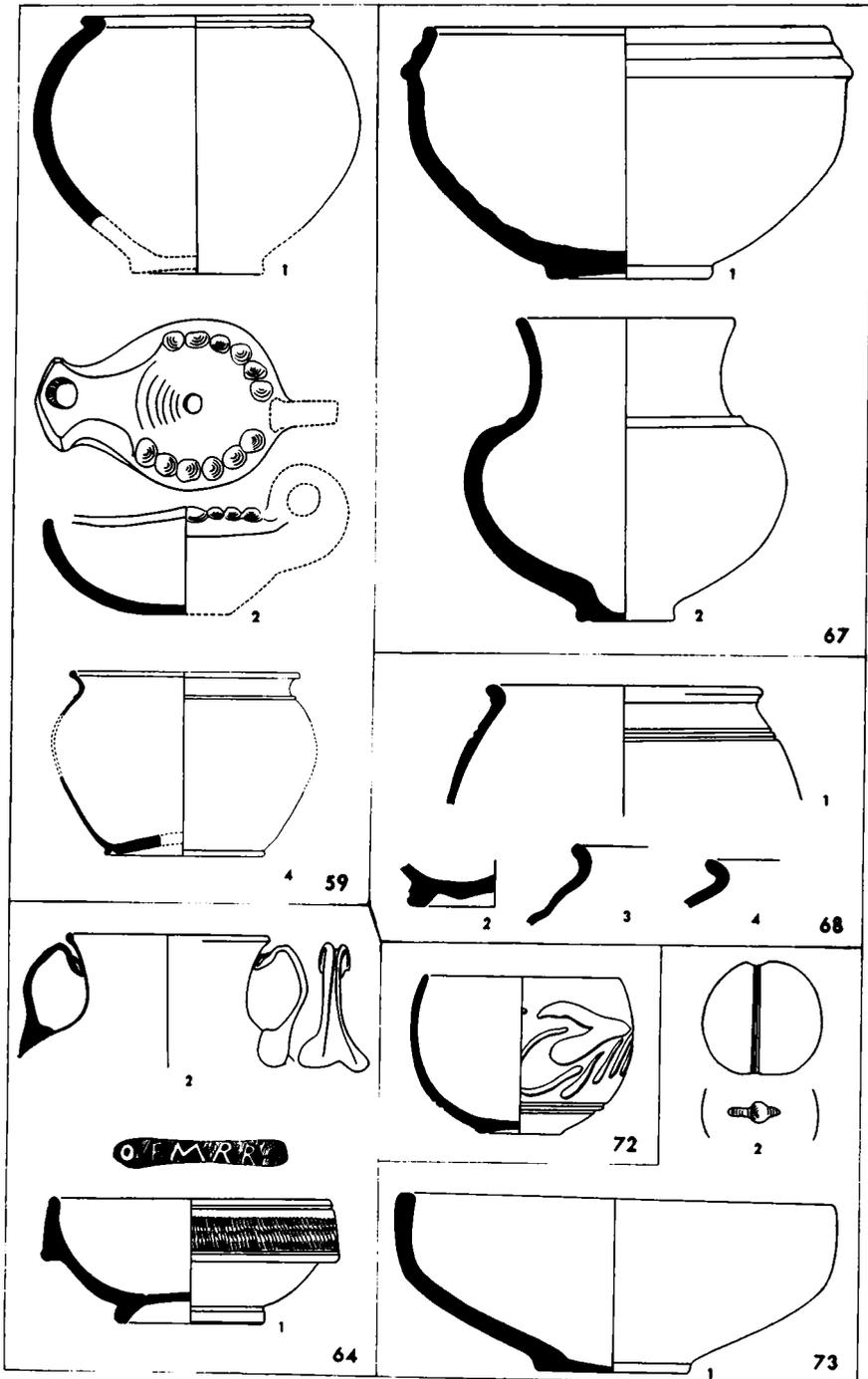


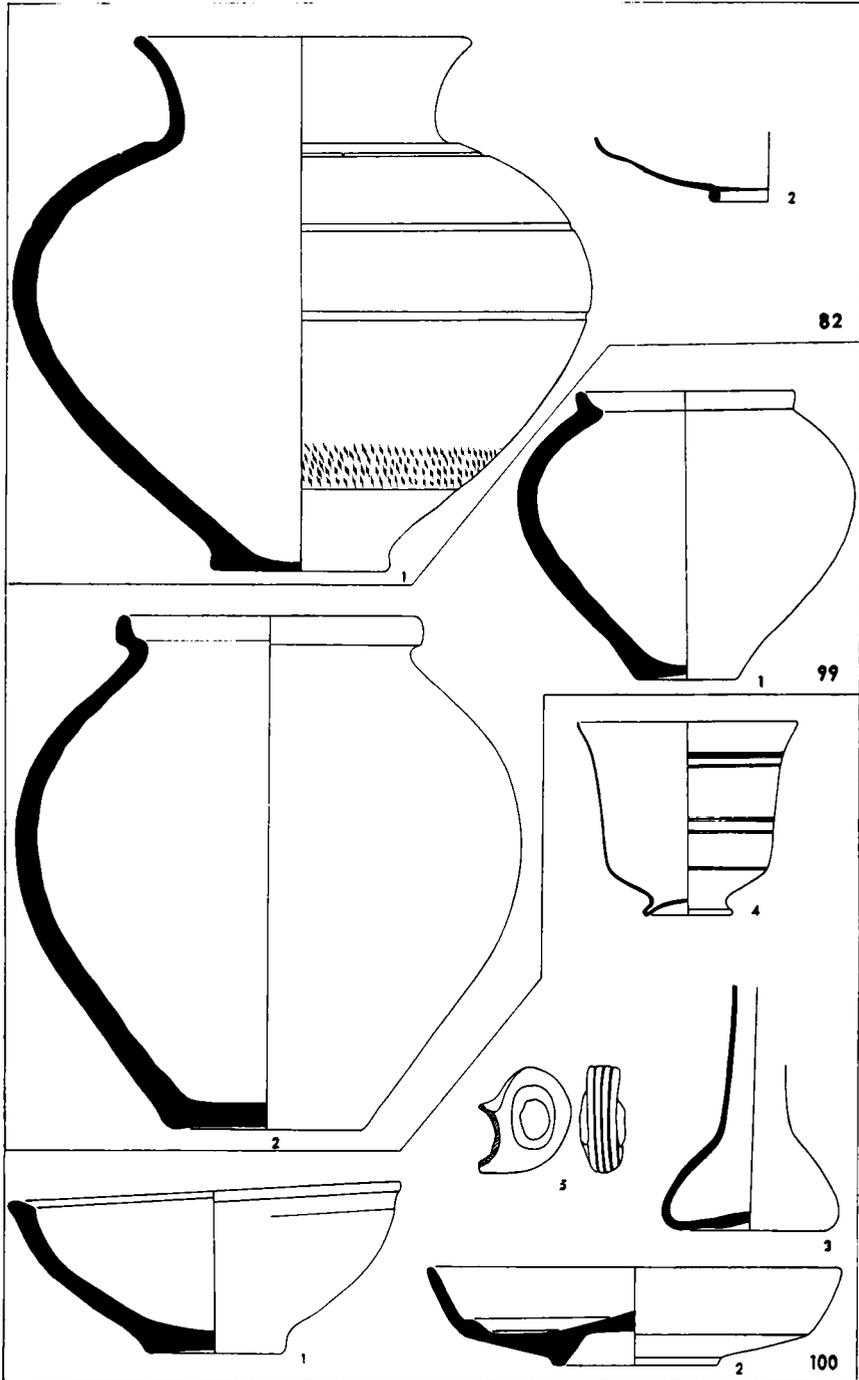


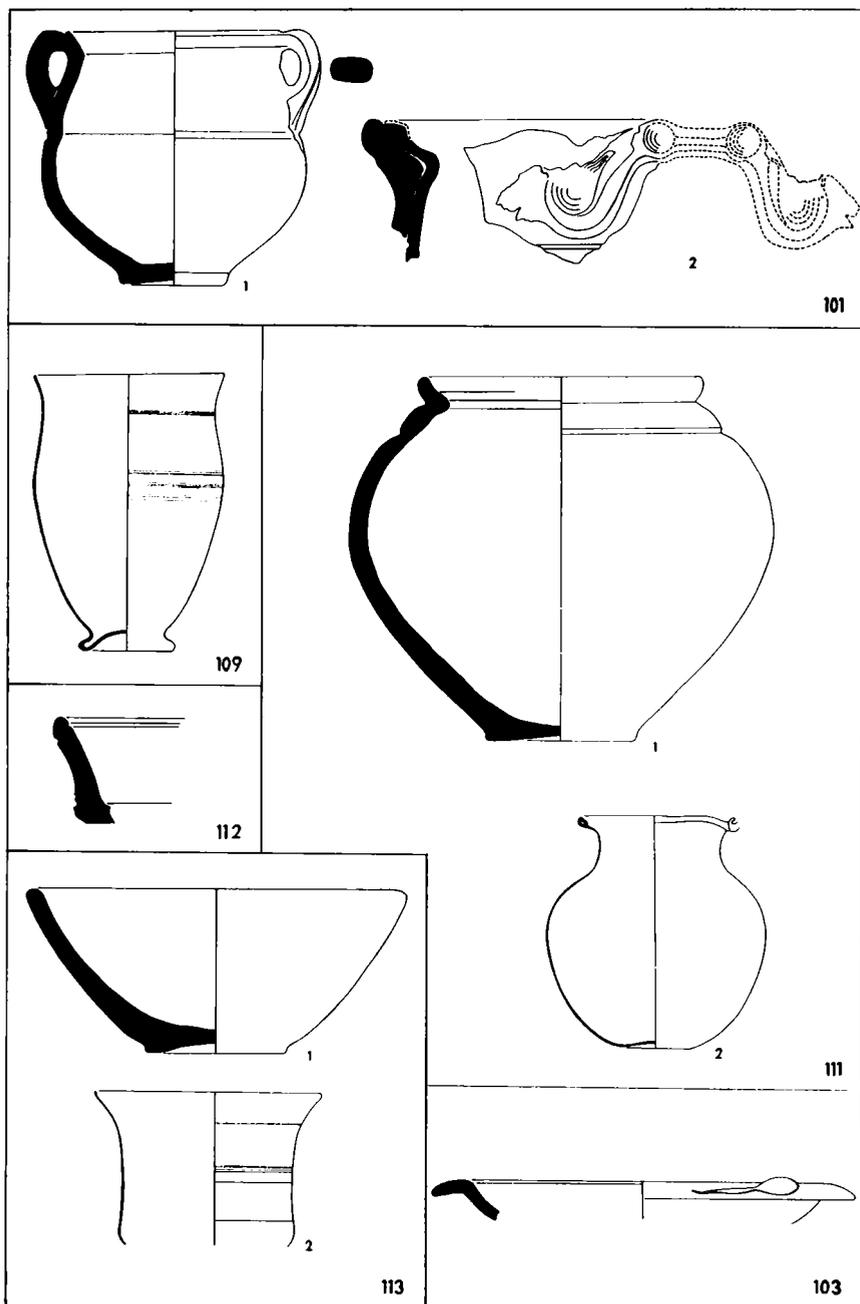


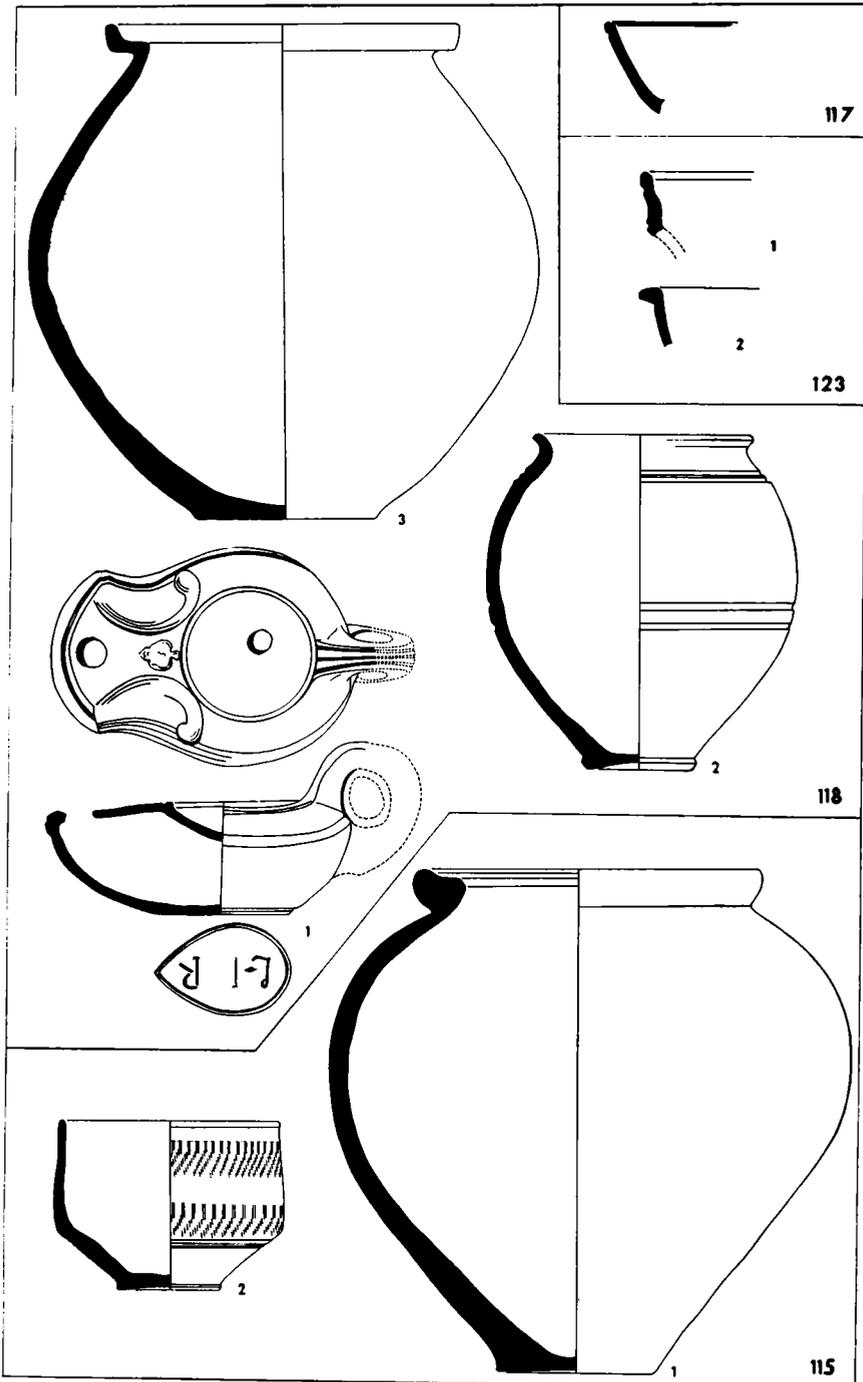


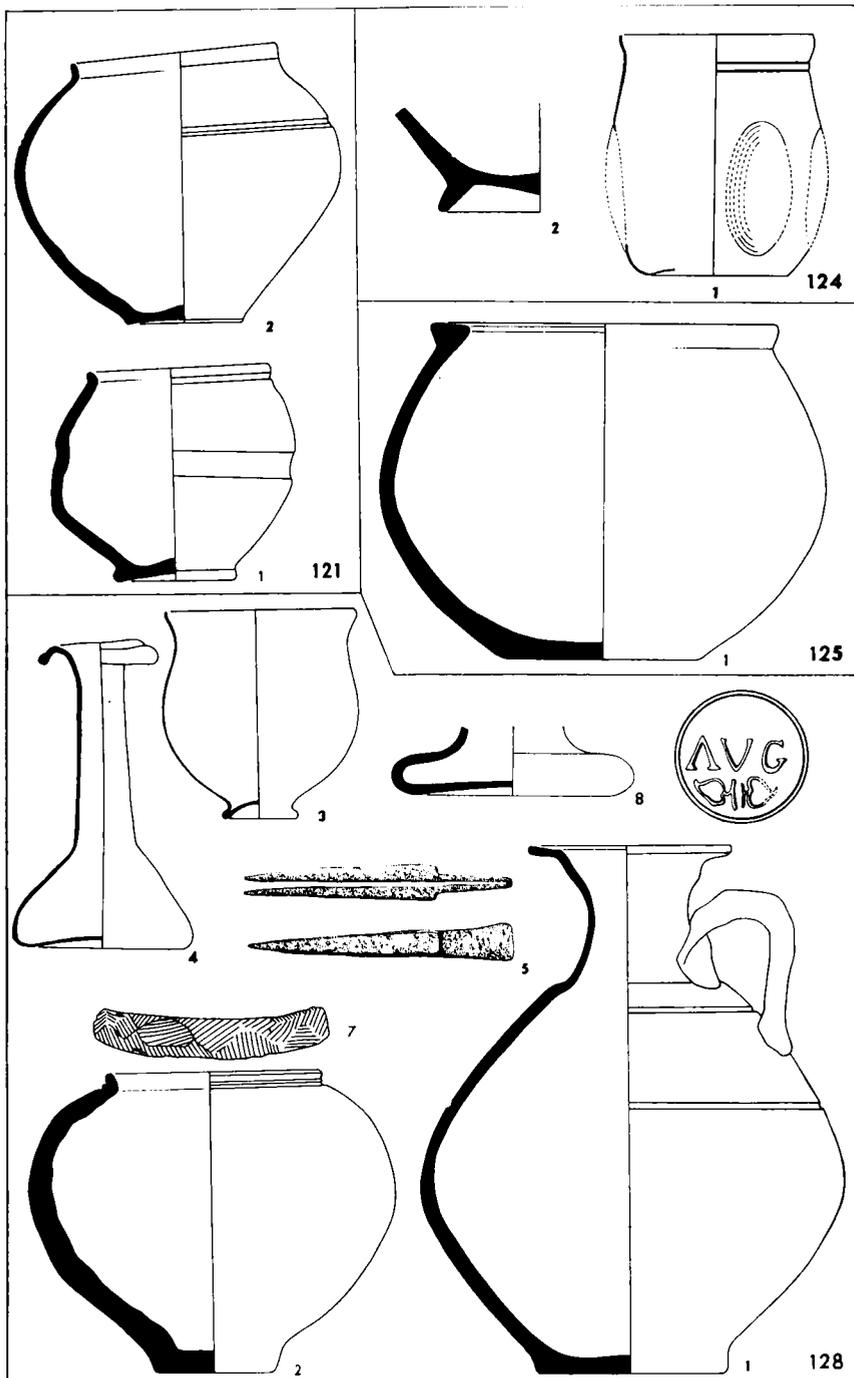


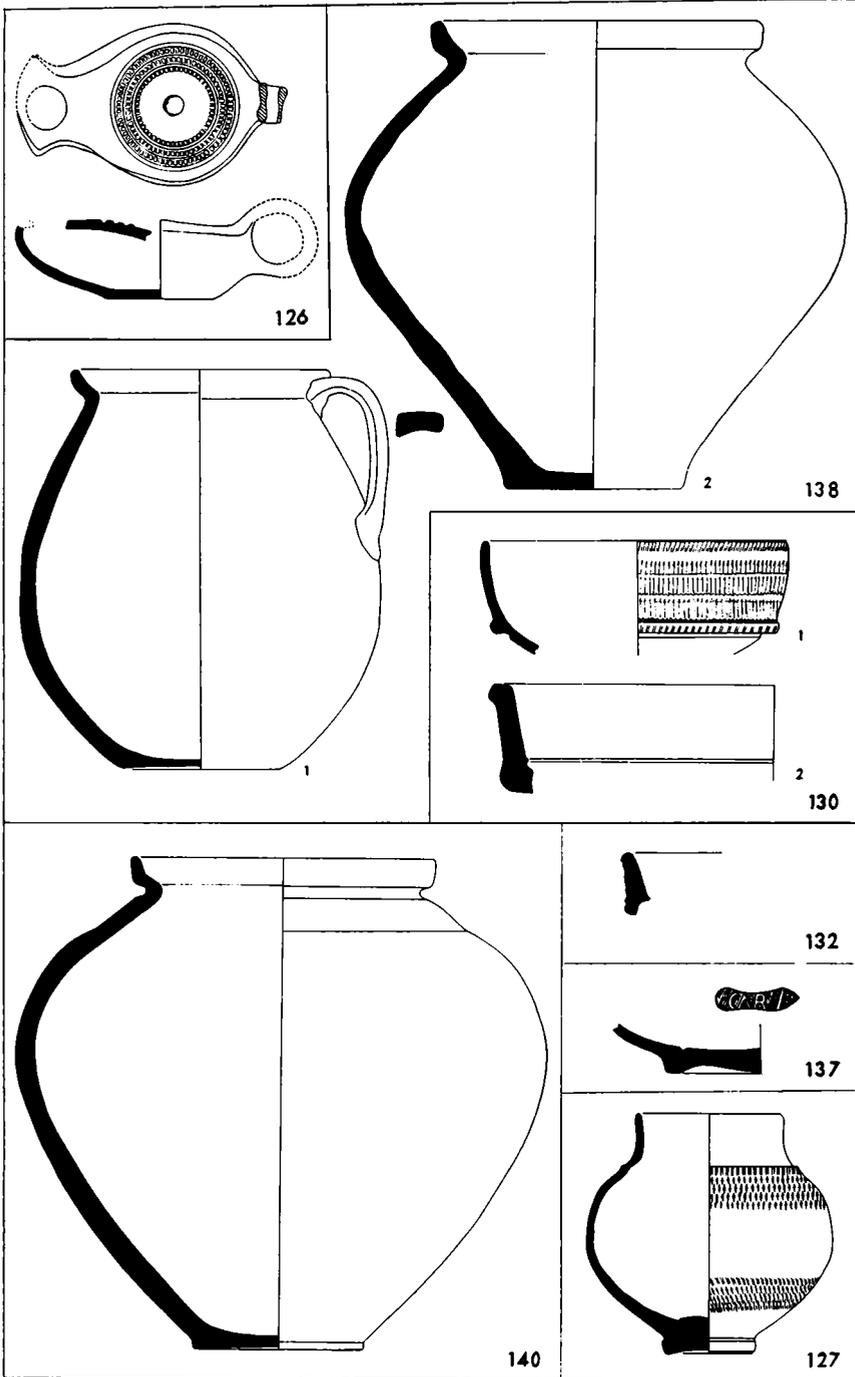


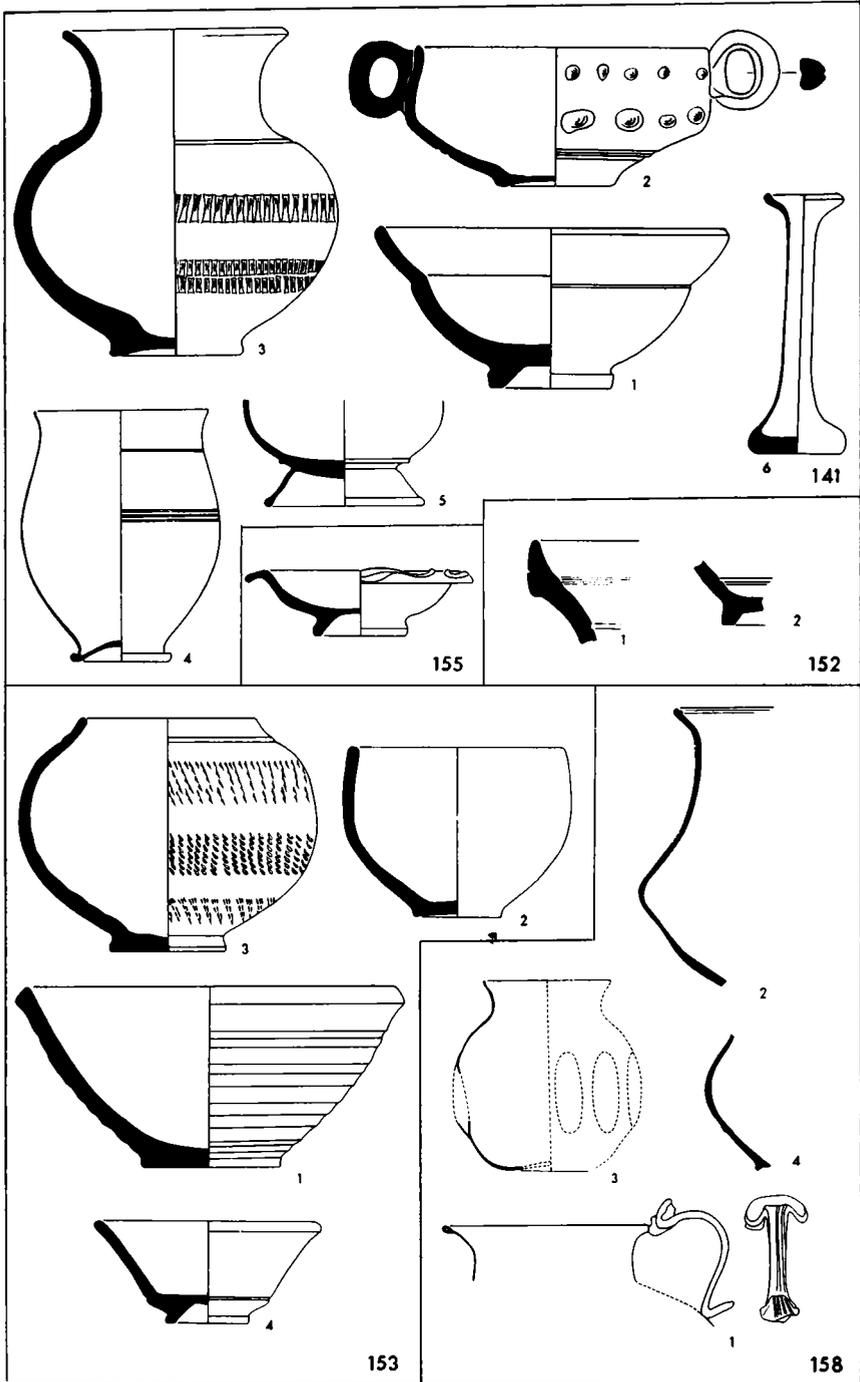


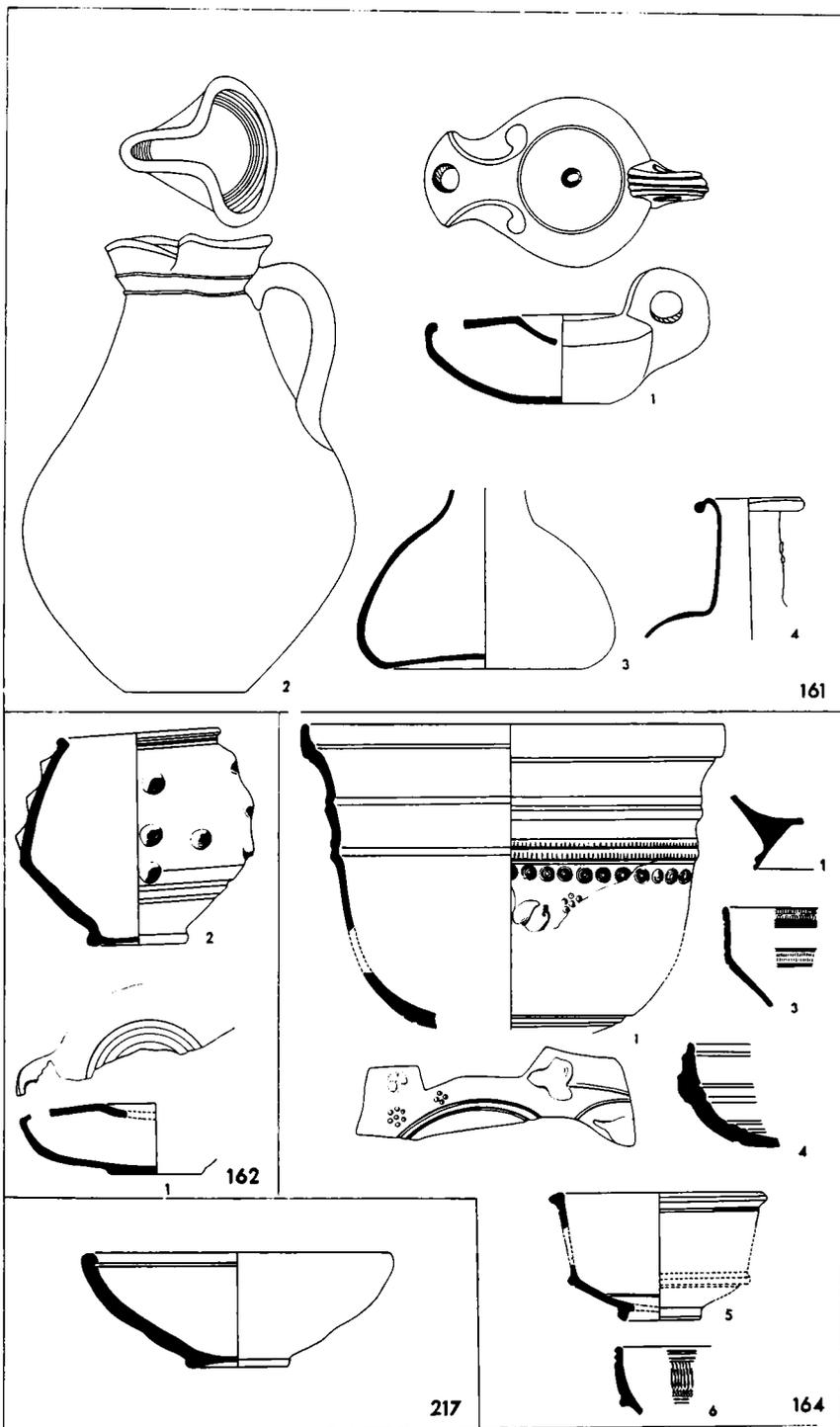


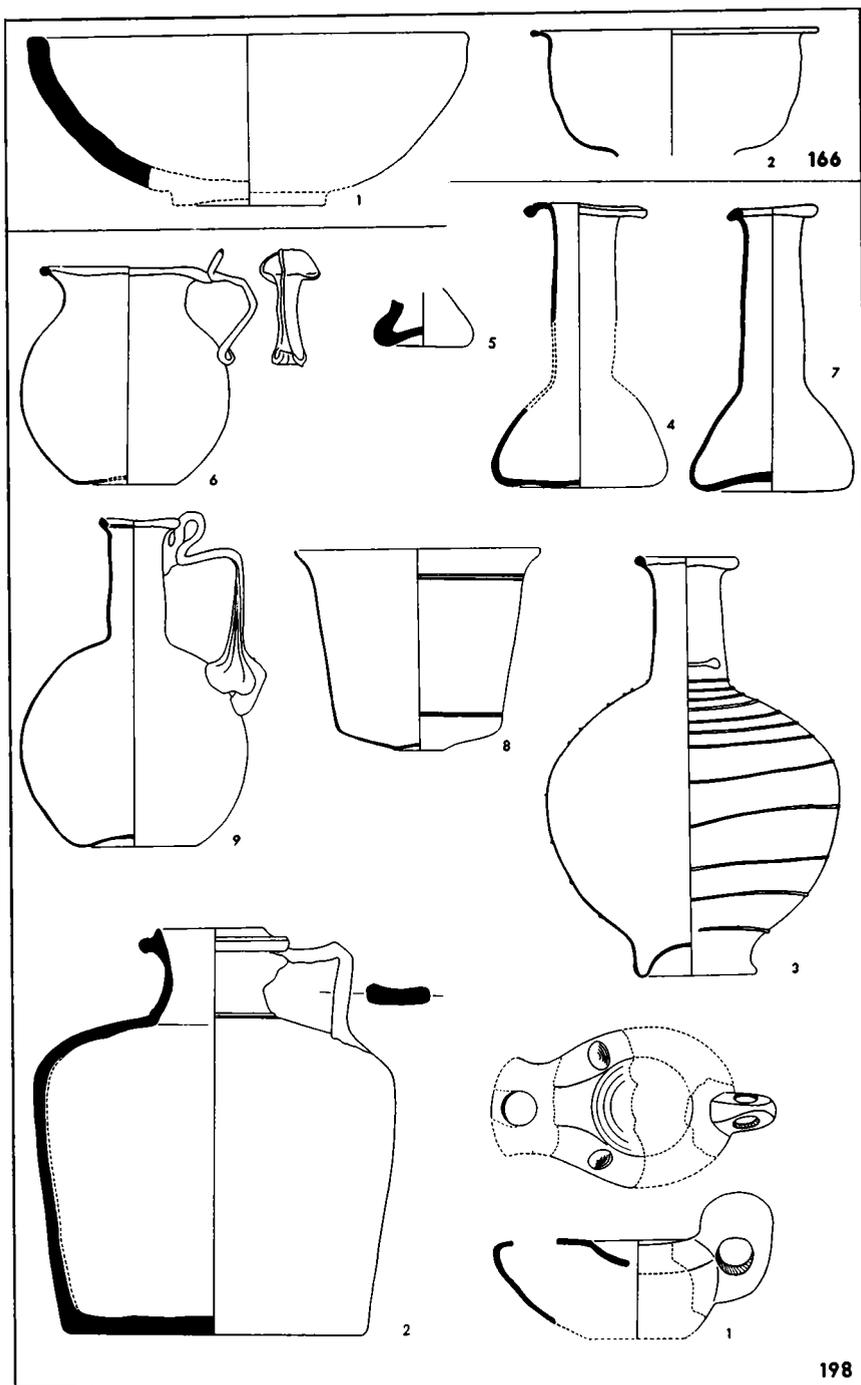


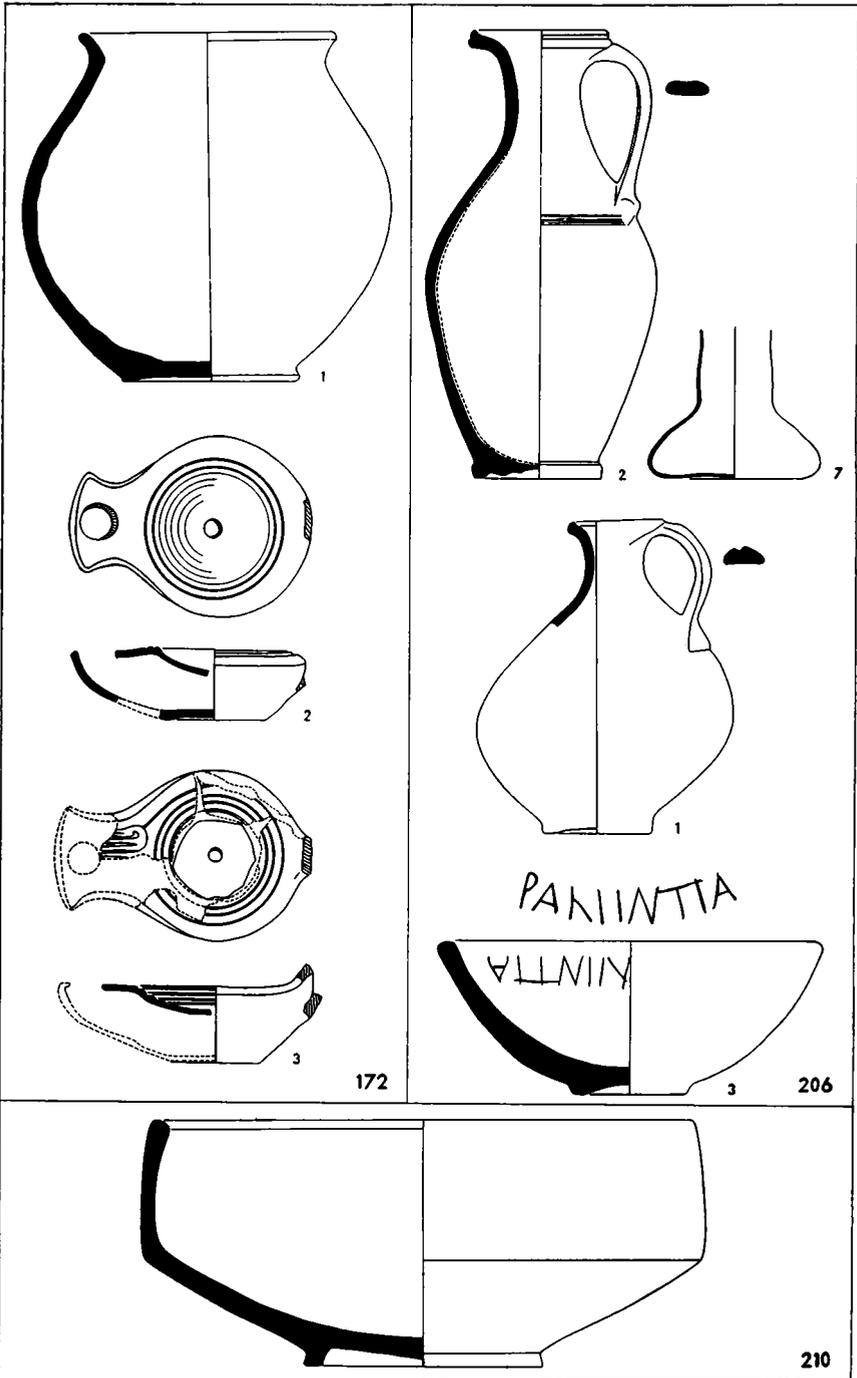


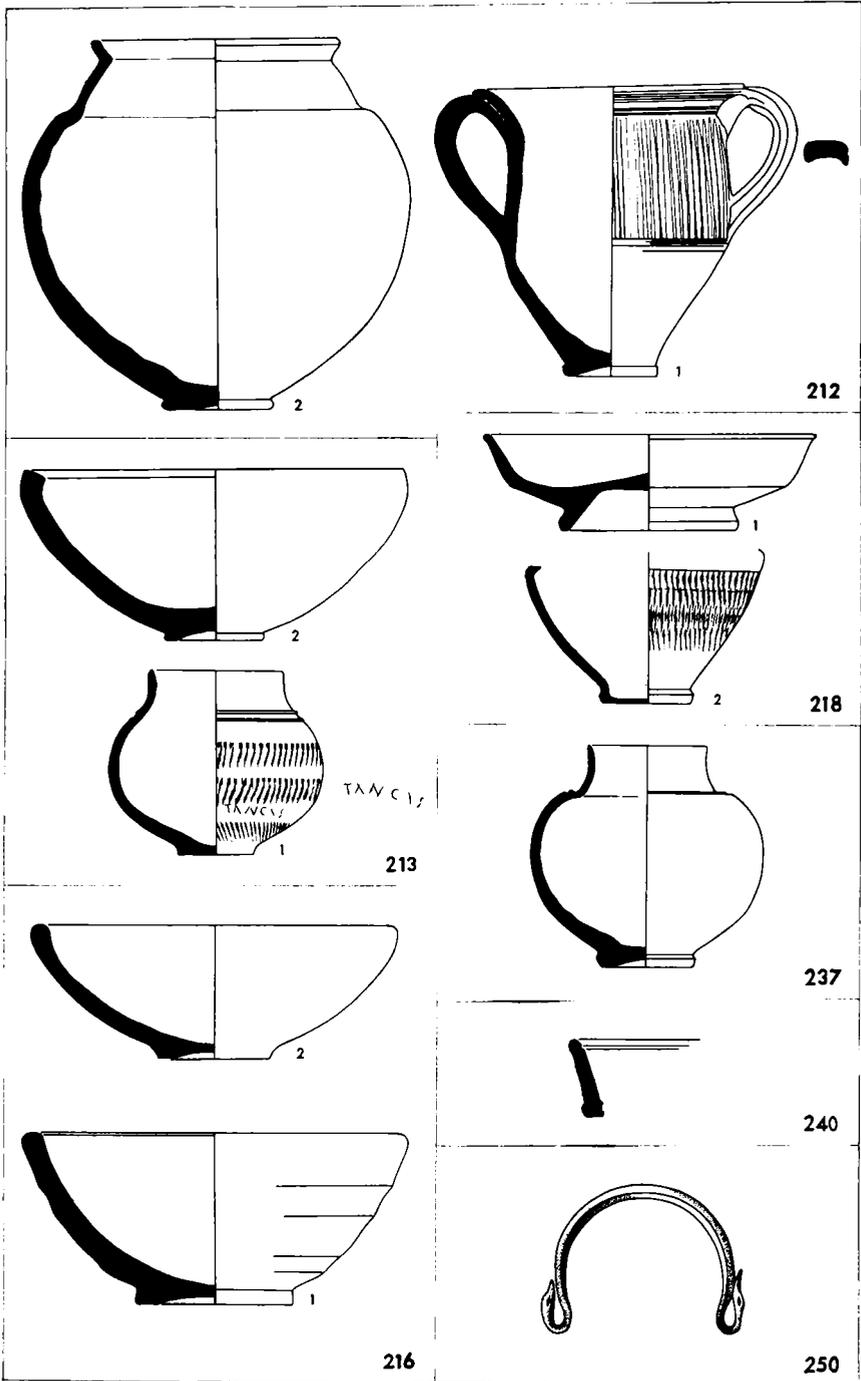


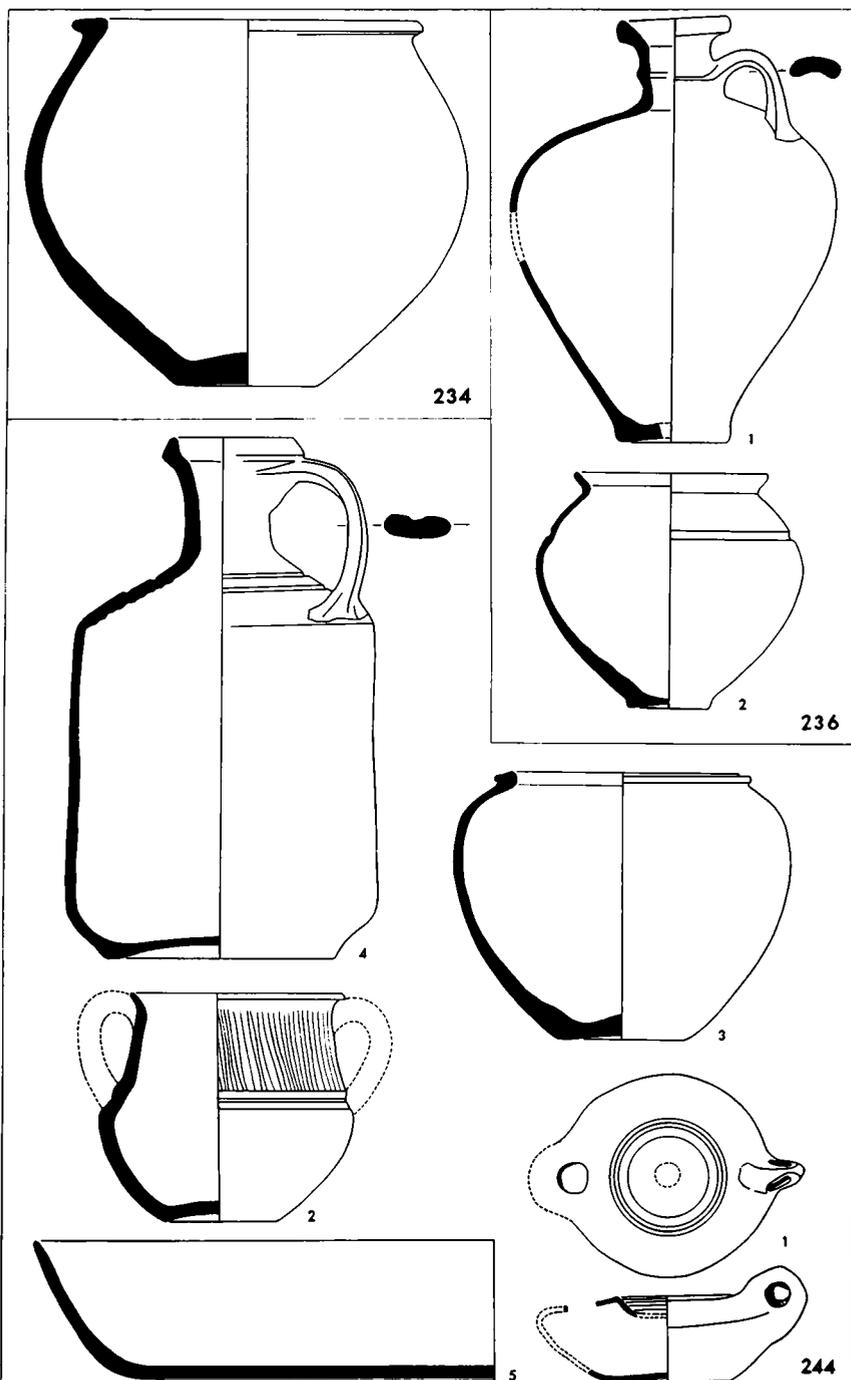


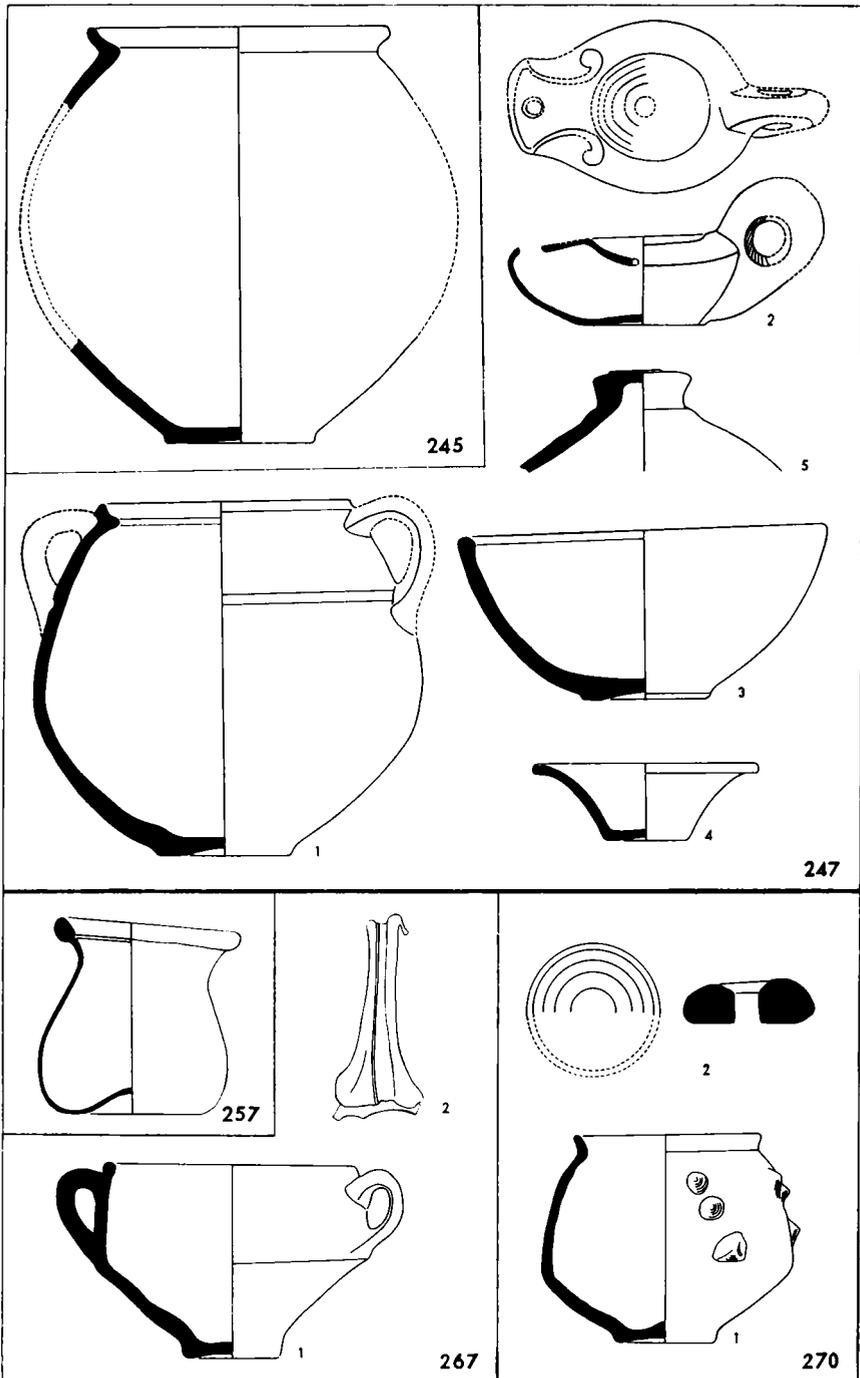


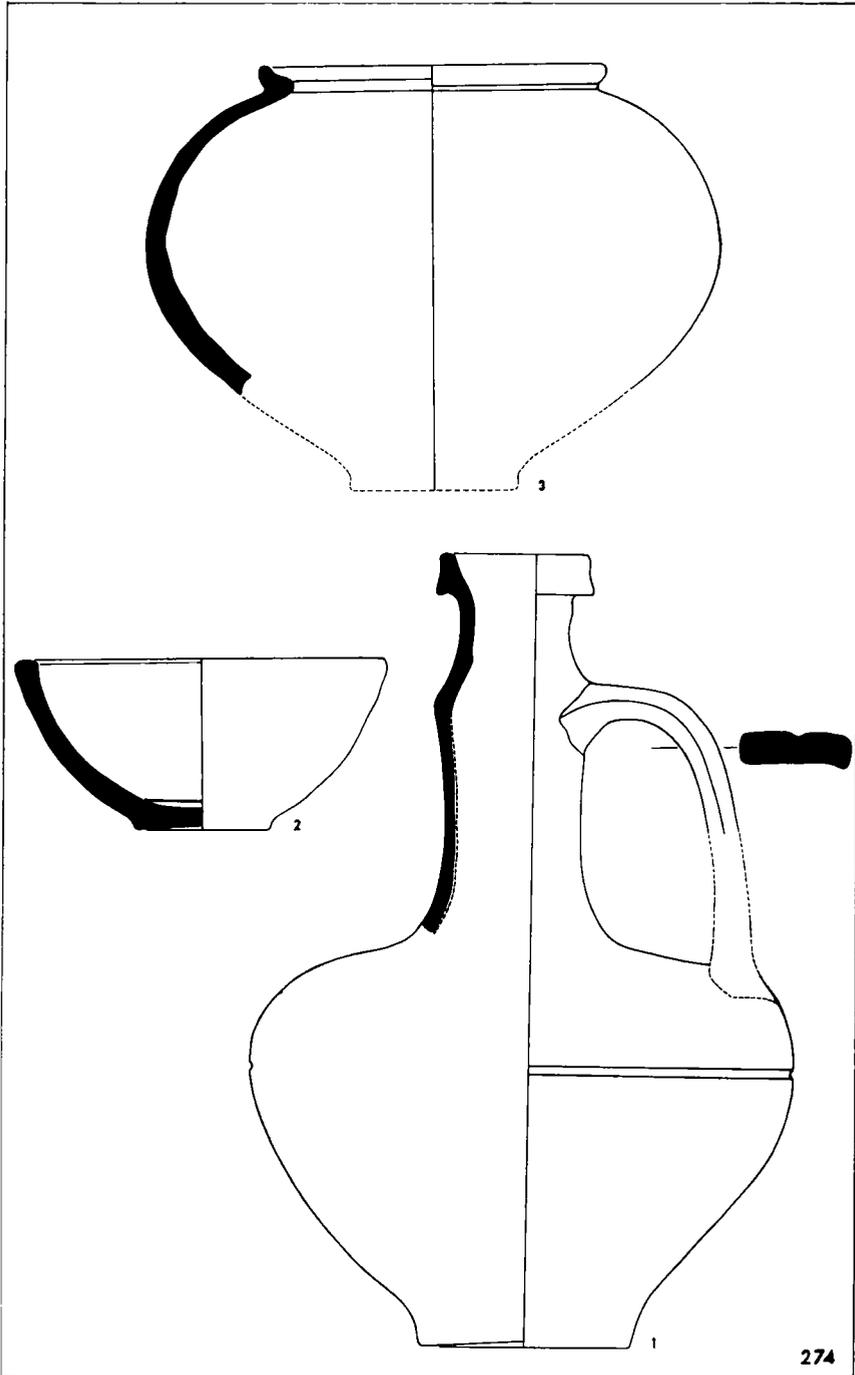


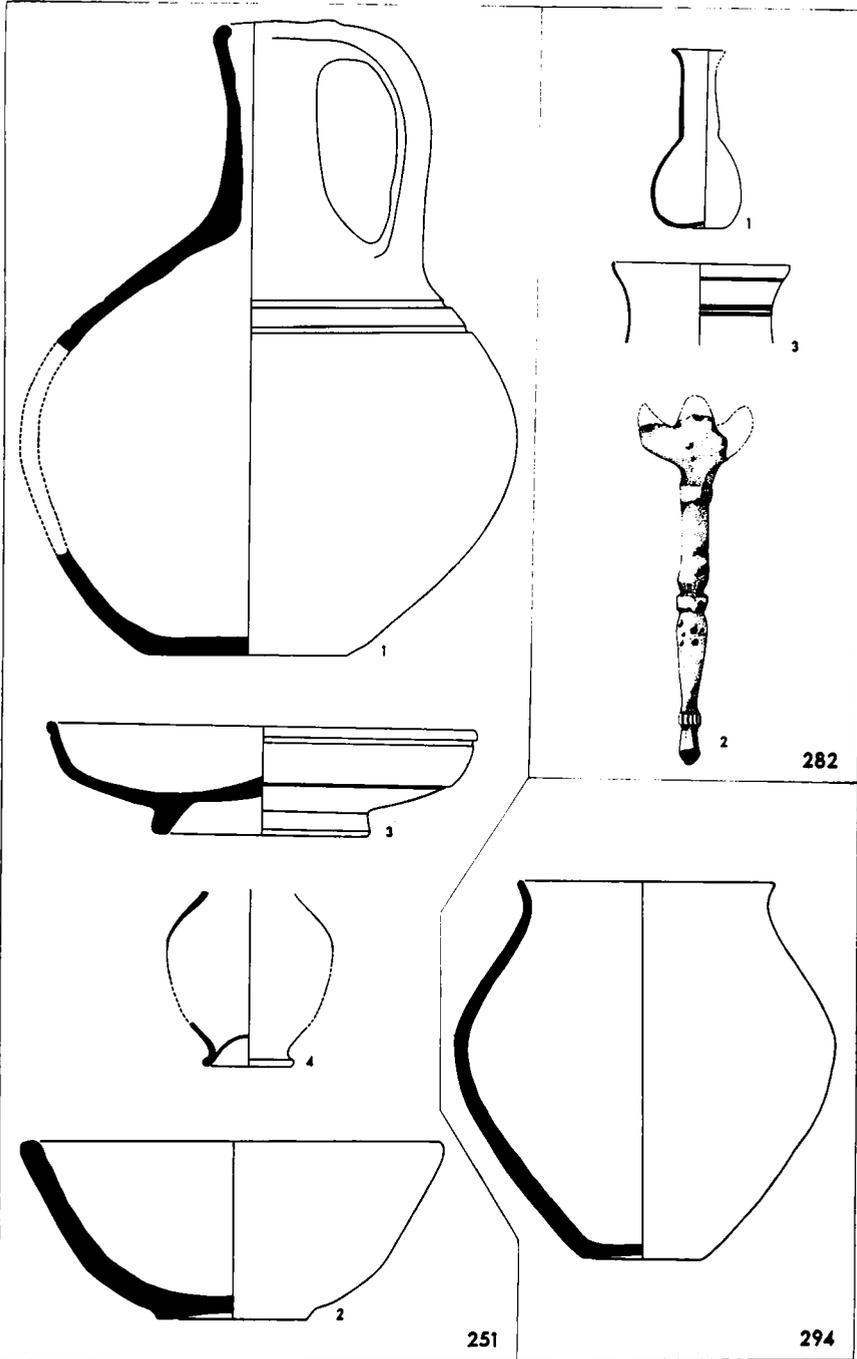


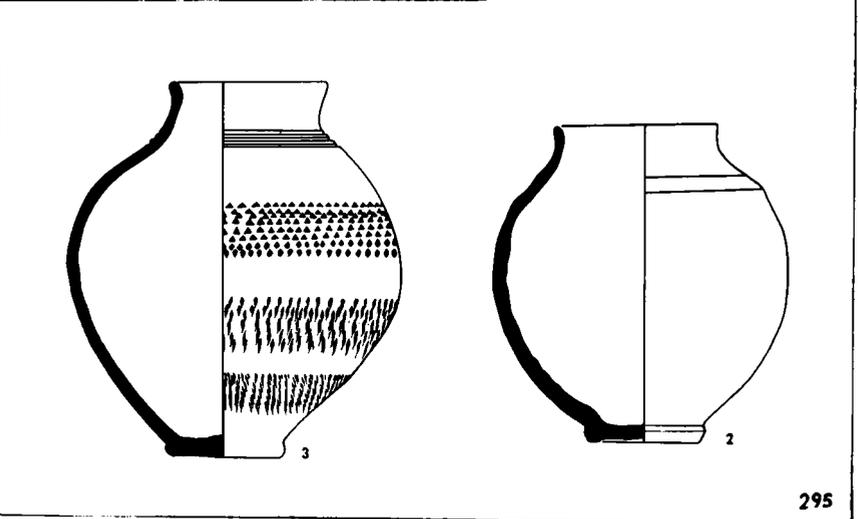
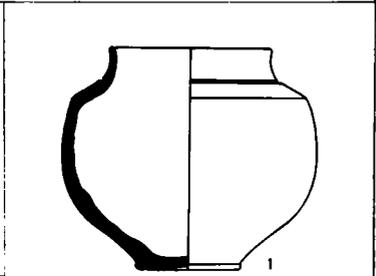
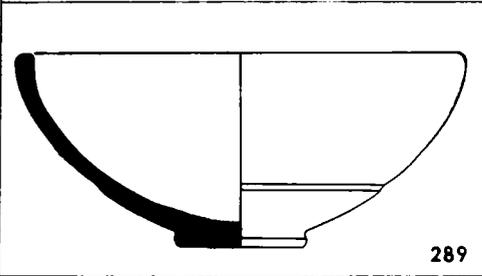
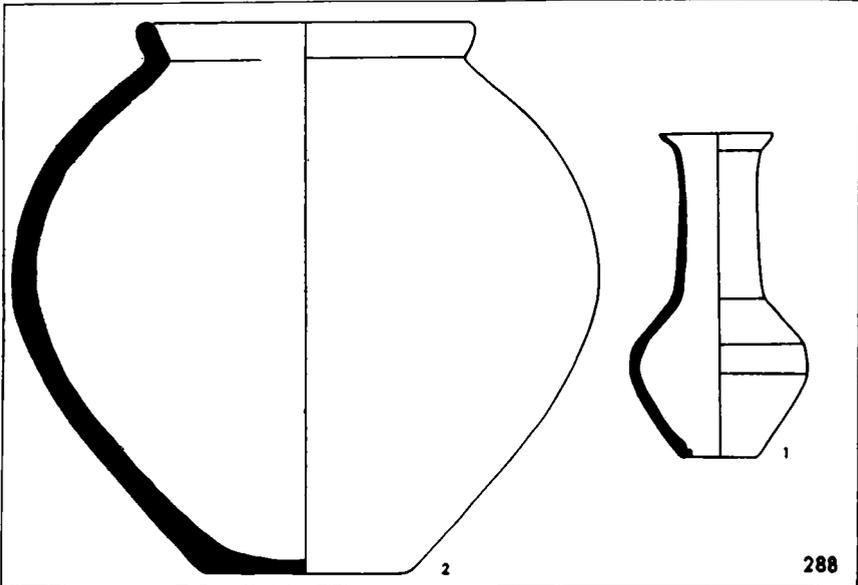


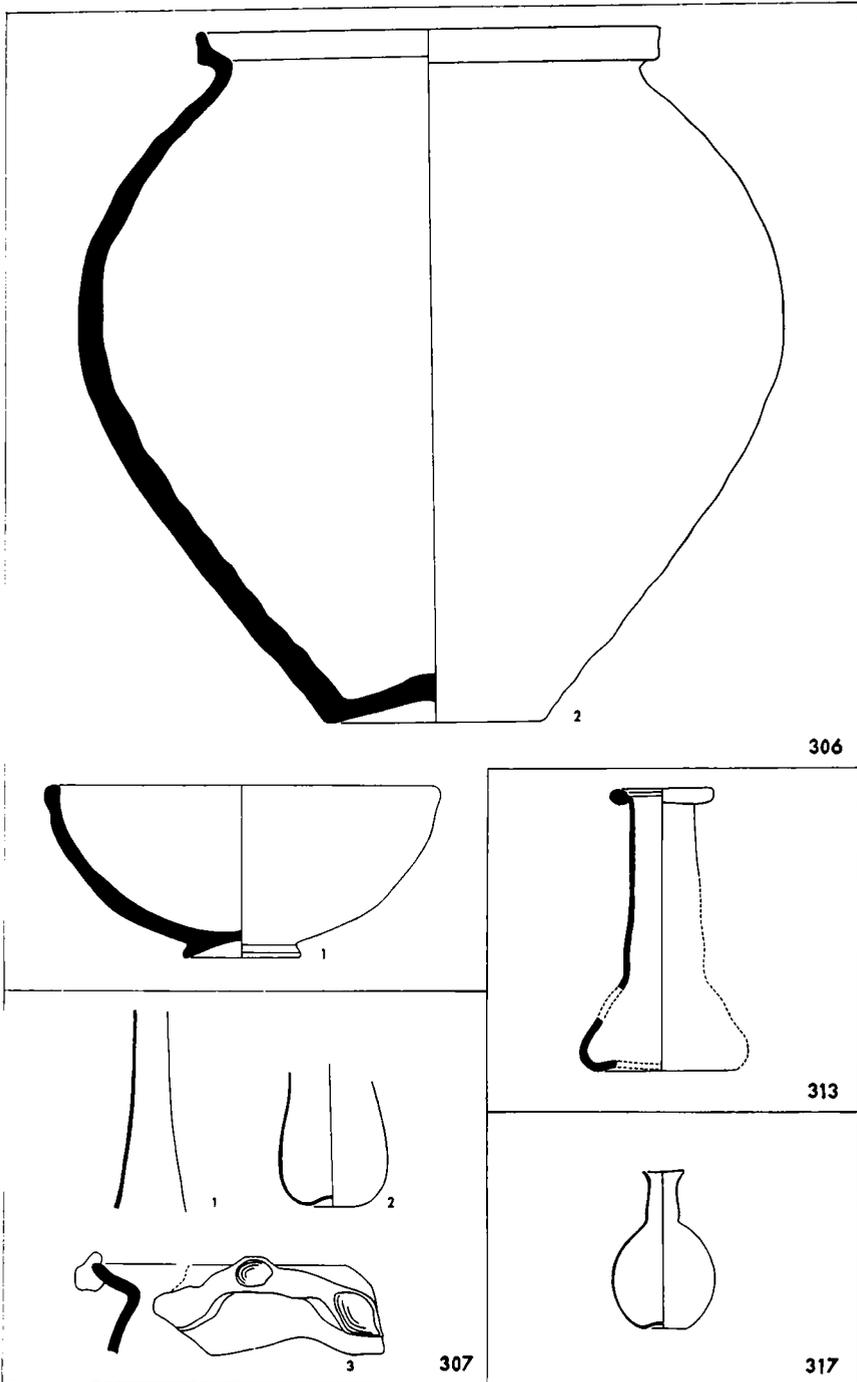


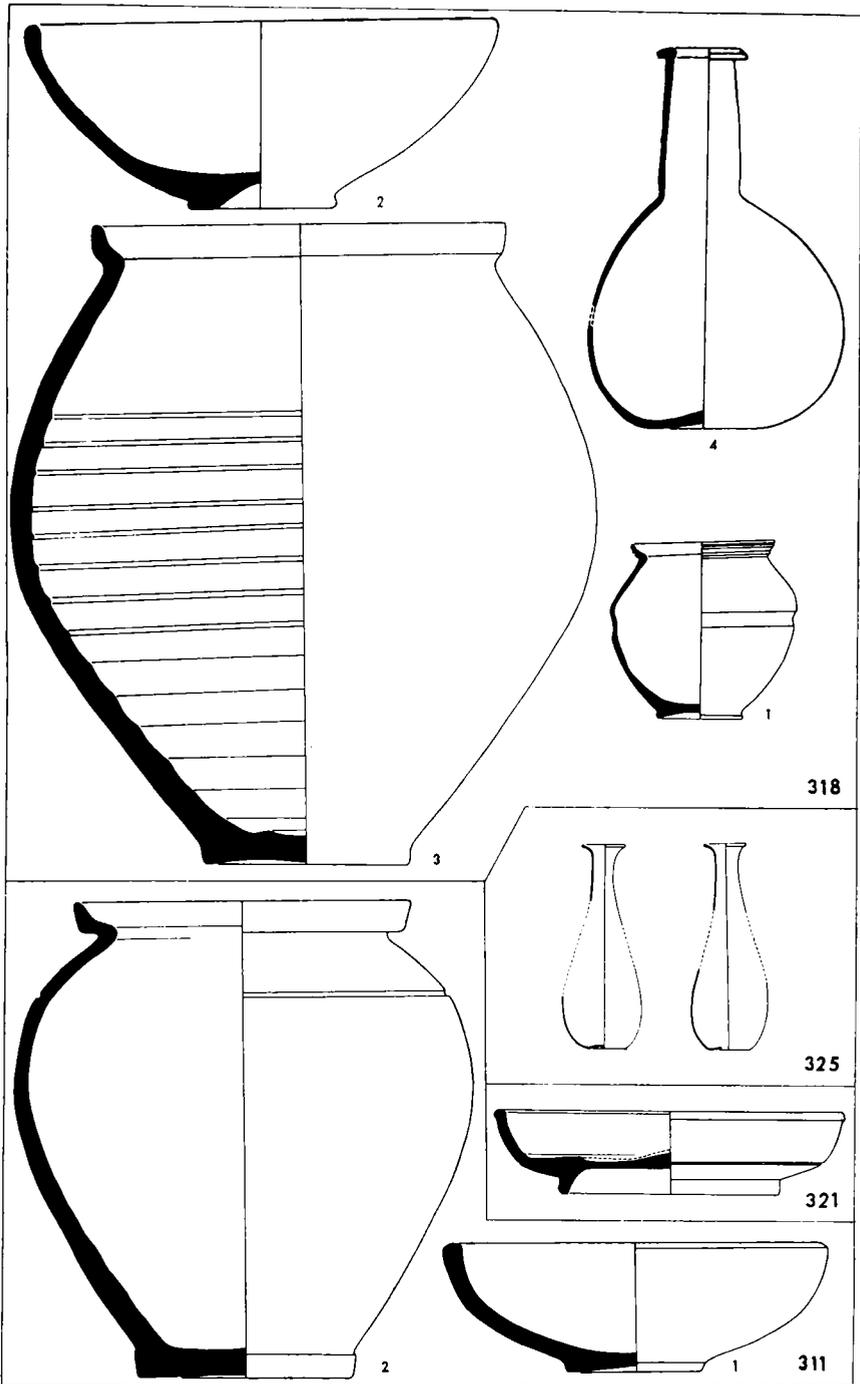


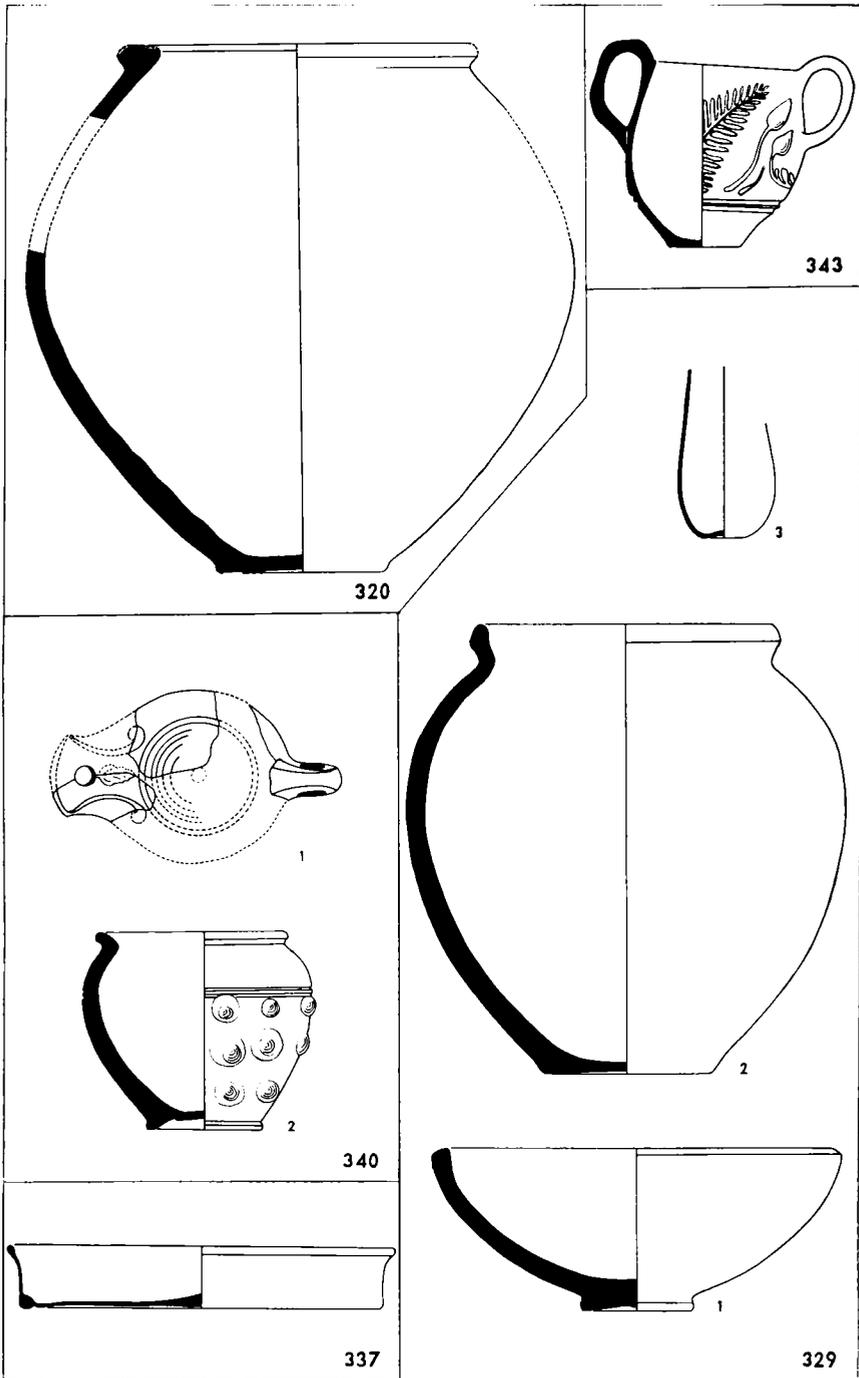


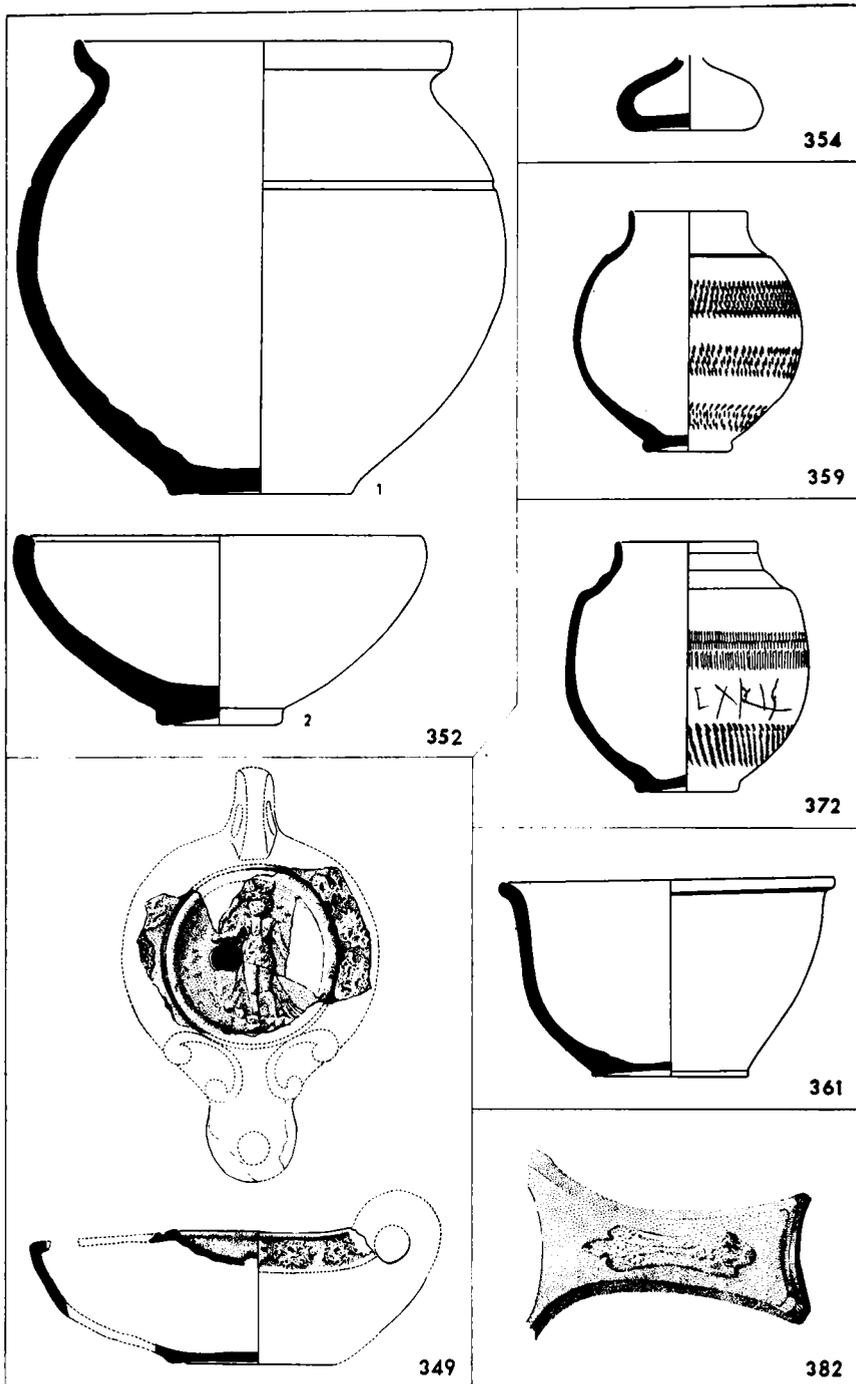


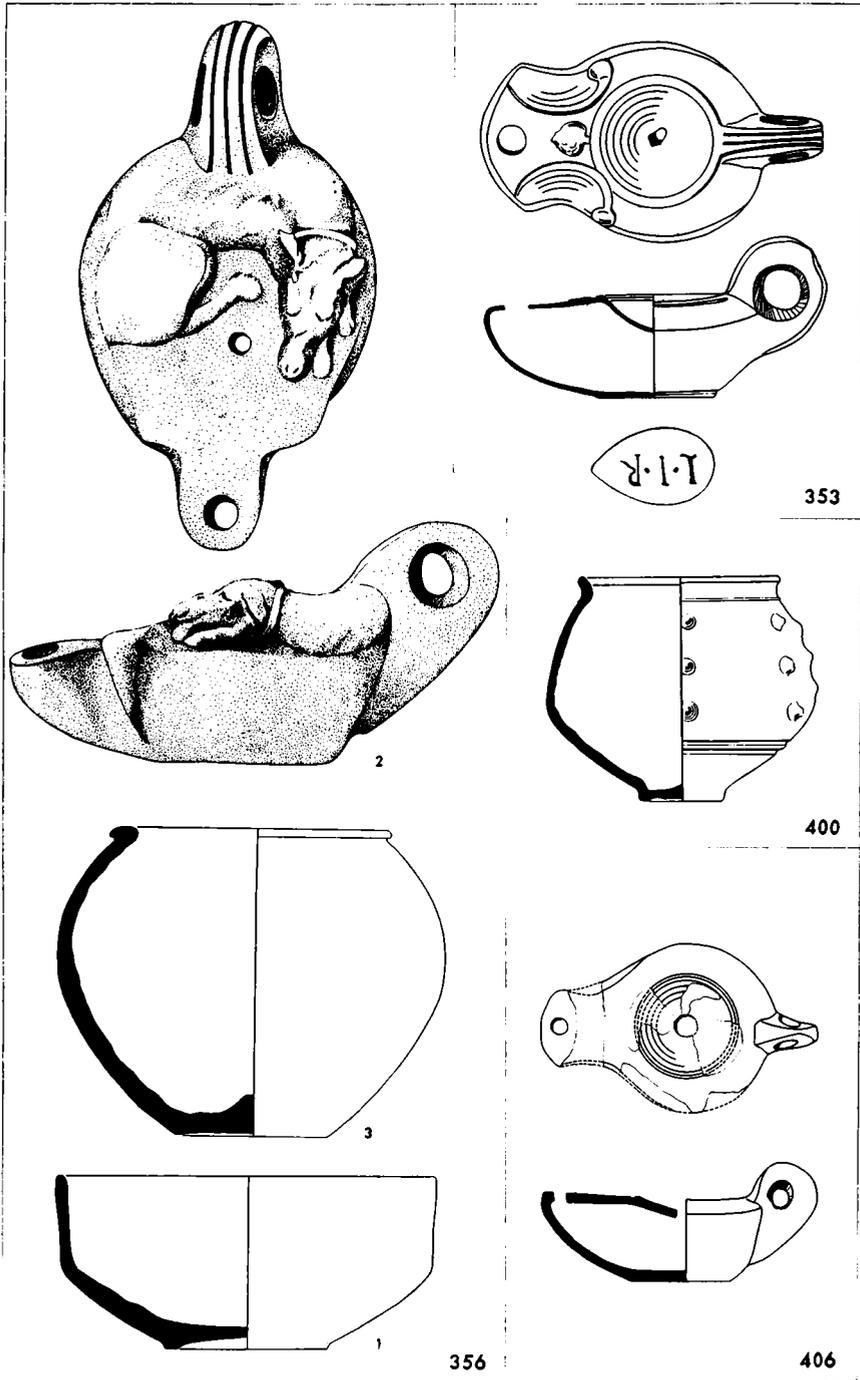










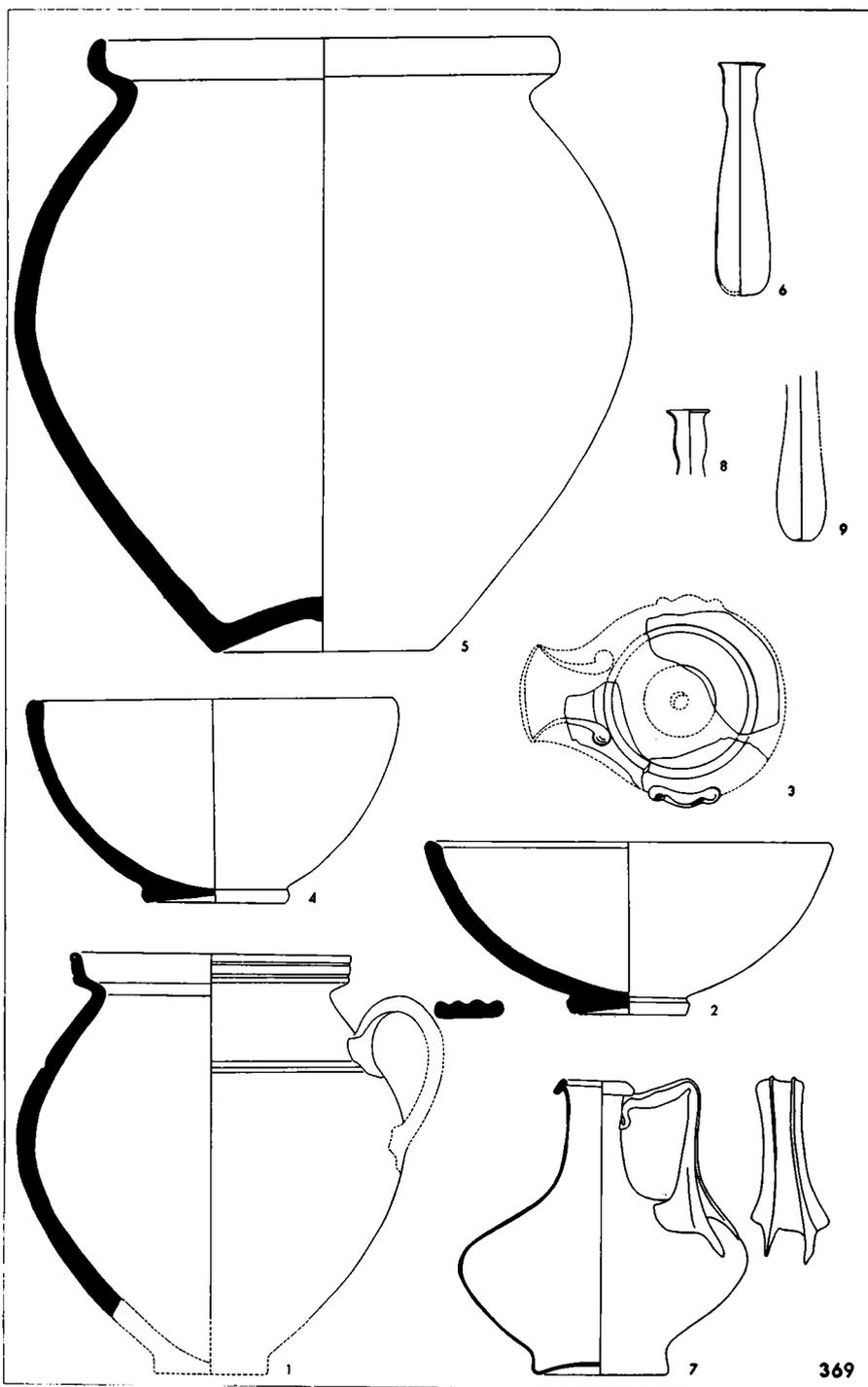


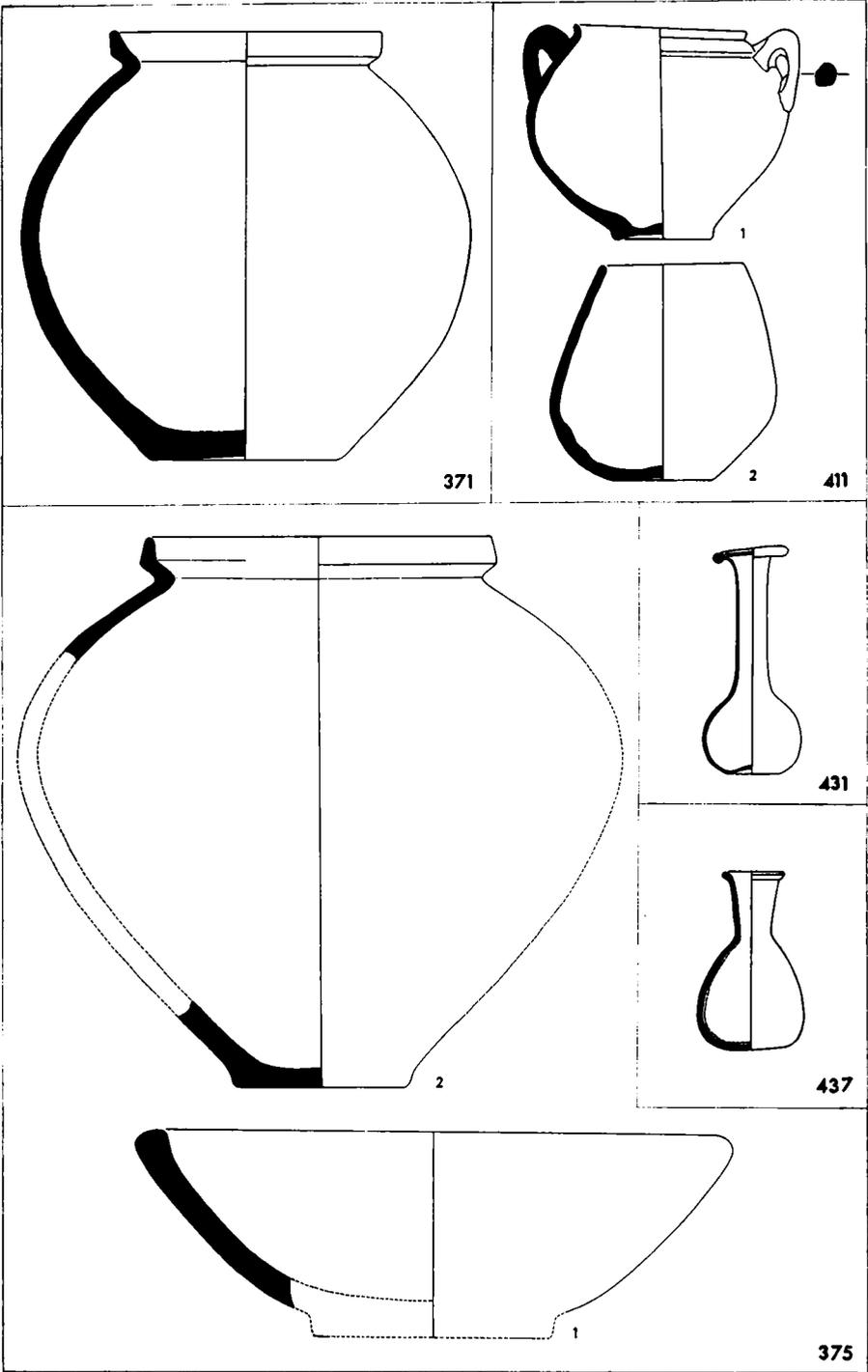
353

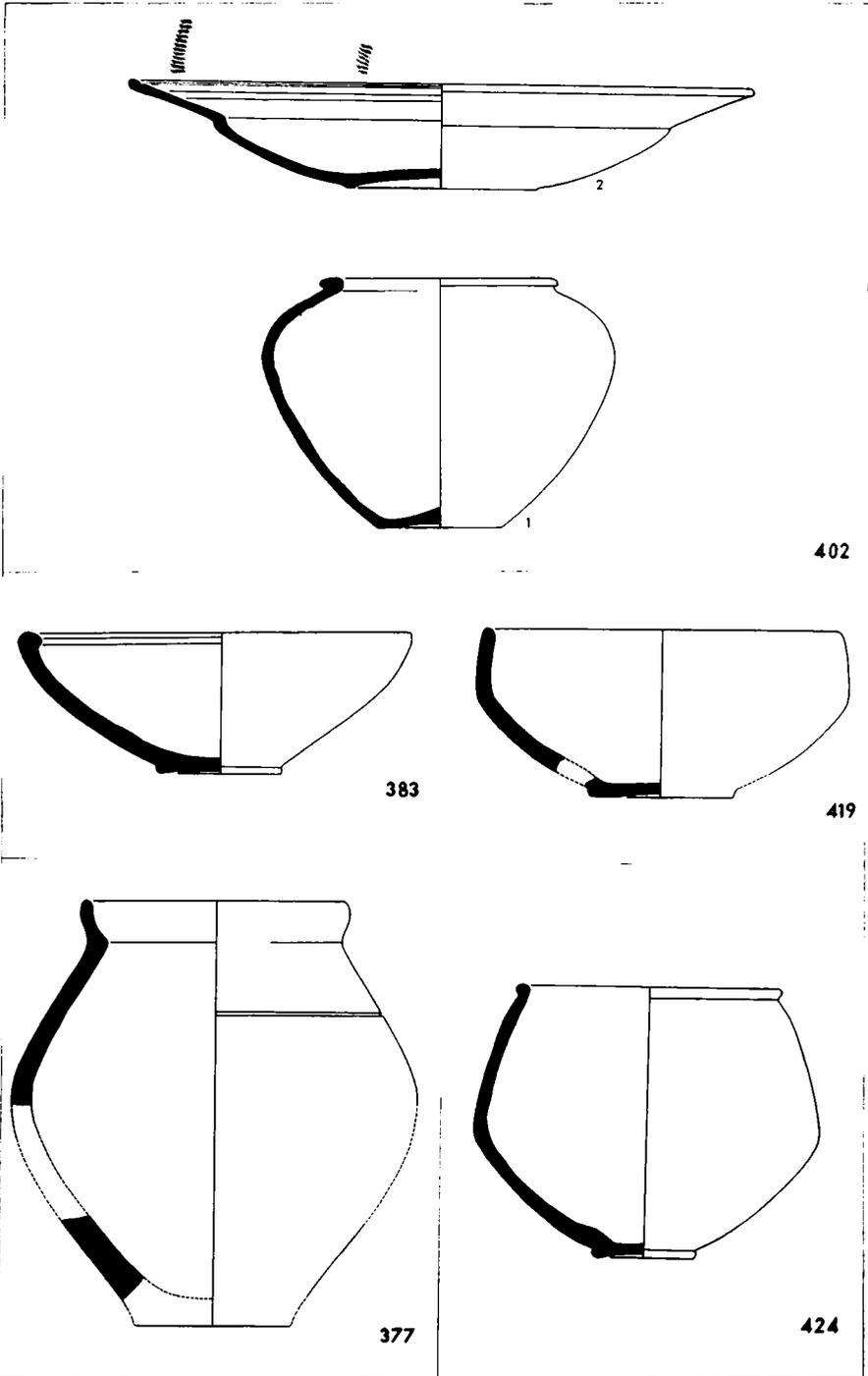
400

356

406







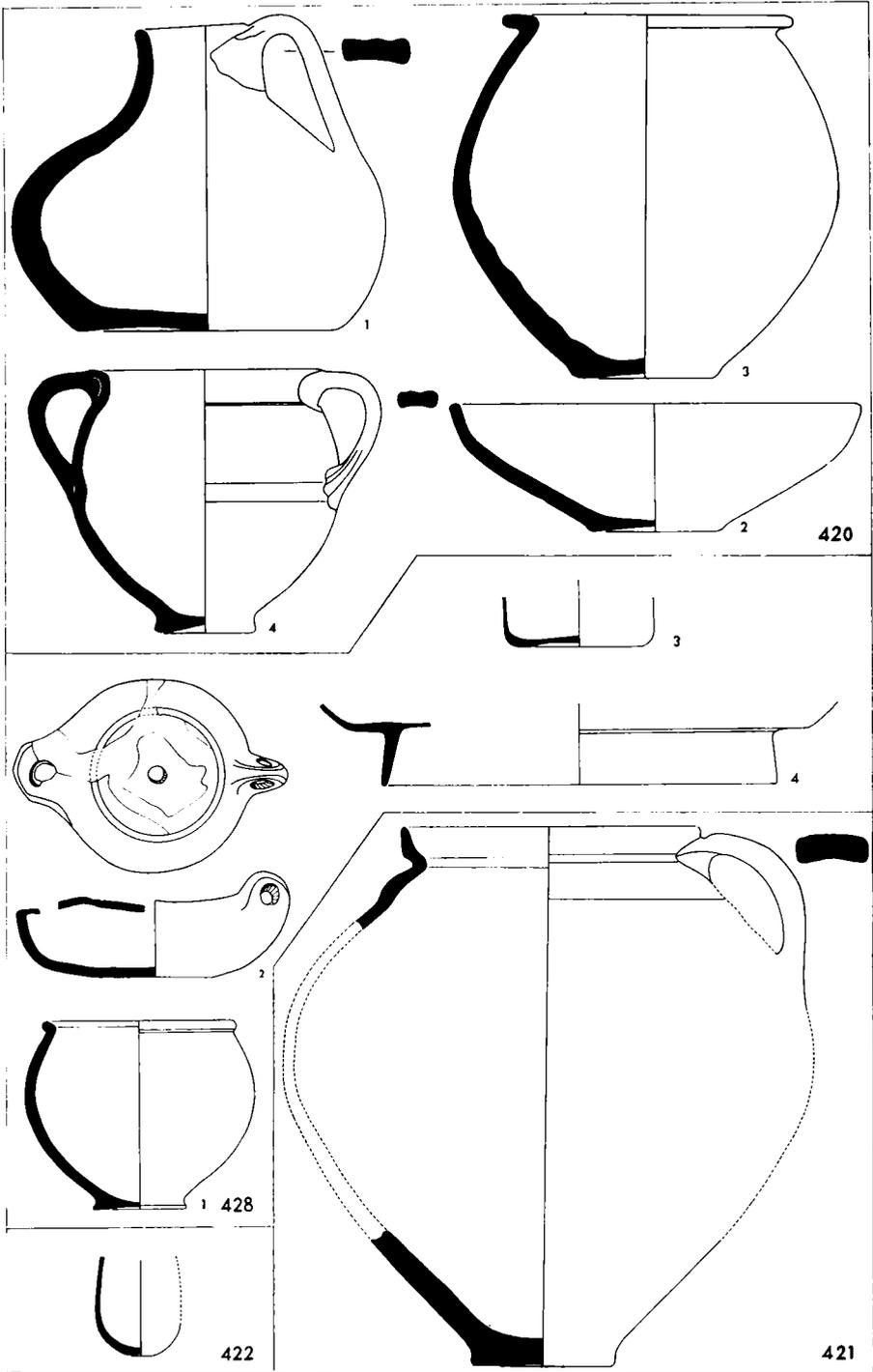
402

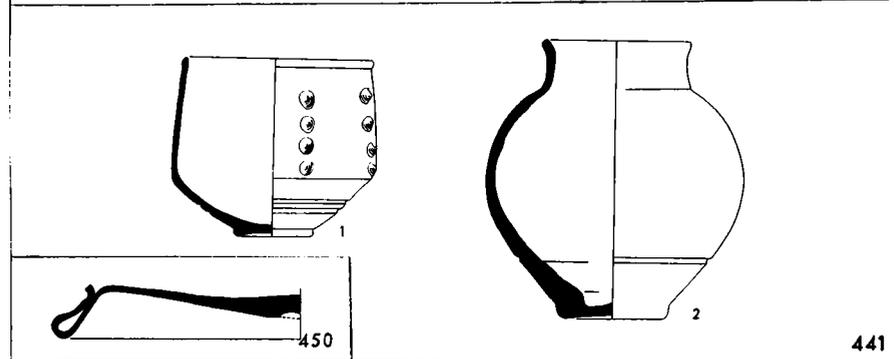
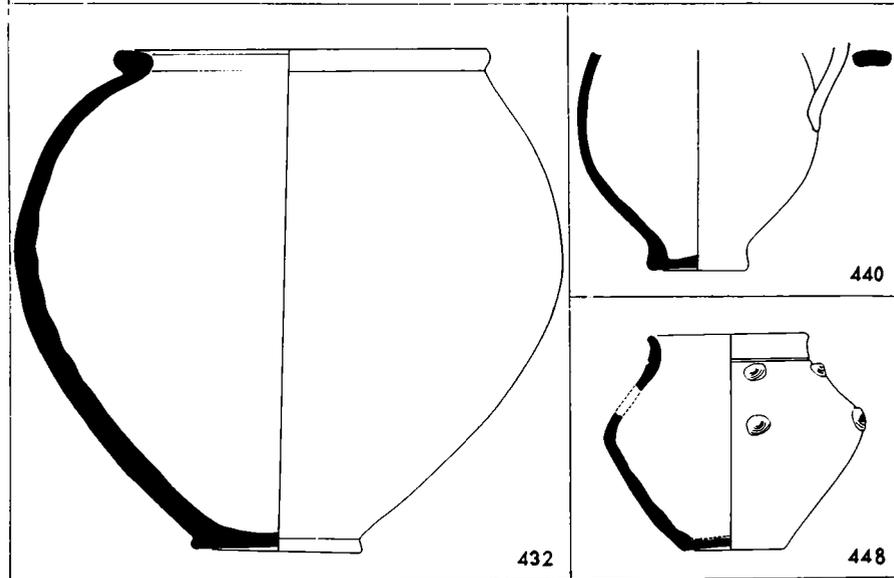
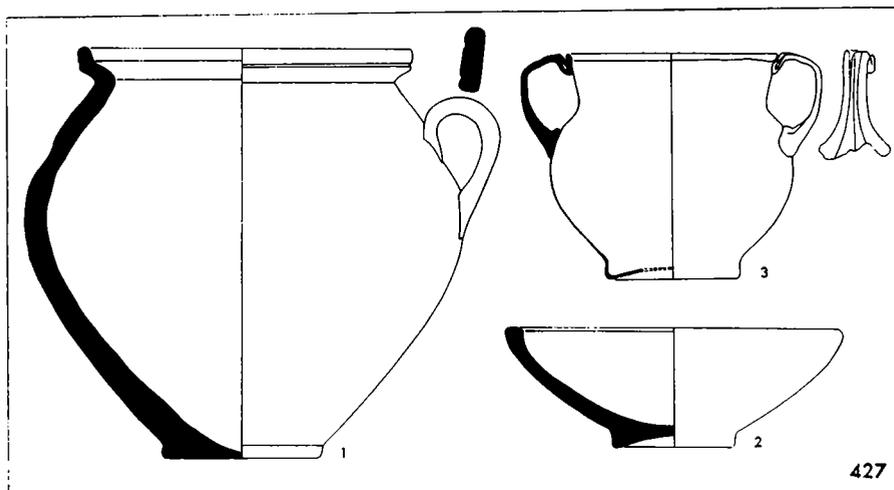
383

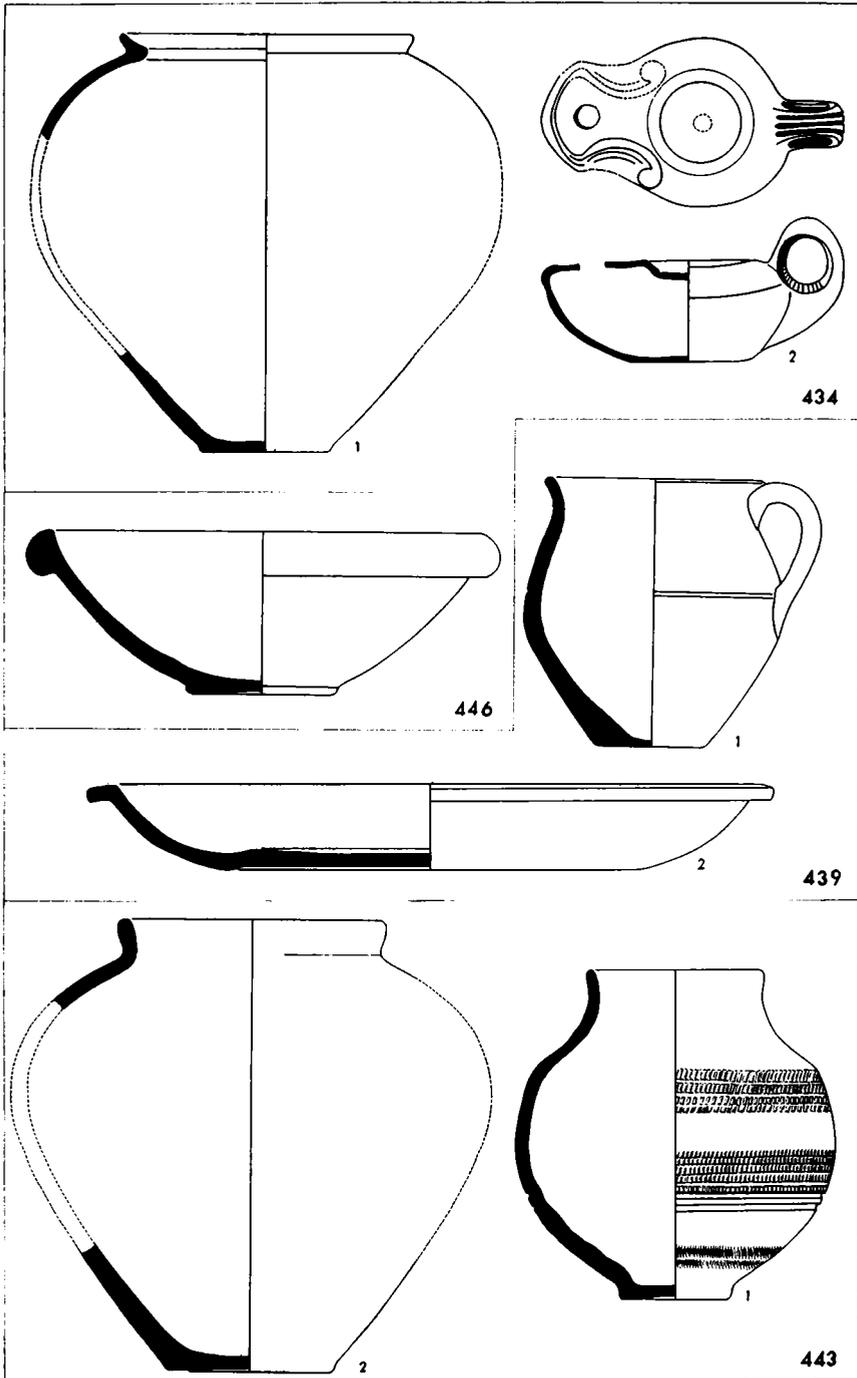
419

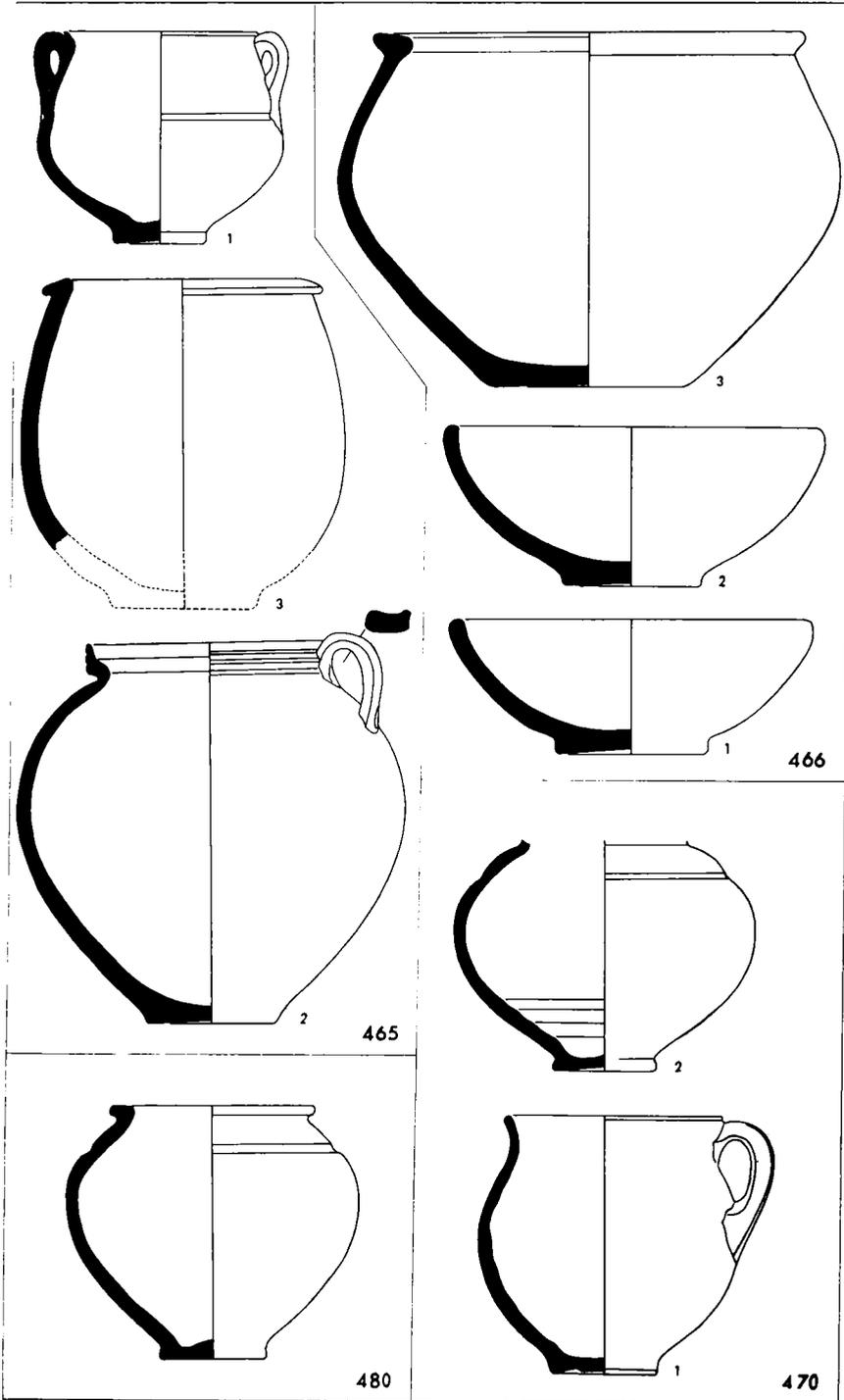
377

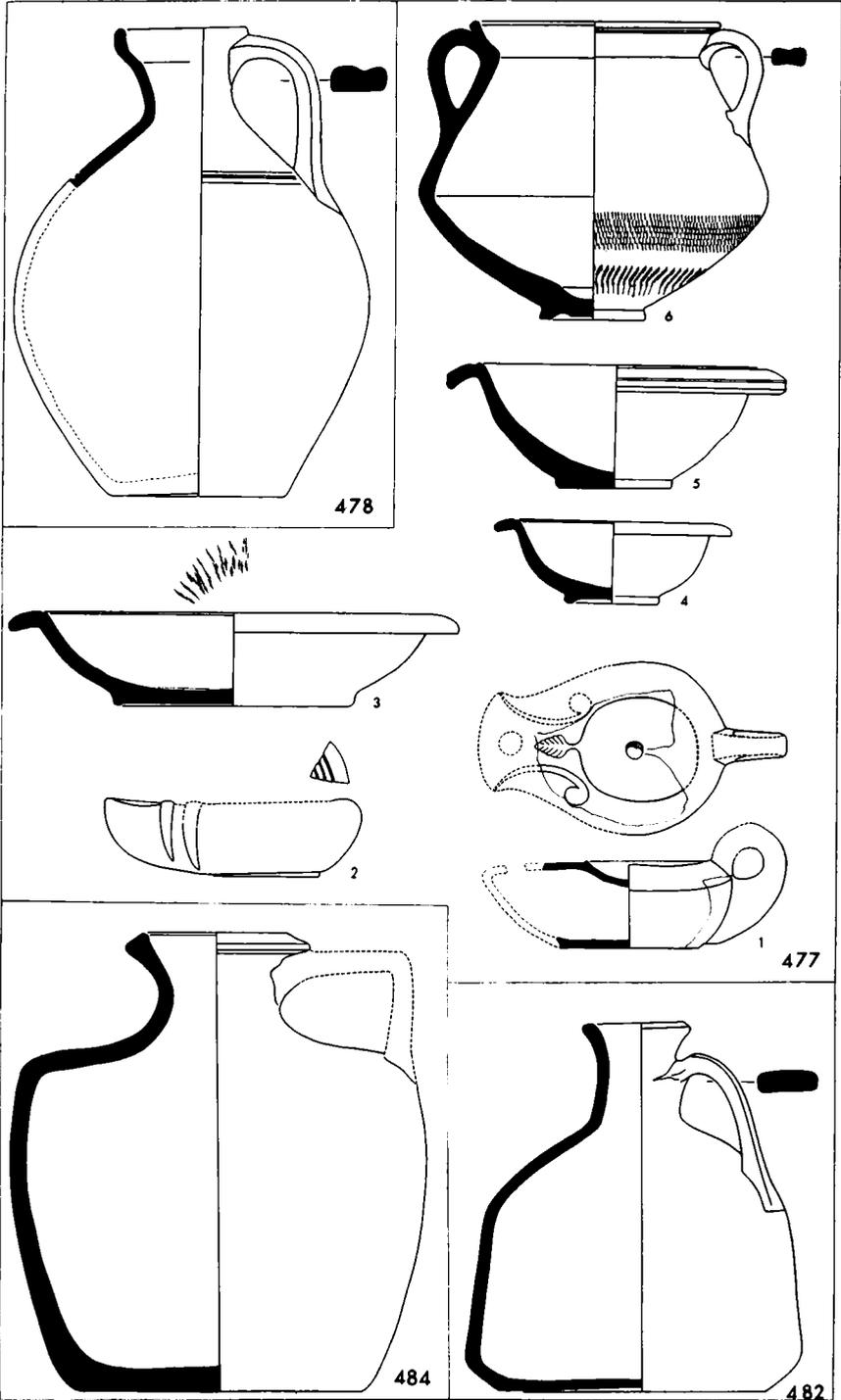
424

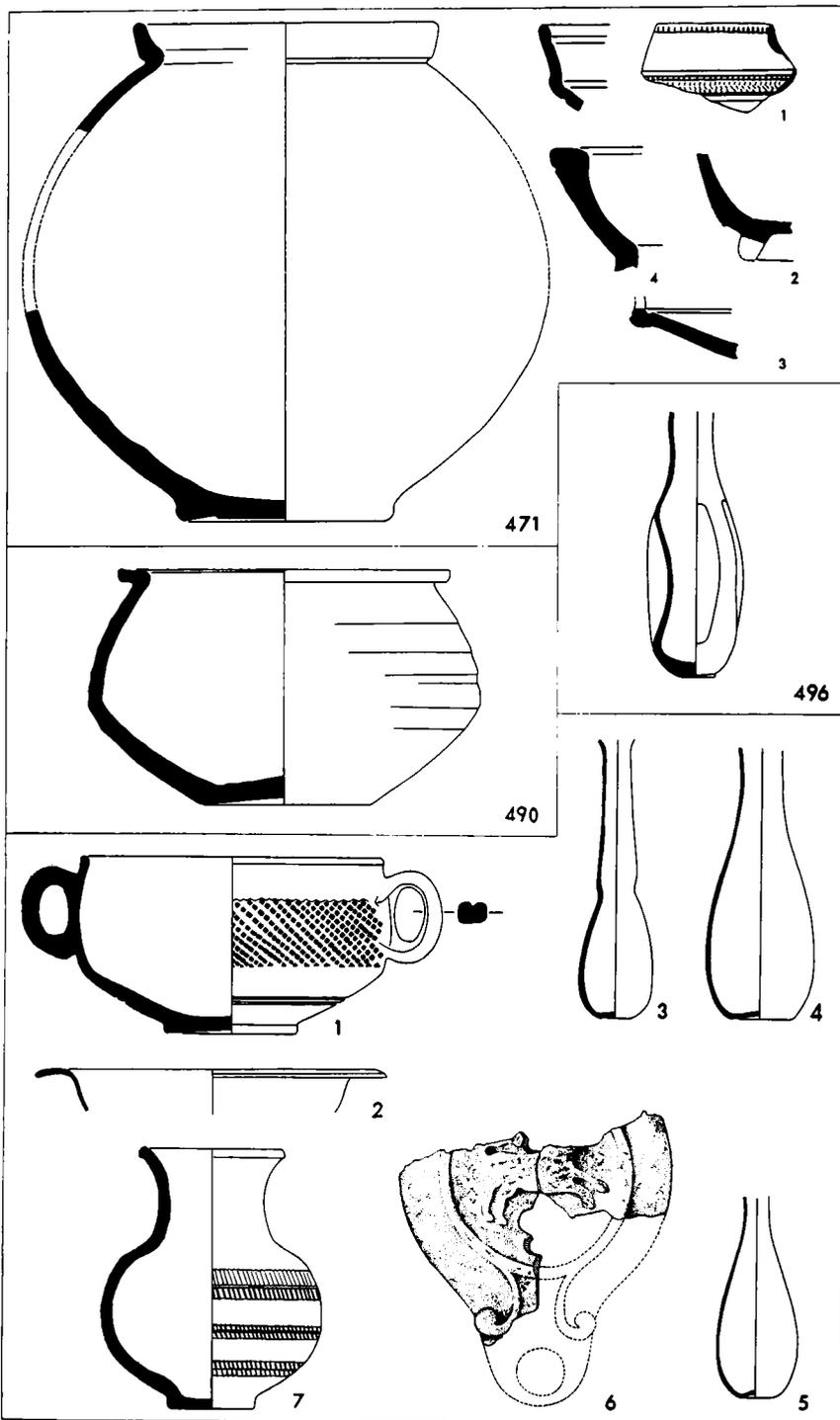


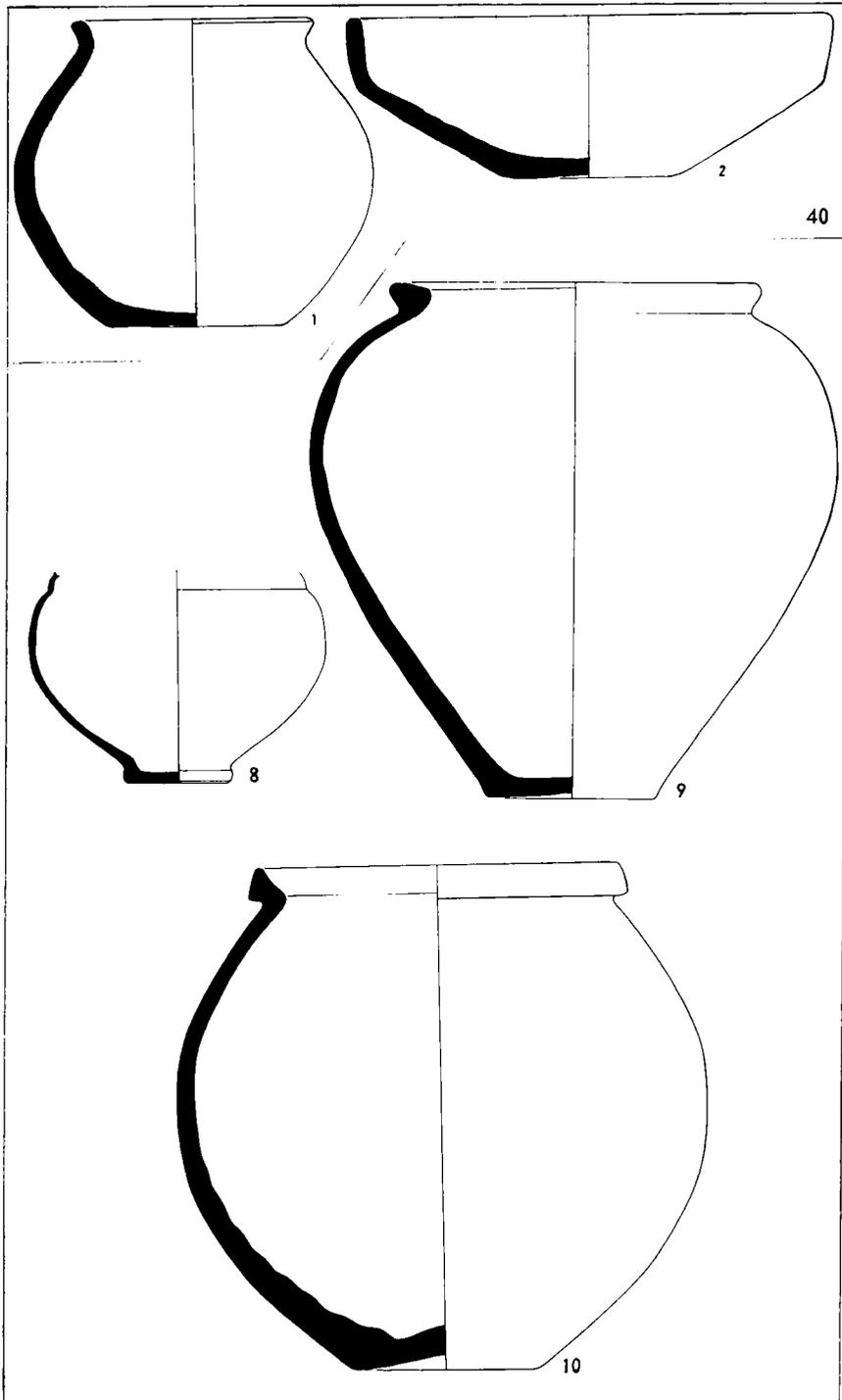


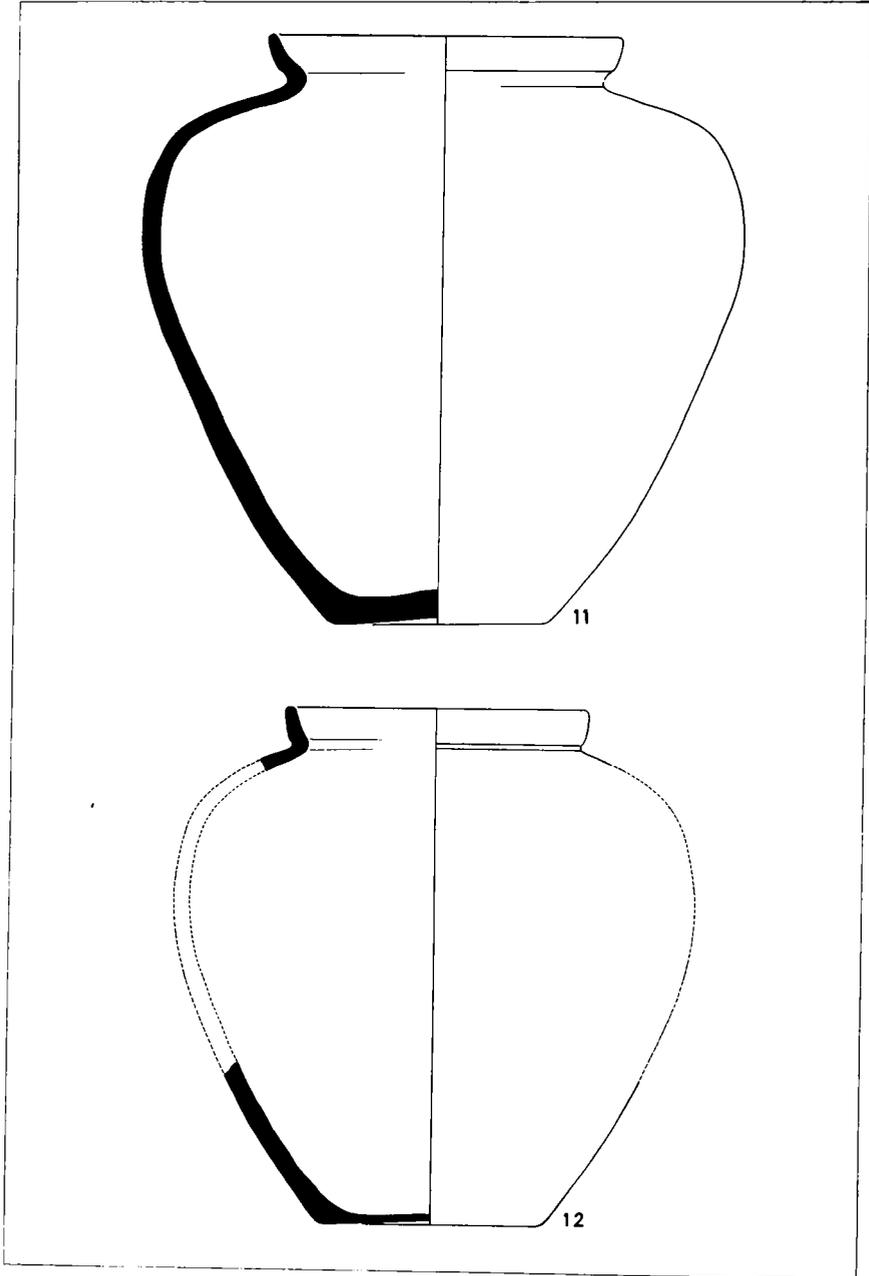


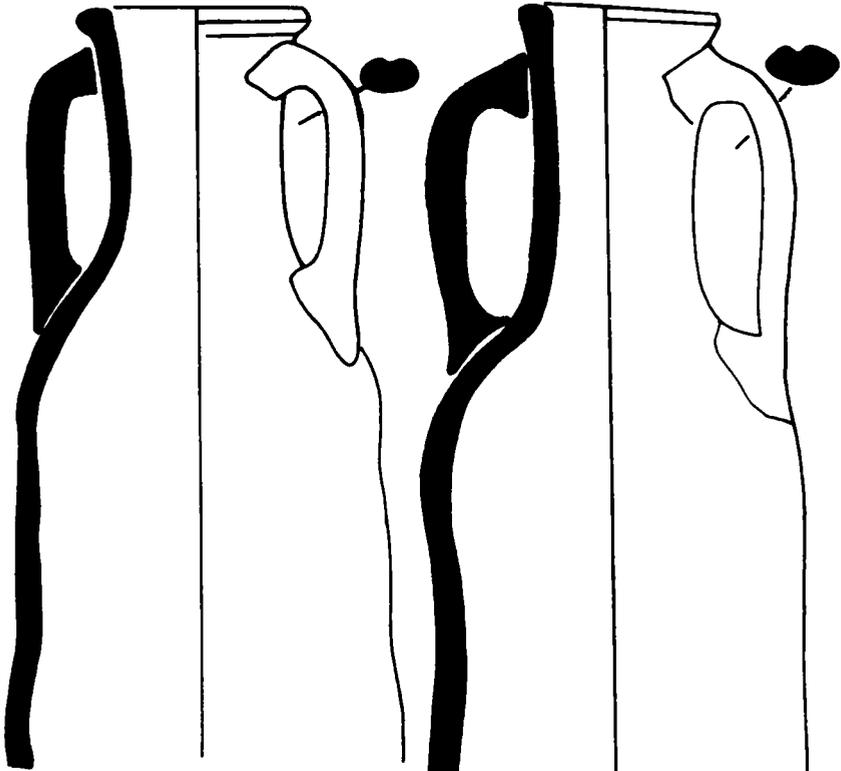




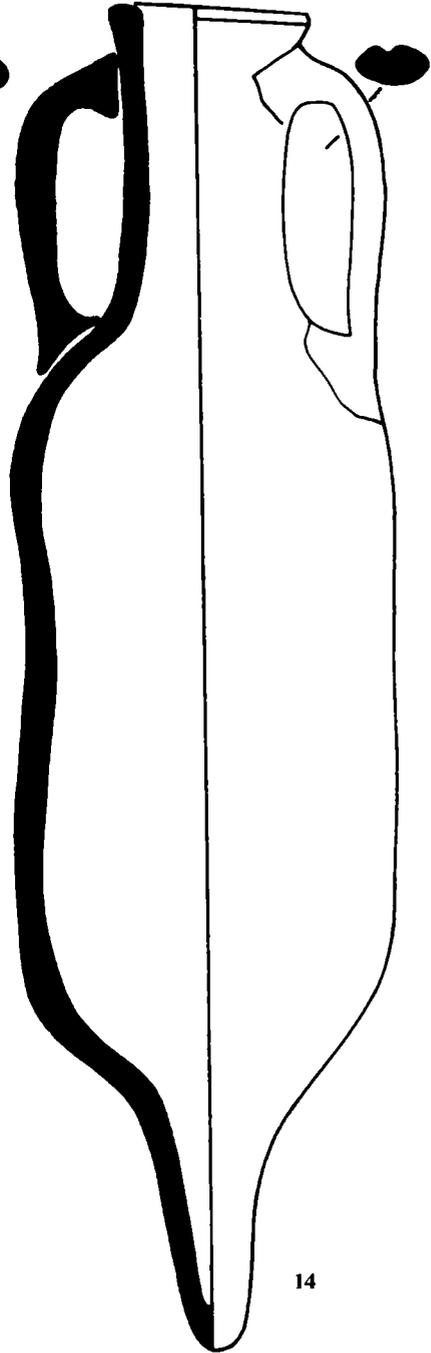








13



14

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alarcão, Adília, 3, 13, 18, 28, 32, 35, 43, 51, 61, 68, 73, 75, 76, 78, 84, 102.
----, Jorge, 3, 13, 18, 19, 28, 32, 35, 43, 51, 61, 68, 73, 75, 76, 78, 84, 102.
Albintimilium, 30, 36, 79, 87.
Alentejo, 7, 8, 43, 78.
----- Vide também: *Baixo Alentejo*.
Algares, colina, 3.
Aljustrel — *Baixo Alentejo*, 1, 2, 7, 8, 26, 33, 35, 40, 43, 47, 59, 78, 79, 84.
Almagro, M., 19.
Almeida, J.A. Ferreira de, 21, 26, 38, 87.
Amatller, 35.
Ampúrias, 19, 87.
Andrade, Rui Freire d', 1, 2, 3, 7, 23.
/w/, *Pantagatus C.*, oleiro, 54.
Antoninos, imp., 59.
Apt — *Vaucluse*, 102.
Aragão, Teixeira de, 51.
Aramenha, 78.
/Ira (Torre de) — Vide: *7brr* de */Ira*.
Arms, oleiro, 11.
^rva, hoje Peña de la Sal — *Sevilha*, 43.
Atenas, 87, 103.
Augius, vidreiro, 42, 43.
Augusto, imp., 7, 18, 26, 29, 35, 37, 40, 48, 54, 75, 76, 84, 97, 102.

B

Baixo Alentejo, 2.
Balsa — *Tavira*, 51.
Baradez, J., 40, 47.
Bargates, 26.
Barsy, Leon R. de, 1, 7.
Beja, 2, 18, 36.
Bensafrim — *Algarve*, 35.
Bérard, G., 59.
Biblioteca Nacional de Lisboa, 26.
Blals, 102.
Bogaers, J. E., 47.
Bonsor, G., 30, 43, 47, 79.
Boube, Jean, 43.
Boyer, R., 102.
Braat, 28.
British Museum, 25.
Bronchales, oficina, 60.
Brooner, 21.

C

C. /lw«, *Pantagatus*, oleiro, 54.
Cacém (S. Tiago), 18.
Calvatone — *Lombardia*, 87.
Calvi, M. Carina, 48.
Cambridge, 13.
Camulodunum, 54.
Cantillana, antiga Naeva — *Sevilha*, 43.
Carmona — *Espanha*, 30, 47, 79.

Carreira, José Conduto, 1.
Carus, oleiro, 45.
Castelo Branco, 26.
Chellah, antiga Sala — Marrocos, 43.
Chipre, 13, 15, 52, 59.
Cimiez, 33.
Clairmont, Ch. W., 13.
Cláudio, imp., 11, 18, 19, 28, 30, 47, 55, 59, 63, 64, 68, 76, 84, 90, 98, 102.
Colecção Amattler, 35.
 — *Elias Garcia* — Castelo Branco, 26.
 — *particular do Snr. António Eusébio Maçãs* — Portalegre, 78.
Colónia, 55, 59, 84.
Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (XXIII), 3.
Conimbriga, I, 13, 18, 30, 36, 51, 79.
Córdova, 47.
Curium — Chipre, 13.

D

Diana, deusa, 80.
Distrito mineiro de Vipascum, 1.
Domergue, Claude, 2.
Doppelfeld, 51.
Dragendorff, 11, 19, 28, 29, 32, 33, 35, 39, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 54, 55, 63, 64, 68, 76.
Dressel, 26, 38, 40, 56, 59, 79, 84, 98, 103.
Dumoulin, 102.
Dura-Europos, 13, 52.

E

Eivas, 7, 9, 18, 28, 78.
Espanha, 43.
Este, 33.
Ettlinger, E., 18, 30, 47, 79, 102.
Évora, 26.

F

Faculdade de Ciências do Porto, 7.
Faro, 26.
Far robo — Aljustrel, 2.
Felmann, R., 48, 55.
Ferreira, Octávio da Veiga, 2, 3, 7, 23.
Figueira da Foz, 7, 68, 73.
Fitzmlliam Museum — Cambridge, 13.
Flávios, imp., 19, 27, 55, 78, 91, 98, 102.
Fonte Velha, 73.
Fremersdorf, Fritz, 28, 55, 58, 59, 84.
Fundação da Casa de Bragança, 19, 28.

G

Garcia, Elias, 26.
Garcia y Bellido, 28, 43.
Gonçalves, António, 1.
Gose, 11.
Gudiol, J., 35.

H

Haken, R., 56.
Haltern, 35, 97.
Harden, D. B., 13, 34.
Hawkes, 44, 54, 55.
Heidelberg, 37.
Herdade do Padrão, 43.
Herminio (Monte) — Vide: *Monte Herminio*
Heukemes, 37.
Horta das Pinas — Eivas, 28, 43, 64, 66.
Hull; 44, 54, 55.

I

Ibis a, 18.
Instituto de Alta Cultura, 7.
 — *Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto*, 7.

- Isings*, 27, 32, 34, 40, 43, 47, 48, 50, 51, 55, 59, 61, 70, 74, 75, 77, 84, 99, 102.
Isis, deusa, 80.
Italica, 43.
Iványi, D., 80.
- J
- Jordan*, P. Atrian, 61.
- K
- Kisa, 28, 34, 59.
- L
- La Calade* — Var, 59.
La Graufesenque, 11, 28, 45.
Lagos — Algarve, 7, 87.
Lamboglia, N., 9, 18, 20, 21, 30, 36, 37, 61, 66, 79, 87.
Lerat, L., 17, 80.
Lincoln — Inglaterra, 34.
Lisboa, 26.
Loeschcke, S., 26, 38, 55, 84, 97, 98, 102, 103.
Lombardia, 87.
Loaw, Jacques, 1, 7.
Lusitânia, 8, 26.
- M
- Maçãs*, António Eusébio — Portalegre, 78.
Marrocos, 43.
Mercado, L., 84.
Mérida, 18.
Mértola, 26.
Metropolitan Museum, 25.
Mezquiriz de Catalán, 28, 60, 78.
- Mina de Vipasca*, 3.
Minas de Aljustrel, 1, 2, 7.
Miróbriga — S. Tiago do Cacém, 18.
Monte Herminio (Serra de Portalegre), 68, 78.
Moreira, Eduardo Maria, 1.
Morin-Jean, 59.
Murranus, oleiro, 28.
Museo di Antichità di Turim, 48.
Museu Arqueológico de Córdova, 47.
-----*Mérida*, 18.
----- da *Fundação da Casa de Bragança*, 7, 8-9, 19, 28, 51.
----- do *Paço Ducal de Vila Viçosa* — Vide: *Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança*.
----- de *Carmona*, 47.
----- *Etnografia do Porto*, 7.
----- *Faro*, 26.
----- do *Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto*, 7.
----- das *Minas de Aljustrel*, 2, 8.
----- *Monográfico de Conimbriga*, 7.
----- *Municipal de Eivas*, 7, 9.
----- da *Figueira da Foz*, 7, 68, 73.
----- *Nacional de Arqueologia e Etnografia* — Lisboa, 2, 7, 26.
----- *Soares dos Reis*, 26.
----- *Regional de Beja*, 2.
----- *Évora*, 26.
----- *Lagos*, 7.
----- dos *Serviços Geológicos de Portugal*, 2, 8.
----- da *Sociedade Martins Sarmiento*, 7.
Museus — Vide também: *British Museum*, *Fitzwilliam Museum*, *Metropolitan Museum*, *Museo di Antichità di Turim*.
- N
- Naeva*, hoje Cantillana — Sevilha, 43.
Aero, imp., 11, 45, 63, 76.
Nijmegen, 40, 47.

O

Oleiro, J. M. Bairrão, 18.
Oliver Jr., Andrew, 25, 26.
Oswald, 19, 45.

P

Paço Ducal de Vila Viçosa, 7, 9.
Padrão (Herdade do) — Vide: *Herdade do Padrão*.
Padrãozinho — Vila Viçosa, 19.
Palentia (Paliintia), 60.
Paiol, P., 17, 26, 38, 56, 80, 98.
Pantagatus C. Anni, oleiro, 54.
Peña de la Sal, antiga Arva — Sevilha, 43.
Península Ibérica, 19.
Perennius, oleiro, 54.
Perlzweig, J., 80, 84, 103.
Peroguarda — Baixo Alentejo, 38.
P/KU (Horta das) — Vide: *Horta das Pinas*.
Pompeia, 32, 35, 43.
Ponsich, M., 14, 80, 102.
Portalegre, 68, 78.
Porto, 7.
Portugal, 1, 2, 3, 11, 21, 35, 43, 78, 84.
Próximo Oriente, 13.

R

Rasinius, oleiro, 54.
Renânia, 11.
Reprezas — Beja, 18, 36.
Ribeiro, F. Nunes, 18, 36, 38.
Rfcoir, J. Y., 33.
Ritterling, 37, 39, 40, 45, 48, 54, 55, 97.
Safer, hoje Chellah — Marrocos, 43.

S

Sato Tiago do Cacém, 18.
Saturnus, oleiro, 54.
Selene, deusa, 80.
*Sera** ζfe *Portalegre* (Monte Hermínio), 68, 78.
Serrones — Elvas, 18, 36, 47, 70.
Serviços Geológicos de Portugal, 2, 8.
Severos, imp., 59.
Sev///fe, 35, 43.
Simonett, Ch., 18, 28, 37, 84.
Sociedade Martins Sarmiento, 7.
 ---- *Minas de Aljustrel*, 1, 7.

T

Tahadart, 102.
Tancis, 62.
Tavira, 51, 78.
7/tórw, imp., 7, 19, 26, 29, 37, 39, 40, 44, 45, 48, 55, 59, 64, 76, 84, 102.
Ticino, 18, 37, 84.
Tipasa, 47.
Tito, imp., 102.
7brre ζfe /ira — Tavira, 78.
Torres Novas, 18.
Trajano, imp., 9, 20, 52.
Transtagana — Aljustrel, 2.
7>fer, 59.
Troia — Setúbal, 51.
Turim, 48.

V

Vaison, 59.
Valdoca — Aljustrel, 1, 2, 3, 4, 7, 9, 11, 19, 26, 38, 56.
Fiar — França, 59.
*Fias*** — Chipre, 13.
Vasconcelos, Leite de, 78.

- Vegas*, Mercedes, 26, 56.
Ventimiglia, 33.
Vespasiano, imp., 28, 40, 68, 90.
Vessberg, O., 16, 52, 59.
K/ara, Abel, 2, 3, 8, 9, 18, 23, 36,
43, 47, 64, 66, 70.
K/Va 7, 9, 19, 28, 51.
Vindonissa, 18, 30, 47, 79, 102.
Vinnius, oleiro, 19, 68.
Vipasca, mina, 3.
- Vipascum*, distrito, 1.
K/vey *Escudero*, A., 18.
- W
- Watzinger*, 54.
Weinberg, 47.
- Y
- ypey, J., 47.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE GERAL

	Págs.
OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA e RUY FREIRE DE ANDRADE — <i>A necrópole de Valdoca</i>	1
JORGE ALARCÃO e ADÍLIA ALARCÃO — <i>O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)</i>	7
<i>índice remissivo</i>	105

(Página deixada propositadamente em branco)

**Composto e impresso na «Imprensa de Coimbra, L.da»
Largo de S. Salvador. 1 a 3 - COIMBRA**

(Página deixada propositadamente em branco)

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:

Casa do Castelo, Editora — Rua da Sofia, 47-49

Coimbra — Portugal

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehr erwünscht.*

